

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Centro de Artes e Comunicação – CAC
Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL

Aucilane Santos Aragão

**VARIAÇÃO NA PRODUTIVIDADE DE DIMINUTIVOS NA FALA DE ‘BOCA
ROSA’: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

RECIFE – PE
2025

AUCILANE SANTOS ARAGÃO

**VARIAÇÃO NA PRODUTIVIDADE DE DIMINUTIVOS NA FALA DE ‘BOCA
ROSA’: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da instituição de ensino superior Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, *campus* Recife, como requisito parcial obrigatório à obtenção do título de doutora em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Linha de pesquisa: Descrição e Análise estrutural e histórica de línguas

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo - UFPE

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Livia Oushiro - UNICAMP

RECIFE – PE
2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Aragão, Aucilane Santos.

Variação na produtividade de diminutivos na fala de 'Boca Rosa': uma análise sociolinguística / Aucilane Santos Aragão. - Recife, 2025.
110f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

Orientação: Marcelo Amorim Sibaldo.

Inclui referências.

1. Variação linguística; 2. Frequência de uso do sufixo diminutivo -(z)inho(a)(s); 3. Boca Rosa. I. Sibaldo, Marcelo Amorim. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

AUCILANE SANTOS ARAGÃO

**VARIAÇÃO NA PRODUTIVIDADE DE DIMINUTIVOS NA FALA DE ‘BOCA
ROSA’: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras – PPGL, da instituição de ensino superior
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE,
campus Recife, como requisito parcial obrigatório à
obtenção do título de doutora em Linguística.

Aprovado em: 03/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof.^a. Dr.^a. Livia Oushiro (Coorientadora)
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (Examinador Externo)
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes (Examinador Externo)
Universidade de São Paulo - USP

Prof. Dr. Déreck Kássio Ferreira Pereira (Examinador Externo)
Instituto Federal de Pernambuco - IFPE

Prof.^a Dr.^a Cláudia Roberta Tavares Silva (Examinador Interno)
UFPE/UFRPE

Dedico este trabalho a Deus, pela Sua graça e misericórdia sobre mim; à minha família pelo apoio inestimável; ao meu noivo pelo incentivo; ao meu orientador e coorientadora pela condução da pesquisa durante todo o processo; e a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta etapa tão importante da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Ti, Senhor, porque é pelas Suas misericórdias que se renovam a cada manhã que ousar sonhar. Reconheço que sem a Tua graça e provisão eu nada seria. Bendito seja o Teu nome em cada passo que eu der. Que a minha vida Te honre todos os dias porque “Tudo é do Pai. Toda honra e toda glória. É dEle a vitória alcançada em minha vida...”

Estendo os meus agradecimentos aos meus pais, Maria Vanda Marinho dos Santos Aragão e Heribaldo de Melo Aragão; à minha irmã, Lucimeire Santos Aragão; e, ao meu noivo, Diego Ribeiro dos Santos. Vocês são o meu suporte.

Meus sinceros agradecimentos à minha família e ao meu namorado pela compreensão da ausência em tantos momentos importantes que eu não pude estar presente. As renúncias realizadas a partir de algumas escolhas, muitas vezes, apesar de desafiadoras, foram mais fáceis porque sabia que vocês não só me apoiam, como são o meu próprio incentivo e me impulsionam a alçar cada voo.

Obrigada por segurarem as minhas mãos e me acolherem nas incertezas, nas angústias, nos anseios... pois, no meio de cada um deles, eu não temo ainda mais porque sei que tenho o colo de vocês em quaisquer que sejam as circunstâncias e isso não tem preço. Vocês são meu esteio, aconchego e força.

Agradeço por acreditarem em mim mais do que eu. Por vibrarem em cada conquista como se os sonhos fossem de vocês. E que no fundo, são mesmo. Agradeço por serem exemplos lindos de raízes profundas, de abrigos em dias tempestuosos; pela certeza que me passam que está tudo bem ou vai ficar... A vida é bem mais leve e doce por causa da existência de vocês. Amo vocês. Tudo isso só faz sentido porque os tenho comigo e em mim! “[...] Nunca um nó, sempre um laço” (Victor Érik).

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), *campus* Recife, pela coordenação competente, responsável e afetiva que desempenham nos cursos, aos docentes e aos discentes.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro concedido por meio da bolsa de doutorado da entidade, através da proposta de cooperação entre UFPE e UNICAMP.

Aos professores doutores, Livia Oushiro e Pablo Faria, da UNICAMP, por autorizarem minha participação em suas disciplinas. Foi um prazer conhecê-los e um

privilégio ser contemplada pela partilha de conhecimento de vocês. Agregou muito às minhas experiências.

Aos docentes do departamento de linguística do PPGLL pelo compartilhamento dos saberes acadêmicos na oferta de suas disciplinas com tanta maestria.

Ao meu orientador e coorientadora, Marcelo Amorim Sibaldo e Livia Oushiro, minha profunda gratidão pelo acompanhamento e orientações cuidadosas, precisas e eficientes, tornando esta tarefa menos árdua. Meu muito obrigada!

À banca examinadora da qualificação do projeto de tese, a professora doutora Carla Regina Martins Valle e o professor doutor Ronald Beline Mendes.

À banca examinadora da qualificação da tese, a professora doutora Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória e o professor doutor Ronald Beline Mendes, pelas considerações cuidadosas e pertinentes à minha pesquisa.

À banca examinadora da defesa da tese, a professora doutora Cláudia Roberta Tavares Silva, o professor doutor Déreck Kássio Ferreira Pereira, a professora doutora Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória e o professor doutor Ronald Beline Mendes, pelas valiosas contribuições.

Meus sinceros agradecimentos a todos que não foram citados, mas que de alguma maneira torceram, apoiaram, incentivaram e contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização dessa etapa exímia, uma vez que, citando Simone de Beauvoir “não há uma pegada do meu caminho que não passe pelo caminho do outro”.

Seja como for, o que é certo é que a nossa Língua é muito rica neste gênero de derivação (BARBOSA, 1822, p.120).

RESUMO

Esta pesquisa analisa a frequência do sufixo diminutivo *-(z)inho(a)(s)* na fala da influenciadora digital Boca Rosa, doravante BR, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]). O estudo investiga a variação desse sufixo ao longo do tempo, considerando variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas. Especificamente, examinamos a influência da Classe Gramatical (*substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, pronome, interjeição e numeral*) e da Semântica do Diminutivo (*denotativo ou conotativo*), bem como a relação entre a frequência do fenômeno e os fatores extralinguísticos Categoria do Vídeo (*tutorial, vlog, recebidos, comprinhas, cuidados com o cabelo, doc #MãeNaReal e outros*) e Ano de Publicação (2011-2023). O *corpus* utilizado é constituído por 50 vídeos do canal ‘Bianca Andrade’, na plataforma *YouTube*, compreendido como uma comunidade de práticas (Eckert; McConnell-Ginet, 1992), onde BR interage com seu público e agencia práticas linguísticas e significados sociais. Para as transcrições dos vídeos da nossa amostra, utilizamos o programa computacional ELAN (Hellwig; Geerts, 2013), o qual permite anotações de arquivos de áudio e vídeo. A análise quantitativa foi baseada na frequência relativa do diminutivo, expressa pelo número de ocorrências a cada mil palavras no *corpus*, a fim de identificar padrões de uso na fala da *youtuber*. A principal contribuição deste trabalho, em relação aos estudos anteriores sobre o uso do diminutivo na Sociolinguística Variacionista, está na abordagem de uma influenciadora digital como objeto de análise longitudinal. Ao investigar a fala de BR ao longo de mais de uma década de produção audiovisual, esta pesquisa possibilita observar a variação do fenômeno em um contexto de exposição pública contínua, atravessado por transformações pessoais e profissionais. A hipótese central que orienta a pesquisa é a de que a frequência de uso do diminutivo na fala da *youtuber* oscila ao longo dos anos, acompanhando tais mudanças em sua trajetória. De acordo com os dados obtidos, constatamos que BR utiliza o diminutivo com uma frequência maior no início do canal e essa frequência diminui e se estabiliza ao passar dos anos, acompanhando a mudança de imagem da *youtuber*, da adolescência, quando criou o canal aos 14 anos, à fase adulta, quando se tornou empresária de cosméticos femininos.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; frequência de uso do sufixo diminutivo *-(z)inho(a)(s)*; Boca Rosa

ABSTRACT

This research analyzes the frequency of the diminutive suffix -(z)inho(a)(s) in the speech of digital influencer Boca Rosa, hereinafter BR, in light of the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]). The study investigates the variation of this suffix over time, considering linguistic and extralinguistic variables. Specifically, we examine the influence of Grammatical Class (noun, adjective, adverb, verb, pronoun, interjection and numeral) and Diminutive Semantics (denotative or connotative), as well as the relationship between the frequency of the phenomenon and the extralinguistic factors Video Category (tutorial, vlog, received, shopping, hair care, #MãeNaReal doc and others) and Year of Publication (2011-2023). The corpus used consists of 50 videos from the 'Bianca Andrade' channel on the YouTube platform, understood as a community of practices (Eckert; McConnell-Ginet, 1992), where BR interacts with her audience and manages linguistic practices and social meanings. To transcribe the videos in our sample, we used the ELAN software (Hellwig; Geerts, 2013), which allows annotations of audio and video files. The quantitative analysis was based on the relative frequency of the diminutive, expressed by the number of occurrences per thousand words in the corpus, in order to identify patterns of use in the YouTuber's speech. The main contribution of this work, in relation to previous studies on the use of the diminutive in Variationist Sociolinguistics, is in the approach of a digital influencer as an object of longitudinal analysis. By investigating BR's speech over more than a decade of audiovisual production, this research makes it possible to observe the variation of the phenomenon in a context of continuous public exposure, crossed by personal and professional transformations. The central hypothesis guiding the research is that the frequency of use of the diminutive in the YouTuber's speech fluctuates over the years, following such changes in her career. According to the data obtained, we found that BR uses the diminutive more frequently at the beginning of the channel and this frequency decreases and stabilizes over the years, following the change in the YouTuber's image, from adolescence, when she created the channel at the age of 14, to adulthood, when she became a businesswoman in women's cosmetics.

KEYWORDS: Linguistic variation; frequency of use of the diminutive suffix -(z)inho(a)(s); Boca Rosa

RESUMEN

Esta investigación analiza la frecuencia del sufijo diminutivo -(z)inho(a)(s) en el habla del influenciador digital Boca Rosa, en adelante BR, a la luz de los presupuestos teórico-metodológicos de la Sociolingüística Variacionista (Labov, 2008 [1972]). El estudio investiga la variación de este sufijo a lo largo del tiempo, considerando variables lingüísticas y extralingüísticas. En concreto, examinamos la influencia de la clase gramatical (sustantivo, adjetivo, adverbio, verbo, pronombre, interjección y numeral) y la semántica diminutiva (denotativa o connotativa), así como la relación entre la frecuencia del fenómeno y los factores extralingüísticos Categoría del vídeo (tutorial, vlog, recibido, compras, cuidado del cabello, doc #MãeNaReal y otros) y Año de publicación (2011-2023). El corpus utilizado está compuesto por 50 vídeos del canal ‘Bianca Andrade’, de la plataforma YouTube, entendido como una comunidad de prácticas (Eckert; McConnell-Ginet, 1992), donde BR interactúa con su audiencia y gestiona prácticas lingüísticas y significados sociales. Para la transcripción de los vídeos de nuestra muestra, utilizamos el programa informático ELAN (Hellwig; Geerts, 2013), que permite realizar anotaciones de archivos de audio y vídeo. El análisis cuantitativo se basó en la frecuencia relativa del diminutivo, expresada por el número de ocurrencias por cada mil palabras en el corpus, con el fin de identificar patrones de uso en el habla del YouTuber. La principal aportación de este trabajo, en relación a estudios previos sobre el uso del diminutivo en la Sociolingüística Variacionista, está en el enfoque del influencer digital como objeto de análisis longitudinal. Al investigar el discurso de BR a lo largo de más de una década de producción audiovisual, esta investigación permite observar la variación del fenómeno en un contexto de continua exposición pública, atravesado por transformaciones personales y profesionales. La hipótesis central que guía la investigación es que la frecuencia de uso del diminutivo en el discurso de la youtuber fluctúa a lo largo de los años, siguiendo dichos cambios en su trayectoria. Según los datos obtenidos, encontramos que BR utiliza con mayor frecuencia el diminutivo al inicio del canal y esta frecuencia disminuye y se estabiliza con el paso de los años, siguiendo el cambio de imagen de la YouTuber, desde la adolescencia, cuando creó el canal a los 14 años, hasta la edad adulta, cuando se convirtió en empresaria de cosmética femenina.

PALABRAS CLAVE: Variación lingüística; frecuencia de uso del sufijo diminutivo -(z)inho(a)(s); Boca rosada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. FENÔMENO EM ESTUDO	19
1.1. Diminutivo: descrição histórica nas línguas românicas	19
1.1.1. Formação dos diminutivos e funções semânticas dos diminutivos	19
1.1.2. Frequência/produtividade de uso	21
1.2. Diminutivo: gramáticas tradicionais prescritivas/normativas <i>versus</i> linguistas	23
1.3. Diminutivo: estudos variacionistas.....	30
2. REFERENCIAL TEÓRICO	38
2.1. Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológicos.....	38
2.2. Comunidade de práticas.....	47
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	66
3.1. Comunidade de práticas pesquisada e constituição do <i>corpus</i>	66
3.2. Transcrição e codificação dos dados	69
3.3. Variável dependente, variáveis independentes e hipóteses	72
3.4. Tratamento quantitativo.....	81
4. ANÁLISE DOS DADOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	83
4.1. Análise: variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Interações dos inscritos nos comentários dos vídeos de BR.....	49
Figura 2: Bordões de BR	51
Figura 3: Atuação de BR para contextualizar o tema do tutorial	52
Figura 4: Comentários das seguidoras de BR sobre as encenações introdutórias nos vídeos antigos	53
Figura 5: Comentários criticando as mudanças de BR.....	55
Figura 6: Comentários sobre o interesse em comum: maquiagem	57
Figura 7: Comentários nos vídeos de BR sobre relatos de experiências, informações, conhecimentos	59
Figura 8: <i>Layout</i> do canal ‘Bianca Andrade’	66
Figura 9: Algumas <i>playlists</i> dos vídeos postados por BR	67
Figura 10: Transcrição de vídeo de BR no ELAN	71

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Principais sufixos diminutivos no PB	26
Quadro 2: Descrição dos vídeos selecionados	68
Quadro 3: Variáveis Independentes Extralinguísticas: Categoria do Vídeo e Ano de Publicação	78
Tabela 1: Frequência de diminutivos (por mil palavras) da variável linguística “Classe Gramatical”	83
Tabela 2: Frequência de diminutivos (por mil palavras) da variável linguística: “Semântica do Diminutivo”	87
Tabela 3: Frequência de diminutivos (por mil palavras) da variável linguística: “Categoria do Vídeo”	90
Tabela 4: Frequência de diminutivos (por mil palavras) da variável linguística: “Ano de Publicação”	96

INTRODUÇÃO

Manuais de gramática normativa apresentam o diminutivo no Português Brasileiro, doravante PB, como um recurso linguístico produtivo (Cegalla, 1994; Martos e Mesquita, 1999; Bechara, 2009; Pestana, 2013). Esses gramáticos salientam ainda que, apesar de o diminutivo ter seu sentido aplicado a um grau de tamanho reduzido, há outras significações além dessa, com sentido apreciativo ou depreciativo a depender da situação comunicativa. Em concordância, Basílio (2022, p. 67) afirma que a formação sufixal de grau no PB, pode ter uma função *expressiva*, marcando afetividade ou pejoratividade; ou *denotativa*, caracterizando o tamanho de um ser ou objeto. A vigente pesquisa observou, durante a coleta e análise dos dados, o que Bizzocchi (2011, p. 28) expõe sobre a língua falada ser marcada significativamente pela alta produtividade na formação de grau.

A despeito da diversidade de sufixos diminutivos no PB, conforme demonstrado na literatura e apresentado na seção 1.2 (Cegalla, 1994; Bechara, 2009; Cunha & Cintra, 2017; Santana, 2017; Mattoso Câmara Jr, 1970; Koch & Elias, 2006), estudos sobre o tema apontam o sufixo *-(z)inho(a)(s)* como o mais produtivo (Silva, 1989; Scherre, 1998; Castilho, 2014). Diante disso, a presente análise concentra-se exclusivamente nessas duas formas, cuja escolha se justifica pela alta produtividade desses sufixos observada também no *corpus* analisado.

A seguir, exemplificam-se ocorrências da variante no *corpus* desta pesquisa:

- a) *-inho(a)(s)*: "quando a gente foi ver... a embalagem era mais cara porque é uma embalagem mais *pesadinha*";
- b) *-zinho(a)(s)*: "então são detalhezinhos que eu acho/ eu gosto de contar".

Apesar da ampla investigação do diminutivo em diferentes níveis gramaticais, a saber, fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e prosódico, há uma defasagem de estudos variacionistas sobre o fenômeno, especialmente no que se refere a abordagens quantitativas que analisem sua frequência relativa em contextos de fala espontânea. Esse enfoque permite uma análise que melhor compreende a realidade do fenômeno dentro do nosso *corpus*, cujo uso não é tratado apenas como uma escolha binária entre sua realização ou não realização. Dessa forma, a abordagem proposta neste estudo contribui para a expansão dos estudos variacionistas sobre o diminutivo, oferecendo uma alternativa metodológica que possibilita a identificação de padrões na

distribuição de usos. Desse modo, este trabalho tem por objetivo central analisar a variação na frequência de ocorrências do sufixo diminutivo *-(z)inho(a)(s)* na fala de Boca Rosa, doravante BR, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) a fim de identificar padrões de uso do fenômeno na fala da *youtuber* ao longo dos anos, observando se há contextos específicos em que essa forma ocorre com maior ou menor frequência. A partir disso, objetivamos especificamente: (i) examinar a influência de variáveis linguísticas (Classe Gramatical e Semântica do Diminutivo) nas realizações do sufixo diminutivo; e, (ii) investigar a relação entre variáveis extralinguísticas (Categoria do Vídeo e Ano de Publicação) nas ocorrências do fenômeno. A produtividade do sufixo é medida em número de ocorrências da forma de diminutivo a cada mil palavras, permitindo identificar padrões de distribuição no uso linguístico de BR em função de fatores linguísticos e extralinguísticos.

BR é como, popularmente, a carioca Bianca Andrade é conhecida. Apaixonada por maquiagem, criou um *blog* em 2011, aos 14 anos, para dar dicas de beleza, migrando rapidamente para o *YouTube* devido ao sucesso de seus conteúdos sobre beleza feminina. A *youtuber* se destacou no nicho de maquiagem por ensinar técnicas criativas com produtos acessíveis. Em 2018, lançou sua marca de maquiagem em parceria com a *Payot*, alcançando grande sucesso e, posteriormente, financiando sua própria linha, consolidando-se como empresária e influenciadora digital.

Dentro da perspectiva da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), assume-se que a língua não pode ser dissociada dos contextos extralinguísticos nos quais está inserida. Fatores históricos, culturais, ideológicos e socioeconômicos exercem influência sobre seu uso, promovendo variação e mudança. Isso ocorre porque a língua é um sistema heterogêneo, dinâmico, sujeito a transformações, e não uma estrutura fixa e imutável. Dessa forma, embasa o presente estudo a noção de comunidade de práticas como espaço de socialização e identificação aos usuários (Eckert, 2000), tendo em vista que este estudo está alicerçado em um escopo em que língua, atividades linguísticas e comunidade de práticas se relacionam.

A noção de comunidade de práticas (Eckert; McConnell-Ginet, 1992) enfatiza que os falantes constroem significados e padrões linguísticos em interações dentro de um grupo social. Nas mídias sociais, como o *YouTube*, essa interação se dá por meio de

comentários, *feedbacks*, *likes*, compartilhamentos do conteúdo, isto é, na forma de engajamento, como veremos na seção 2.3 deste estudo.

Embora não examinemos um conjunto de falantes dentro de uma comunidade, sua viabilidade está no reconhecimento de que a linguagem não ocorre de maneira isolada, uma vez que a linguagem de qualquer pessoa é moldada por interações sociais. Ou seja, ao analisar a fala de BR, estamos, indiretamente, observando as normas e tendências linguísticas da comunidade que ela integra e com a qual interage regularmente com o seu público. Ainda que esta análise se concentre em uma única falante, reconhecemos que sua linguagem reflete tendências da comunidade linguística à qual pertence, pois os traços individuais resultam de processos coletivos e emergem de padrões linguísticos compartilhados. A fala de BR é parte desse processo coletivo, pois, ao atuar como uma figura central em sua comunidade de práticas, se utiliza de estratégias linguísticas que reforçam a conexão com seus seguidores.

A amostra desta pesquisa é constituída de 50 vídeos selecionados, até julho de 2023, no canal ‘Bianca Andrade’, na plataforma virtual *YouTube*, compreendido como uma comunidade de práticas onde BR e seus inscritos se relacionam, realizam atividades e interagem por meio delas, tendo em vista que, em comunidades de práticas, os membros se engajam em atividades compartilhadas e desenvolvem repertórios linguísticos próprios (Wenger, 1998).

Os vídeos que constituem o *corpus* analisado foram transcritos no programa computacional ELAN, as ocorrências do fenômeno foram extraídas, codificadas e, em seguida, os dados foram quantificados a fim de alcançarmos os objetivos propostos.

A presente investigação está organizada em quatro seções.

Na primeira seção, descrevemos o percurso histórico do diminutivo nas línguas românicas; mostramos como a formação sufixal derivacional do fenômeno é apresentado nas gramáticas normativas/prescritivas *versus* como os linguistas a concebem no PB e apresentamos uma resenha de estudos sociolinguísticos variacionistas sobre o diminutivo (Mendes, 2007, 2012; Cruz & Azevedo, 2018; Pinheiro, 2021; Rodrigues, 2015). Nosso intuito, nesta seção, é oferecer uma visão panorâmica para melhor compreendermos o fenômeno em estudo.

Na segunda seção, apresentamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), enfatizando não somente a variação linguística, mas também problematizando a definição de variável no estudo do nível morfossintático da língua (Lavandera, 1978; Labov, 1978; Buchstaller, 2009), evidenciando aspectos que possibilitem o enquadramento do fenômeno em estudo na Sociolinguística Variacionista, discutindo a possibilidade de operacionalizar o nosso objeto de estudo como regra variável; além disso, apresentamos também o que configura uma comunidade de práticas (Lave, Wenger, 1991; Wenger, 1998; Eckert & McConnell-Ginet, 1992; Mendoza, 2008) e apresentamos resenhas de estudos variacionistas em comunidade de práticas (Santana, Andrade & Freitag, 2015; Pecuch & Pereira, 2023; Tavares, 2019) e explicamos o que entendemos por comunidade de práticas não prototípica. Nosso intuito, nesta seção, é apresentar os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista; fundamentar o canal da *youtuber* BR como uma comunidade de práticas, espaço de construção e negociação de práticas linguísticas e extralinguísticas; e, situar a presente pesquisa dentro de uma linha de estudos já consolidada, com resenhas de estudos em comunidades de práticas.

Na terceira seção, descrevemos os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa, traçamos o perfil da comunidade de práticas estudada e como se deu a constituição do *corpus*, detalhamos os procedimentos de transcrição e codificação dos dados, apresentamos também a variável dependente e as variáveis independentes controladas como potenciais condicionadoras da variação em estudo e as hipóteses que direcionaram a seleção das variáveis independentes; e, descrevemos como o tratamento quantitativo dos dados foi operacionalizado. Nosso intuito, nesta seção, é delinear com clareza o percurso metodológico da pesquisa, garantindo transparência, rigor científico e replicabilidade, demonstrando como os dados foram selecionados, transcritos, codificados e operacionalizados, estabelecendo a base empírica sobre a qual se sustentam os resultados e discussões.

A quarta seção apresenta as análises qualitativa e quantitativa dos dados com os resultados e discussões do que foi possível verificar com o estudo variacionista da frequência do diminutivo na fala de BR. Nosso intuito, neste capítulo, é expor os achados sobre a produtividade do diminutivo *-(z)inho(a)(s)* no *corpus* analisado, examinar se as hipóteses formuladas no capítulo metodológico se confirmam ou não,

com base na análise quantitativa e interpretativa dos dados e relacionar os resultados da nossa análise com os achados dos estudos resenhados na seção 1.3.

Por fim, tecemos as considerações finais acerca do estudo realizado.

1.1. FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo, discutiremos a origem, formação e significados do diminutivo, para contextualizar sua relevância no escopo da pesquisa sociolinguística variacionista.

1.1. Diminutivo: descrição histórica nas línguas românicas

O diminutivo no PB tem raízes no latim vulgar, onde sufixos, como *-ulus* e *-ulusculus*, já desempenhavam funções semelhantes. Estudos diacrônicos investigam como esses sufixos evoluíram e como o PB difere de outras línguas românicas nesse aspecto. As diferenças no uso de diminutivos entre o PB e outras línguas românicas como o espanhol, italiano, francês e romeno decorrem tanto de aspectos formais e semânticos quanto de frequência/produtividade de uso.

1.1.1. Formação dos diminutivos e funções semânticas dos diminutivos

No latim vulgar, os diminutivos derivavam de sufixos como *-ulus*, *-ula*, *-ulum*, que indicavam uma redução literal ou expressavam afeto, por exemplo: *lúpus* ("lobo") → *lupulus* ("lobinho"). Esses sufixos eram adicionados a substantivos e adjetivos, com mudanças fonológicas que se intensificaram na transição para as línguas românicas. As terminações *-illus*, *-illa* e *-illum* são consideradas resultado de uma adaptação latina de formas indo-europeias que enfatizavam suavidade ou carinho. Meillet (1937) argumenta que esses sufixos refletem uma inovação latina, possivelmente com influências internas e externas, como a interação com dialetos itálicos.

Os diminutivos latinos foram transmitidos para as línguas românicas, mas não sem mudanças. Os linguistas destacam como as mudanças fonéticas influenciaram os sufixos diminutivos. Grandgent (1907) apontou que as adaptações fonológicas em cada região latina moldaram a forma final dos sufixos diminutivos nas línguas românicas, enquanto Meillet (1937) observa que a simplificação fonética e a expansão funcional resultaram em sistemas modernos que mantêm a dualidade semântica e pragmática dos diminutivos latinos.

De acordo com Ernout & Meillet (1959), os sufixos diminutivos no latim eram morfemas derivacionais que não apenas indicavam tamanho, mas também carregavam

nuances emocionais e estilísticas. Além da função semântica básica, os diminutivos latinos evoluíram para carregar sentidos pragmáticos. Por exemplo, afetividade: *filius* (filho) → *filiolus* (filhinho, querido); ironia ou depreciação: *homo* (homem) → *hominulus* (homenzinho, de pouca importância). Assim, Ernout & Meillet (1959) apontam que a noção de redução é central no latim clássico e vulgar, mas que, nas línguas românicas, essa função foi ampliada com novos significados pragmáticos. Além desses sentidos de diminutivos nas línguas românicas, Hofmann (1958 [1926]) destaca o sentido pejorativo no uso de diminutivos no latim, incluindo também o emprego semântico de ironia e desprezo, utilizado para depreciar algo, alguém ou uma situação.

No PB, o sufixo predominante é *-inho / -inha*, derivado do latim vulgar (*diminutivus*) e adaptado do sufixo latino *-inus / -ina*. Há também o uso de *-zinho / -zinha* para maior afetividade (Tarallo, 1985) ou adaptação fonológica (Benedetti, 2004), especialmente em palavras terminadas em *r, s* e vogal tônica como *café* → *cafezinho*; *flor* → *florzinha*. Quanto às funções pragmáticas, os diminutivos no PB são amplamente utilizados com sentido de como suavização (*quer um cafezinho?*), afeto (*mamãezinha/mainha*), ou até desprezo (*esse povinho ainda teve coragem de ovacionar um discurso daquele*), além do sentido literal (*pouquinho*).

Meyer-Lübke (1890) destaca que, no espanhol, os sufixos mais comuns são *-ito / -ita*, gerado do latim *-ittus*, com variantes regionais como *-illo / -illa*, exemplos: *niño* → *niñito / niñillo*; *flor* → *florecita*. Quanto aos sentidos, tanto no espanhol quanto no italiano, os diminutivos tendem a ser mais literais (diminuição de tamanho) ou de afetividade (demonstração de carinho), embora também possam ter conotação irônica em contextos específicos.

Serianni (1989) destaca que, no italiano, o sufixo diminutivo mais frequente é *-ino/-ina*, mas há outras variações, como *-etto/-etta* e *-ello/-ella*, cada uma com nuances semânticas distintas. Por exemplo, na palavra *bambino*, é possível formar *bambinino* e *bambinetto*. O primeiro, embora raro, enfatiza a ideia de uma criança muito pequena, podendo soar carinhoso ou até exagerado. Já *bambinetto* é mais comum e neutro, indicando uma criança pequena de forma objetiva, mas podendo carregar um leve tom

Além disso, Serianni (1989) observa que os sufixos *-etto/-etta* frequentemente conferem um tom afetivo ou irônico, dependendo da palavra e da situação, enquanto -

ello/-ella pode transmitir delicadeza e ternura, mas também ser usado de forma descritiva, sem forte carga emocional. Assim, a escolha do diminutivo no italiano não depende apenas da morfologia da palavra, mas também da intenção comunicativa do falante e do contexto discursivo.

Diego e Herrero (2016) afirmam que, no francês moderno, não se utilizam diminutivos com a mesma frequência que outras línguas românicas. A simplificação fonética reduziu o sistema a formas como *-et / -ette* e *-elet / -elette*, mas são mais literários ou antigos (Meyer-Lübke, 1908), exemplos: *fleur* → *fleurette* (poético); *livre* → *livret*. Isto é, os usos são mais restritos ao sentido literal ou estilístico em gêneros literários ou poéticos.

No romeno, o diminutivo usa sufixos como *-el / -elă* ou *-iș / -ișoară*, com variações regionais, exemplos: *băiat* → *băiețel* (menininho); *floare* → *floricică* (florzinha). Sala (1988) discute o papel do romeno como um preservador de traços latinos, incluindo a funcionalidade semântica dos diminutivos, cujos significados têm funções afetivas e pragmáticas diversas, como expressar carinho ou suavizar interações sociais.

1.1.2. Frequência/produtividade de uso

Brugmann (1904) sugere que os sufixos *-ulus, -ula, -ulum -illus, -illa e -illum* foram integrados ao sistema nominal do latim com alta produtividade, sendo uma das marcas mais comuns da derivação diminutiva, exemplo: *-ellus, -ella, -ellum*, que são formas posteriores às supracitadas. Eles surgiram como variações desses sufixos diminutivos mais antigos e passaram a ser usados com maior frequência no período do Latim Tardio (a partir do século III d.C.). Acredita-se que *-ellus, -ella, -ellum* tenham se desenvolvido a partir de *-ulus* e *-illus*, possivelmente por reforço fonético ou analogia morfológica, já que os diminutivos eram extremamente produtivos no latim. Essa transição foi parte das mudanças que prepararam o caminho para a formação das línguas românicas. Em várias dessas línguas, os sufixos diminutivos derivados desse sistema continuaram a evoluir e a se diversificar.

No latim vulgar, os diminutivos se tornaram mais frequentes e passaram a se diversificar em contextos populares. Os sufixos originais foram fonologicamente adaptados, levando a variações regionais que evoluíram para os sistemas das línguas românicas. Maiden (2013) afirma que as línguas românicas variam em produtividade do diminutivo.

Estudos apontam que o PB faz usos mais produtivos de diminutivos em comparação ao PE. A diferença pode ser observada tanto na quantidade quanto na variedade de diminutivos usados no dia a dia, com nuances de afetividade, informalidade e até humor. Alguns estudos que abordam essa diferença incluem Benedetti (2004) e Tarallo (1985).

Castilho (2014) afirma que no PB, por exemplo, o sistema diminutivo é altamente produtivo, indo além do significado literal. Eles são usados para expressar: carinho (*casinha, amorzinho*); ironia ou menosprezo (*poetinha* de forma crítica); abrandamento ou suavização (*tristinho*, em vez de apenas *triste*). Em línguas como o português, muitas formas diminutivas foram lexicalizadas, ganhando significados independentes. Por exemplo, *toalhinha* ou *livrinho* podem ser usados sem qualquer referência direta ao tamanho. Isto é, uma pessoa pode entregar a maior toalha de banho que existe para um hóspede e dizer que a “toalhinha” entregue é para ela usar na estadia em sua casa. A demonstração afetiva no uso do diminutivo não está ligada ao tamanho da toalha, mas à carinhosa recepção de um anfitrião.

No espanhol, o uso de diminutivos também é muito frequente (Meyer-Lübke, 1890), sobretudo no espanhol da América Latina, mas com ênfase no sentido literal ou afetivo, como: *perrito* (cachorrinho, com conotação carinhosa). O uso irônico é menos comum que no PB.

No italiano, o uso de diminutivos é menos frequente, sendo mais comum na linguagem coloquial e mais restrito ao uso literário ou infantil (Serianni, 1989) e frequentemente carrega afeição, humor ou descrição de tamanho. Contudo, seu uso exagerado pode soar infantil ou jocoso.

Posner (1996) afirma que, no francês moderno, o uso de diminutivos possui pouca frequência no dia a dia. O efeito carinhoso ou descritivo é mais frequentemente expresso por outras palavras ou construções (*petit livre* para “livrinho”). O autor explica

que esse fato reflete uma preferência por construções analíticas ou adjetivos para expressar diminuição (*petit livre* “livro pequeno”, em vez de *livret* “livreto”).

Já no romeno, o diminutivo é muito usado (Meyer-Lübke, 1890), especialmente na fala coloquial, muitas vezes associado a conotações emocionais específicas, expressando carinho, familiaridade ou até mesmo tamanho pequeno. O sufixo *-el/-elă* é amplamente usado para expressar carinho, enquanto *-uș /-ușa* pode ter conotações mais literárias.

Dessa forma, enquanto línguas como o português e o espanhol mantêm alta produtividade e funções diversificadas, outras, como o francês, adotaram formas mais limitadas ou analíticas. Nessa perspectiva, Geert Booij (2012) observa que os sufixos diminutivos são mais produtivos em línguas que mantêm uma estrutura flexional rica, pois permitem combinações regulares com diferentes classes de palavras.

1.2. Diminutivo: gramáticas tradicionais prescritivas/normativas versus linguistas

Nesta seção, apresentaremos as concepções que as gramáticas tradicionais e os linguistas têm acerca do diminutivo no PB. De modo geral, os diminutivos são formas morfológicas derivadas cujos sentidos carregam valores pragmáticos adicionais, além de gramatical.

A gramática de Cegalla (1994) apresenta o diminutivo como sufixo derivacional isoladamente insignificativo, mas acrescentado a um radical, forma uma nova palavra. Ao mesmo tempo que pode alterar a significação do vocábulo originário (*dente - destista*), pode ainda mudar-lhe a classe gramatical (*ponta - pontudo*), o gênero (*boi - boiada*) ou o grau (*gato - gatinho, frio - friíssimo*).

Cegalla (1994, p.103) lista alguns sufixos, no entanto sem destacar os mais usuais no PB: *-acho* (riacho), *-ejo* (lugarejo), *-ela* (ruela), *-eta* (saleta), *-ete* (artiguete), *-eto* (poemeto), *-ico* (burrico), *-iço* (aranhiço), *-isco* (chuvisco), *-zinho* (animalzinho), *-inho* (dedinho), *-ito* (pequenito), *-zito* (pezito) *-im* (espadim), *-ola* (fazendola), *-ota* (casota), *-ote* (velhote), *-ulo* (glóbulo), *-culo* (montículo), *-ula* (flâmula), *-(c)ula* (gotícula), *-ucho* (papelucho). Quanto aos significados, o gramático expõe que juntamente com a noção de redução atribuída aos diminutivos, alguns vocábulos expressam “acentuada

tonalidade depreciativa”, a exemplo de: *gentinha*, *povinho*, *governicho*. Podendo imprimir também sentido de afetividade, como em: *filhinho*, *paizinho*, *pezito*, *pequenito*.

Na gramática de Bechara (2009), o diminutivo é concebido como sufixo derivacional, a fim de apresentar um significado de diminuição ao substantivo, exemplo: “homem – homenzinho”. Bechara (2009) observa que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) confundiu as noções de flexão e derivação, estabelecendo dois graus de significação do substantivo: aumentativo e diminutivo. Entretanto, apresenta que a derivação gradativa do substantivo se realiza por meio de dois processos, provando que a formação do diminutivo se dá mediante derivação, e não de flexão, a saber: sintético e analítico.

Na formação sintética, o substantivo é acrescido de um sufixo derivacional diminutivo, exemplo: “homenzinho” (-*zinho*). Já na formação analítica, há o emprego de uma palavra de diminuição após o substantivo, exemplo: homem pequeno. O gramático justifica que a flexão se processa de forma sistemática e obrigatória em toda uma classe homogênea, o que não ocorre na derivação.

Bechara (2009) ressalta que, além de expressar a noção de tamanho, os sufixos diminutivos e aumentativos podem transmitir diferentes cargas (des)afetivas, incluindo crítica e indiferença, conferindo-lhes um significado insultuoso. Esse efeito depende da significação lexical da palavra-base, da entonação adotada pelo falante—que pode ser eufórica, crítica, admirativa ou lamentativa—e do contexto da interação entre falante e ouvinte. Exemplos disso são “coisinha” e “livreco”. Por outro lado, no uso afetivo, a ideia de redução de tamanho está associada a uma forma carinhosa de tratamento, como em “mãezinha” e “queridinha”. No entanto, na prática linguística, a palavra “queridinha” frequentemente assume um valor social oposto ao de afeto, sendo interpretada com ironia ou condescendência.

Em referência ao sentido dos adjetivos diminutivos, Bechara (2009) expõe que as formas podem indicar um valor de superlativo, com a presença ou não dos termos “muito”, “mais”, “tão” e “bem”, como: “É bem feiozinho, benza-o Deus, o tal teu amigo!”.

Quanto ao significado dos advérbios diminutivos com valor de superlativos, Bechara (2009, p. 365-366) enfatiza que se pode expressar o valor do superlativo do

advérbio justamente pela sua forma diminutiva combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem. Exemplos:

- a) “Andar devagarzinho (muito devagar, um tanto devagar)” – enfatiza a inércia do caminhar lento. Uma expressão mais entonativa do que só dizer que a pessoa anda devagar. Assim, o sentido é de intensidade, nesse caso, morosa.
- b) “Acordava cedinho e só voltava à noitinha” - enfatiza a distância do horário que acordava e saía em paralelo a hora que retornava.
- c) “Saiu agorinha” – enfatiza que a pessoa acabou de sair de uma forma mais entonativa do que diria se só expressasse que a pessoa saiu agora, dando a entender que a pessoa saiu naquele exato momento.

Desse modo, o gramático expõe que “o diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve para expressar ou acentuar a recomendação”.

Quando ao emprego de diminutivos em verbos, Bechara (2009) afirma que são empregados para indicar uma ação pouco intensa, a exemplo do sufixo *-it(ar)* em “saltitar” e “dormitar”. Observa também que muitos verbos imprimem esta ideia por serem oriundos de substantivos diminutivos, por exemplo: “petisco + ar = petiscar”; “chuvisco + ar = chviscar”; “cuspinho + ar = cuspinhar”, “namorico + ar = namoricar”.

Em Bechara (2009), os diminutivos são apresentados dentro do conteúdo de substantivos e são definidos como a significação diminuída de um substantivo auxiliado por um sufixo derivacional, além de reconhecer outros sentidos sociais e seu emprego em outras classes gramaticais.

Na gramática de Cunha e Cintra (2017), o grau de diminutivo está veiculado ao conteúdo de “derivação e composição”, classificado como sufixo nominal, que os gramáticos definem como um processo de aglutinação a um radical para dar origem a um substantivo ou adjetivo, como em: “pont-eira” e “pont-inha”. Cunha e Cintra (2017) afirmam que o sentido do diminutivo é mais afetivo do que lógico e elencam os mais usuais na língua, como pode ser observado no Quadro 01.

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-inho, -a	toquinho, vozinha	-elho, -a	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho, ruazinha	-ejo	animalejo, lugarejo
-ino, -a	pequenino, cravina	-ilho, -a	pecadilho, tropilha
-im	espadim, fortim	-eco, -a	livreco, soneca
-acho, -a	fogacho, riacho	-ete	artiguete, lembrete
-icho, -a	governicho, barbicha	-eto, -a	esboceto, saleta
-ucho, -a	papelucho, casucha	-ito, -a	rapazito, casita
-ebre	Casebre	-zito, -a	jardinzito, florzita
-ico, -a	burrico, marica(s)	-ote, -a	velhote, velhota
-ela	ruela, viela	-isco, -a	chuvisco, talisca

FONTE: CUNHA E CINTRA (2017, p. 104-105)

Cunha e Cintra (2017) afirmam que os sufixos *-inho* e *-zinho* são de enorme vitalidade no PB desde os tempos antigos. Formam não apenas substantivos e adjetivos, como também advérbios e outras palavras invariáveis, como: “agorinha”, “devagarinho”, “sozinho” e “adeusinho”.

Quanto à ortografia, explicam que, com exceção das palavras terminadas em *-s* e *-z*, que exigem a forma *-inho* (“pirisinho”, “rapazinho”), não é para todos os casos que há uma regra que possibilite a escolha de um sufixo ou outro. No entanto, na linguagem culta, os gramáticos atestam que se verifica uma preferência por formações com *-zinho*, a fim de que se mantenha a pronúncia na íntegra da palavra derivante; já na linguagem popular, a tendência é a escolha por *-inho*, a exemplo de: “baldezinho - baldinho, xicarazinha - xicrinha etc.” Os gramáticos explicam que os diminutivos em *-inho* e em *-ito* não sofrem mudança de gênero, posto que se conserva o gênero da palavra derivante: “casa - casinha – casita”; “cão - cãozinho – canito”. Ao contrário de outros sufixos diminutivos como: “ilha - ilhote - ilhéu”; “chuva – chuvisco”. Além disso, nas formações em que o sufixo *-inho* se junta a participípios irregulares, tornam-se regulares, como em: “esse dinheiro foi bem ganhadinho e bem gastadinho por mim”.

Citam ainda o significado pejorativo dos sufixos: *-ebre* e *-eco*, como em: “casebre” e “jornaleco”; e, afetivo *-ico*, como em: “amorico”. Quantos aos sufixos: *-eto* e *-ela*, apontam ser pouco produtivos no PB.

Além disso, Cunha e Cintra (2017, p. 108) elencam uma série de diminutivos apresentados como eruditos no PB, justificando que são encontrados tanto na língua literária e culta, quanto, especialmente, na científica, a saber, os sufixos *-ulo* (*-ida*) e *-*

culo (-*cuia*), com as variantes -*áculo* (-*ácida*), -*ículo* (-*ícida*), -*úsculo(a)* e -*únculo(a)*, exemplos: *corpo* — *corpúsculo*; *febre* — *febrícula*; *globo* — *glóbulo*; *gota* — *gotícula*; *grão* — *grânulo*; *homem* — *homúnculo*; *modo* — *módulo*; *monte* — *montículo*; *nó* — *nódulo*; *nota* — *nótula*; *obra* — *opúsculo*; *parte* — *partícula*; *pele* — *película*; *questão* — *questiúncula*; *raiz* — *radícula*; *rei* — *régulo*; *verme* — *vermículo*; *verso* — *versículo*.

Por último, em Cunha e Cintra (2017), o conteúdo de diminutivos não é adicionado ao de substantivos, como em Bechara (2009). Cunha e Cintra (2017) definem o diminutivo como um sufixo nominal aglutinado a um radical com significação de tamanho reduzido. Apontam também os sufixos mais usuais na fala em contraste com os eruditos.

Em suma, a perspectiva normativa quanto ao uso dos diminutivos nas gramáticas tradicionais não só apresenta uma definição do termo, como também explica seu contexto de uso, regras de aplicação na formação de palavras diminutivas e escrita ortográfica, objetivando a orientação do leitor para o uso ideal da língua.

Quanto às definições acerca dos diminutivos no PB, concebidas pelos linguistas, apresentaremos as noções de Santana (2017), Mattoso Câmara Jr. (1970) e Koch e Elias (2006).

Santana (2017, p. 552-557) elencou seis sentidos com os quais o diminutivo pode ser empregado, a saber:

- (i) *Tamanho pequeno*: “*mesinha*” => mesa pequena; “*pedacinho*” => pequena parte;
- (ii) *Aproximação afetiva positiva*: “*gracinha*” => pessoa bonita, encantadora; “*mãezinha*” => mãe querida;
- (iii) *Depreciação*: “*risinho*” => riso falso; “*gramaticazinha*” => gramática de má qualidade;
- (iv) *Intensidade*: “*dorzinha*” => pouca dor; “*tapinha*” => tapa leve;
- (v) *Duração*: “*pausinha*” => pausa curta; “*visitinha*” => visita breve;
- (vi) *Quantidade*: “*forcinha*” => pequena ajuda; “*luzinha*” => pequena quantidade de luz.

Santana (2017, p. 556) destaca, também, que o emprego do diminutivo pode agenciar dois ou mais sentidos ao mesmo tempo, ou seja, ao mesmo tempo que um diminutivo possa significar tamanho reduzido, também pode expressar afetividade. Nos nossos dados, por exemplo, o uso do diminutivo “pincelzinho” foi codificado como “denotativo”, com sentido de tamanho reduzido quando a *youtuber* BR falava de um pincel pequeno, e “sentido conotativo” quando o pincel era maior, no entanto, naquele contexto de produção, significava um tom afetivo. Essa questão levanta o problema de equivalência semântica entre a forma do diminutivo e de não diminutivo, uma vez que podem comportar significados distintos e, portanto, não serem variantes de uma variável sociolinguística, nos termos de Labov (1969). Voltaremos a essa discussão na seção 2.1.

O uso de diminutivos com sentido de afetividade é um dos mais recorrentes no PB. Nas práticas linguísticas cotidianas, as expressivas realizações de diminutivos com apreciação positiva, com sentido de carinho, ternura, simpatia, lembrança, saudade e cuidado são demonstradas gerando aproximação, intimidade e receptividade. O uso do diminutivo, com a conotação valorativa de afetividade, permite que o outro do discurso se sinta em um lugar confortável tanto no ambiente físico em que está, quanto na relação que se está estabelecendo.

Embora o diminutivo seja muito utilizado com valor afetivo, seu emprego está relacionado “a diferentes valores semânticos, muitas vezes, motivados pelo significado da forma de base, pelo contexto sintático onde ocorrem, por fatores de ordem pragmática, ou por interação destas condições” (Villalva, 2000, p. 313). Isto é, o sufixo diminutivo pode alterar a interpretação semântica da base morfológica da palavra primitiva, direcionando o sentido tanto para um teor valorativo, quanto depreciativo.

Além dos sentidos clássicos supracitados, Santana (2017) aponta que o diminutivo também pode significar avaliação negativa sobre algo ou alguém, expressando depreciação, ironia ou desprezo. Ou seja, a situação comunicativa é que vai direcionar para o significado social do diminutivo quando ele não estiver relacionado apenas com o sentido de tamanho, intensidade ou quantidade ínfimas.

Mattoso Câmara Jr. (1970), um dos principais linguistas do estruturalismo brasileiro, dedica especial atenção à formação e ao uso dos diminutivos no PB. Sua análise abrange tanto a morfologia derivacional quanto a dimensão pragmática e expressiva dessas formas linguísticas.

Mattoso Câmara Jr. (1970) ressalta que a seleção entre *-inho* e *-zinho* depende de fatores fonológicos. Em geral, *-inho* é adicionado a radicais terminados em vogal, enquanto *-zinho* ocorre após consoantes ou em casos onde se deseja evitar encontros consonantais desarmônicos, por exemplo: *flor* → *florzinha* (e não **florinha*).

Outro aspecto relevante é a reduplicação, um fenômeno observado em diminutivos formados a partir de radicais já diminutivos, como em *pequeno* → *pequeninho*. Mattoso (1970) interpreta essa reduplicação como um recurso expressivo destinado a intensificar o valor semântico do diminutivo.

Mattoso Câmara Jr. (1970) destaca que os valores expressivos são adquiridos pelo diminutivo em função do contexto, da entonação e da intencionalidade do falante. A versatilidade do diminutivo no PB é, portanto, uma característica que reforça sua importância no estudo da pragmática da língua.

A análise de Mattoso Câmara Jr. (1970) revela que os diminutivos no PB são fenômenos linguísticos complexos, que transcendem a simples indicação de tamanho reduzido. Sua formação derivacional segue padrões fonológicos bem definidos e sua expressividade é multifuncional, podendo variar conforme o contexto discursivo. Essas observações tornam a obra de Mattoso (1970) uma referência fundamental para a compreensão da morfologia e pragmática do PB.

Koch e Elias (2006) destacam que a interpretação dos diminutivos é altamente dependente do contexto discursivo e das intenções comunicativas dos interlocutores. A polissemia dessas formas linguísticas reflete a sua capacidade de transmitir sutilezas emocionais e sociais. Além disso, a formação de diminutivos pode envolver processos de alomorfia e adaptação fonológica para manter a eufonia e a regularidade prosódica da língua.

As autoras afirmam que os diminutivos são formados principalmente pela adição dos sufixos *-inho* e *-zinho* a substantivos e adjetivos. A escolha entre esses sufixos geralmente depende de fatores fonológicos e morfológicos: *-inho*: anexado a radicais terminados em vogal, ex.: *casa* → *casinha*; *-zinho*: utilizado após radicais terminados em consoante ou para evitar encontros consonantais desarmônicos, ex.: *flor* → *florzinha*.

Embora Koch e Elias (2006) não se aprofundem *exclusivamente* nos diminutivos, suas análises sobre a linguagem e a compreensão textual oferecem uma base sólida para entender como essas formas derivacionais operam no PB. Portanto, as linguistas afirmam que os diminutivos, com sua formação morfológica específica e ampla gama de significados pragmáticos, exemplificam a complexidade e a expressividade da língua portuguesa.

1.3. Diminutivo: estudos variacionistas

Nesta seção, apresentamos estudos variacionistas sobre o uso de diminutivos, a fim de mais bem compreender seu comportamento na língua em uso.

Mendes (2012) investigou o uso do diminutivo como marcador de gênero partindo da hipótese de que seu uso no PB é associado ao sexo/gênero. Para isso, analisou qualitativa e quantitativamente as ocorrências do fenômeno em 104 entrevistas sociolinguísticas, a fim de verificar padrões de produção.

O autor estabeleceu como hipótese que homens, *gays* ou não, tendem a marcar sua masculinidade, e que lésbicas que dizem preferir uma autoprojeção social “menos feminina” parecem restringir seu emprego de diminutivos, enquanto mulheres *cis* e homens *gays* afeminados tendem fazer o uso corriqueiro de diminutivos em suas práticas linguísticas.

A hipótese tem base na avaliação obtida por meio de um experimento sociolinguístico (Mendes, 2007), de que o uso de diminutivos guarda correlação com categorias de sexo/gênero. Mendes (2007) fez um levantamento social indo às ruas abordando diferentes pessoas, homens e mulheres de diversas idades, orientações sexuais, graus de escolaridade e classes sociais, a fim de saber em quais pistas linguísticas as pessoas se baseiam para identificar homens *gays*.

Inicialmente, Mendes (2007) perguntava aos entrevistados: “que tipo de ‘coisa’ chama a sua atenção, quando você ouve um homem falando, no sentido de fazer você pensar que ele possa ser ‘gay’?”. Prevendo uma possível dificuldade de respostas, o pesquisador levou consigo, para o trabalho de campo, cinco áudios de leituras de um texto, gravados por cinco homens diferentes. Nas ruas, as pessoas abordadas teriam que

ouvir o áudio, julgar e justificar qual(is) áudio(s) aparentava(m) mais a fala de homem *gay*, atribuindo-lhes uma nota de 1 a 5. O critério estabelecido era que cada áudio reproduzido fosse avaliado com uma nota diferente. Após ouvir e avaliar as leituras, os entrevistados puderam justificar sua avaliação relatando as pistas pelas quais se guiaram para determinar suas respostas: (i) “certas vogais parecem mais longas”; (ii) “a entonação ‘sobe e desce’ muito”; (iii) “as palavras são mais cuidadosamente pronunciadas; *gays* falam mais ‘direitinho’, cometem menos ‘erros’”; (iv) “homens *gays* e mulheres parecem usar diminutivos de maneira exagerada”.

Em seguida, a hipótese foi testada pelo pesquisador, que, ao elaborar uma síntese bibliográfica sobre o desenvolvimento de uma teoria referente à maneira como o significado social e sua avaliação são mapeados sobre a estrutura linguística, destacou a percepção de que os “falantes-indivíduos” têm certa consciência dessa propriedade da linguagem e controlam-na para a construção de sua identidade social.

Desse modo, Mendes (2012) analisou qualitativa e quantitativamente os usos de diminutivos a partir de duas amostras: a primeira é constituída de 84 entrevistas, gravadas entre 2009 e 2010, com 42 mulheres e 42 homens nascidos e criados na cidade de São Paulo, estratificados de acordo com sua faixa etária (20-34/35-59/60 anos ou mais) e com dois níveis de escolaridade (ensino médio; ensino superior), nas quais os tópicos conversacionais foram o bairro em que se vive, infância, ocupação, lazer, a cidade de São Paulo. Sua segunda amostra é constituída de participantes com maior variedade de gênero, 5 mulheres que se identificam como lésbicas, 5 homens que se identificam como *gays*, 5 mulheres e 5 homens que se identificam como heterossexuais, todos também nascidos e criados na cidade de São Paulo. Os tópicos de conversação foram homofobia na cidade de São Paulo, o assumir da orientação sexual, legislação contra discriminação, casamento *gay*.

A partir da observação dos dados, Mendes (2012) analisou o uso de diminutivos através de duas perspectivas para a realização do objetivo proposto, a saber: (i) analisar as frequências de diminutivos (relativamente ao número de palavras, no *corpus* ou na entrevista) e (ii) calcular as frequências com base em “tipos de diminutivos”: referência a tamanho reduzido, usos mais abstratos/metafóricos e diminutivos lexicalizados.

Na primeira amostra, com aproximadamente 871 mil palavras, observou-se que o uso de diminutivos foi empregado por mulheres 3,12 vezes a cada mil palavras,

enquanto homens o realizam 1,82 vezes. Já na segunda amostra, a análise procedeu individualmente, observando cada participante. Nesta, a média de frequências de usos de diminutivos entre os homens heterossexuais é baixíssima, sendo menor que 0,3 a cada mil palavras (que significa 3 diminutivos a cada 10.000 palavras). Também se verificou que a média da frequência de emprego de diminutivos entre as mulheres que se identificam como lésbicas (1,8) não é tão baixa quanto a dos homens heterossexuais (0,28), mas é expressivamente mais baixa que as dos demais sujeitos-falantes (homens *gays* (3,59) e mulheres heterossexuais (2,97)).

Mendes (2012) concluiu que os homens heterossexuais tendem a monitorar suas falas em maior grau tendo em vista os tópicos de conversação relacionados à orientação sexual, confirmando que o emprego do diminutivo entre heterossexuais é evitado e entre *gays* afeminados e mulheres *cis* é mais expressivo, o que é índice de percepções de gênero no uso de diminutivos no PB. A partir disso, ele chegou à conclusão que não são os homens *gays* que usam mais diminutivos, mas que são os homens héteros que evitam seu uso. Mendes (2012) conclui, assim, que o uso de diminutivos pode ser estratégico para a construção de identidade, especialmente em indivíduos que desejam reforçar ou atenuar características associadas ao gênero.

Cruz e Azevedo (2018) analisaram o uso do diminutivo nos municípios de Piranhas, Aragarças e Aruanã, no norte do estado de Goiás, fronteiras com o estado do Mato Grosso. No estudo, objetivou-se relacionar os usos do diminutivo à observação clássica de Sérgio Buarque de Holanda (1995) de que o uso expressivo de diminutivos no PB pode estar relacionado à configuração civilizatória afetuosa das relações sociais no país (2016 [1936]: 178). Para isso, analisaram-se gravações que fazem parte do acervo do Laboratório da Língua de Goiás (LABOLINGGO), sendo cinco entrevistas com falantes de Piranhas, oito com falantes de Aragarças e seis entrevistas com falantes de Aruanã, perfazendo um total de dezenove entrevistas.

Nos três municípios, o diminutivo foi majoritariamente associado aos substantivos. Todavia, também ocorre com quantificadores (o termo ‘quantificador’ é utilizado para indicar uma classe semântica, e não uma classe morfológica de palavras propriamente dita), que pertencem a diferentes classes gramaticais, como advérbios, ex. “poquin”, “nadinha”; pronomes, ex. “tudin”, “todin”, “todinha”; advérbio com semântica espaço-temporal, ex. “pertin”; e adjetivos, ex. “quétin”, “direitin”, “piquininin”.

Cruz e Azevedo (2018) explicam que, assim como o diminutivo dispõe de múltiplos significados, as formações no diminutivo em estudo também veiculam essa variedade de sentidos. A noção de tamanho, por exemplo, foi encontrada nas palavras “pracinha”; “pequeninho”; “bichinho”; “pouquinho”, transmitindo a noção de gradação. Os exemplos de “pracinha” e “bichinho”, respectivamente, se referem ao tamanho do local e ao tamanho do animal, e são os que melhor representam o diminutivo como gradação. No entanto, cabe observar que as palavras “pequeno” e “pouco” já apresentam a noção de tamanho mesmo sem a derivação sufixal do diminutivo. Isso significa que, com relação aos últimos dois exemplos, a derivação diminutiva fica a critério estilístico do falante.

Por sua vez, “cidadezinha” e “fazendinha” não necessariamente indicam o tamanho diminuto da cidade ou da fazenda; seu emprego serve para demonstrar afetividade pelo lugar e, simultaneamente, permitem estabelecer uma relação de proximidade com o outro. De igual modo, “estrelinha”, “conjuntin”, “cochãozin” são utilizados em suas formas derivadas como diminutivo para indicar a afetividade do falante pelos objetos denotados pelos substantivos, e ainda manter uma relação de proximidade com o ouvinte. A denotação de afetividade e a relação de proximidade entre o falante e o ouvinte é o que justifica e possibilita sua combinação com substantivos que indicam tempo, ex. “tardizinha” para se referir ao final da tarde, substâncias massivas, ex. “chazin”, e até mesmo com adjetivos, ex. “quétin”.

As autoras apontaram ainda o uso imprimindo intensificação, ou, mais propriamente, que expressa o sentido de exatidão, como ocorre na combinação do diminutivo com os quantificadores: “poquin”, “nadinha”, “tudin”, “todin”, “todinha”; e expressões espaço-temporais, “pertin”.

Outros sentidos de diminutivos encontrados são os chamados lexicalizados, como é o caso das palavras “bonitinha” e “brinquinho”, registrados no léxico do município de Aruanã. Nessa cidade, a palavra “bonitinha” não está relacionada ao adjetivo “bonita”, e sim, usada para designar uma inflamação que ocorre nos olhos, conhecida em outras regiões como conjuntivite. A palavra “brinquinho” também não se refere a um brinco pequeno, ou com valor afetivo; no noroeste goiano, o substantivo “brinquinho” é empregado de forma metafórica para qualificar como excelente o estado de higienização e organização de um ambiente, ex. “a casa dele é um brinquinho”.

Cruz e Azevedo (2018) ressaltam que a variedade de significados dos diminutivos ocorre não somente no norte de Goiás, como também em todos os dialetos do PB, já que

se realizam “com uma regularidade surpreendente entre as línguas do mundo” (Jurafsky, 1996, p. 535). Porém, as autoras chamam a atenção para o uso do diminutivo com sentido de afetividade. Isso é revelado nas entidades evidenciadas no discurso quando o diminutivo é combinado a termos que se referem a entidades humanas, exemplos: “véinha”, “caçulinha”, “bisnetin”, inclusive com nomes próprios, como “Cidinha”.

A partir disso, elas retomam a observação de Sérgio Buarque de Holanda (1995), tanto o uso demasiado do diminutivo quanto “a omissão do nome de família no tratamento social”, configurando-se como características linguísticas associadas ao “homem cordial”, posto que indicam o “desejo de estabelecer intimidade”. Dessa maneira, o uso de prenomes em forma diminutiva no Brasil pode ser usado como uma evidência da cordialidade que se estabelece em ambiente de trabalho e outros ambientes formais no Brasil, e contrasta com sociedades em que em ambiente de trabalho se utiliza o nome próprio acompanhado de pronomes de tratamento, como no inglês britânico e em outras variedades dessa língua.

As autoras indicam, por fim, que o diminutivo frequentemente é combinado a marcas de gênero. A prevalência de formas femininas nos dados coletados (exemplo: “menina” > “menininha”) sugere uma associação do diminutivo com traços culturalmente atribuídos à feminilidade, como suavidade e ternura.

Pinheiro (2021) realizou um estudo com o objetivo de ampliar o escopo de análise sobre o significado do diminutivo, tomando não os sufixos [x-*inho*] e [x-*zinho*], mas sim o tipo de classificação do diminutivo (afetivo ou lexicalizado) e o tipo de apreciação (positiva ou negativa) para analisar o comportamento do diminutivo em 30 entrevistas sociolinguísticas com estudantes universitários (de Letras e Pedagogia) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), estratificados por sexo/gênero. Cada uma delas tem duração em torno de 40 a 60 minutos e foi documentada em áudio e vídeo para captura de expressões faciais. Quanto aos estudantes, foram incluídos somente aqueles que estavam cursando o primeiro período para que a consciência sobre estudos de variação linguística não interferisse nos usos linguísticos.

Pinheiro (2021) parte do pressuposto de que elementos da paralinguagem, a exemplo das expressões faciais, por estarem além do nível linguístico propriamente dito, podem indicar pistas de avaliação no julgamento. As entrevistas em áudio e vídeo foram gravadas em uma cabine acústica, com painel branco nos fundos da cabine acústica e foram utilizados um gravador e duas câmeras, posicionadas uma para o entrevistador e outra para o entrevistado.

O autor chamou de *morfologia do diminutivo* a junção entre o tipo de diminutivo e o tipo de apreciação. A amostra apresentou 241 ocorrências do fenômeno, que foram associados a fatores estruturais (base morfológica, sufixo, tonicidade, extensão silábica, classe morfológica), fatores estilísticos (tópico discursivo e envolvimento do falante), fatores suprasegmentais (recursos prosódicos) e fatores paralinguísticos (expressões faciais).

A partir das ocorrências de diminutivos extraídas das entrevistas, Pinheiro (2021) realizou duas análises independentes entre si: (i) variáveis estruturais e variáveis prosódicas (testes de associação e análises de variância); e (ii) uma análise com as variáveis semânticas e variáveis emocionais (com reconhecimento facial a partir do protocolo *Action Coding Systems* - FACS). O autor observou que existe uma convergência entre os resultados de análises que tomam o sufixo como variável dependente. As variáveis *base morfológica*, *sufixo*, *tonicidade*, *extensão* e *classe* diferenciaram os diminutivos lexicalizados e afetivos. As variáveis prosódicas não diferenciaram os tipos de diminutivos que foram controlados. Na análise do reconhecimento facial dos falantes, os resultados sugerem relação entre a expressão facial do participante e o tipo de apreciação associada ao diminutivo.

Esses resultados convergem com os resultados de análises anteriores sobre o diminutivo que partem do sufixo para explicar o significado dos diminutivos. Os testes de colinearidade entre as variáveis estruturais sugerem que existe uma forte correlação entre a base morfológica e o acento da palavra, indicando que existe um padrão regular convergente entre os ambientes morfofonêmicos para os diminutivos lexicalizados e os diminutivos afetivos no português.

Dentre as variáveis estilísticas, a análise inferencial realizada pelo autor sugeriu que existe uma associação entre o tópico temático (o tipo de assunto) e o envolvimento dos falantes na morfologia do diminutivo (tipo de apreciação). Independentemente de a apreciação ser positiva ou negativa, os diminutivos ocorrem com maior envolvimento do falante. Esses resultados ajudaram a compreender a análise qualitativa das expressões faciais. Os falantes realizam algum tipo de expressão facial quando produzem os diminutivos, ou seja, tendem a não expressar um movimento neutro no momento da produção do segmento em que ocorre o diminutivo.

Rodrigues (2015) investigou a variação no uso dos diminutivos no PB em duas cidades mineiras – Mariana (urbana) e Piranga (rural) –, analisando as formas plenas (*-inho/-zinho*) e reduzidas (*-im/-zim*). O estudo teve como objetivos descrever a

frequência e distribuição das variantes, comparar os dialetos locais, avaliar fatores internos e externos que influenciam o uso dos diminutivos, e investigar um possível processo de mudança linguística. A análise considerou variáveis linguísticas (como classe de palavras e realização fonológica) e sociais (como idade, sexo e origem geográfica).

A pesquisa utilizou entrevistas sociolinguísticas espontâneas extraídas do Projeto Mineirês, totalizando 40 entrevistas – 20 de cada cidade. A coleta, com duração entre 40 e 60 minutos por participante, buscou minimizar a interferência do observador e captar o uso natural dos diminutivos. Além das entrevistas, foram aplicados testes de percepção linguística para aprofundar a análise.

Para a análise quantitativa dos dados, a autora utilizou o *software* GoldVarbX, que permitiu identificar padrões de uso das variantes diminutivas e testar a influência de variáveis independentes. Os resultados da análise de Rodrigues (2015) mostraram que as formas plenas (-inho/-zinho) foram mais frequentes, ocorrendo em 63% dos casos, enquanto as formas reduzidas (-im/-zim) apareceram em 37% das ocorrências. Além disso, constatou-se que a redução do sufixo é significativamente mais comum na fala dos moradores da zona rural (Piranga) do que na zona urbana (Mariana). A variação também se mostrou sensível à idade dos falantes, sendo a forma reduzida mais utilizada pelos mais jovens. Os achados da pesquisa indicaram que a forma reduzida do diminutivo, embora percebida como não padrão, é avaliada positivamente em termos de expressividade e familiaridade. Além disso, os dados sugeriram que há um processo de mudança linguística em andamento, com a possibilidade de que as formas reduzidas ganhem ainda mais espaço nas próximas gerações.

Estudos sociolinguísticos variacionistas sobre o fenômeno diminutivo têm sido realizados sob diferentes perspectivas. Mendes (2012) investigou se a frequência de uso de diminutivos estava atrelado ao sexo/gênero do falante. Cruz e Azevedo (2018) analisaram se o uso do diminutivo é um marcador de cordialidade. Pinheiro (2021) examinou elementos da paralinguagem, como expressões faciais, a fim de ampliar os significados dos diminutivos. Já Rodrigues (2015), por sua vez, foca na variação das formas plenas (-inho/-zinho) e reduzidas (-im/-zim) a fim de identificar possíveis mudanças linguísticas. Apesar das diferenças nos objetivos de pesquisa, esses estudos dialogam com o nosso estudo sobre a variação na frequência de uso de diminutivos na fala de BR ao reconhecer o diminutivo como um fenômeno variável e ao empregar

métodos quantitativos e qualitativos para compreender sua distribuição e funcionamento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos um panorama referente ao embasamento teórico deste estudo. Revisaremos a literatura sobre a relação intrínseca entre língua e sociedade, isto é, entre fatores internos/linguísticos e fatores externos/extralinguísticos/sociais, alicerçados no campo de estudo da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]).

2.1. Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológicos

A Sociolinguística veio contrapor as diretrizes do estudo estrutural da língua (Saussure, 1916; Bloomfield, 1926; Jakobson, 1980) em duas principais visões, a saber:

a) as línguas naturais não constituem sistemas fechados, homogêneos e estáticos (Labov, 2008). Isso significa que a língua passa a ser entendida como viva, dinâmica, heterogênea, com sistemas abertos, podendo ser ressignificada. Seus níveis linguísticos são funcionais e, portanto, considerados passíveis de novas reestruturações. Logo, a língua passa a ser vista nesta perspectiva como uma atividade interativa que está a serviço dos seus usuários de modo que atenda às necessidades dos falantes em todo o tempo e ao decorrer deste;

b) a heterogeneidade é ordenada, isso significa que, o fato de a língua ser aberta a várias formas de estruturas, ou seja, variável, não significa que há uma desordem, um caos que a impossibilite de ser descrita (Labov, 2008), pois as diversas possibilidades de falar não são aleatórias e não acontecem por acaso, mas sim, de modo estruturado, podendo ser explicadas fonética, fonológica, sintática, semântica e/ou morfologicamente.

A partir disto, tratando a língua como heterogênea e sua variação como estruturada e ambientada coletivamente, não se descarta a presença de regras, pois, diferentemente da noção de língua homogênea que possui regras categóricas e invariantes, a heterogeneidade apresenta, além de regras categóricas, regras variáveis (Labov, 1969).

A perspectiva de regras variáveis nos insere diretamente na definição de variação linguística. Enquanto as regras categóricas determinam a obrigatoriedade de certas formas, as variáveis permitem alternância entre variantes dentro de contextos estruturais

e sociais específicos, sendo influenciadas por pesos condicionantes que afetam a probabilidade de uso de cada forma. Labov (1969) afirma que são essas regras probabilísticas que determinam quando uma potencial variante será utilizada em um dado contexto.

Em seu estudo sobre a presença ou ausência da cópula (*is, are*) no inglês de Afro-Americanos, Labov (1969) constata empiricamente com uma análise quantitativa detalhada que essa alternância segue um padrão sistemático e não ocorre de forma caótica ou arbitrária, uma vez que havia uma tendência entre linguistas e não linguistas de considerar o inglês não padrão de Afro-Americanos como um dialeto "desordenado" ou "simplificado", no qual a cópula era simplesmente omitida sem regras claras. Labov refuta essas inferências ao demonstrar que a eliminação da cópula (*is, are*) segue uma regra variável binária, ou seja, a cópula pode ser analisada como uma variável com duas opções principais:

(i) Preservação da cópula (*he's nice*)

(ii) Eliminação da cópula (*he nice*)

Nessa perspectiva, a alternância entre formas linguísticas é vista como resultado de um sistema de regras. Na teoria sociolinguística, a definição de variação linguística é que, pelo menos, duas formas se alternam em um mesmo contexto de produção. Isto é, uma regra variável pressupõe a opcionalidade de empregar formas distintas para expressar o mesmo significado (LABOV, 1969).

Lavandera (1978) salienta que há uma diferença fundamental entre a variação fonológica e a variação em outros níveis de análise linguística (morfologia, sintaxe e léxico): a relação entre significado social, estilístico e referencial. A distinção está no fato de a variação fonológica ter significado social e estilístico, mas não referencial. Por exemplo, mudanças na pronúncia (nível fonológico) geralmente não afetam o significado literal da palavra ou frase, no entanto, podem carregar informações sociais e estilísticas, indicando, por exemplo, classe social, nível de formalidade ou identidade regional. Já a variação não fonológica sempre tem significado referencial, ou seja, afeta diretamente o conteúdo da mensagem; mesmo quando essas variantes também apresentam diferenças sociais e estilísticas, elas não podem ser desprovidas de significado referencial, pois palavras, morfemas e construções sintáticas sempre transmitem algum conteúdo semântico. Diferentemente da variação fonológica, onde a

distinção é puramente de pronúncia, essa variação envolve elementos gramaticais que possuem um papel semântico.

Em uma linha relacionada, Buchstaller (2009) problematiza essa definição de variável laboviana inicial. Por um lado, tal definição é perfeitamente aplicável em estudos fonológicos, uma vez que a definição de fonema, por grande parte da linguística convencional, é de que ele é a menor unidade do sistema sonoro da língua e que não tem significado em si mesmo. Então, uma pesquisa sociolinguística que analisa um fenômeno fonológico bem se enquadra nessa definição, já que, como o fonema não tem um significado referencial, as duas variantes dizem a mesma coisa. Por outro lado, o estudo de outro nível da língua, como o morfossintático, levanta a questão da equivalência semântica, já que o morfema, segundo a linguística estruturalista, é definido como o menor elemento significativo da língua. Buchstaller (2009) questiona se a partir da definição de morfema como unidade linguística de análise, que comprovadamente significa algo em si mesmo, ainda pode ser contemplado pela definição de “formas que se alternam e dizem a mesma coisa”.

Lavandera (1978) se questionou se a equivalência semântica deve, de fato, ser um requisito para a análise variacionista. Labov (1978) sugere como critério de “dizer a mesma coisa” que as variantes sejam idênticas em valor de referência, mas opostas em seu significado social. O que isso significa na teoria é que ambas as formas variantes não alteram o conteúdo proposicional da frase, mas, socialmente, uma variante pode estar associada a classes mais altas e outra a classes mais baixas, por exemplo. Buchstaller (2009) afirma que, se aceitarmos essa premissa, só poderíamos considerar como uma variável sociolinguística um conjunto de formas que compartilham exatamente o mesmo significado referencial, ou seja, elas devem ser intercambiáveis no nível semântico, sem alterar a verdade da afirmação ou sua interpretação literal. No entanto, existem casos em que formas que parecem variantes não têm exatamente o mesmo significado e não são completamente intercambiáveis. No nosso estudo, por exemplo, o diminutivo pode modificar o significado da palavra base.

Os exemplos (1) e (2) apresentam um item lexical idêntico em referência, sendo empregado de duas formas:

- (1) “*usando aquele iluminado abaixo dos olhos, testa, nariz e queixo. Agora com os próprios **dedinhos** eu vou espalhar todo esse corretivo. Eu sempre gosto de*

*espalhar com o **dedo**, gente. Não adianta, não tem pincel que faça eu trocar o **dedo**".*

- (2) *"eu: - amor, você quer me dar um presente? Quando der, me dá essa **árvore** que eu acho muito linda. E o Nando comprou na Imaginarium, né? Essa **arvorezinha** aqui super famosinha lá da Imaginarium".*

No exemplo (1), observa-se que BR emprega a forma diminutiva "dedinho" e, em seguida, utiliza a forma não diminutiva "dedo". De maneira semelhante, no exemplo (2), ocorre o uso de "árvore" seguido de "arvorezinha". Esses casos ilustram a ocorrência do sufixo diminutivo -(z)inho(a)(s) em diferentes contextos, evidenciando uma alternância direta com a forma não diminutiva. No entanto, embora, em determinados casos, como os apresentados acima, o diminutivo pareça representar uma escolha opcional, em outros, ele adiciona novos significados, uma vez que o uso do sufixo pode conferir camadas adicionais de sentido. Esse aspecto levanta questionamentos sobre sua equivalência semântica.

- (3) *"está vendo? um **vestidinho** polo. Ele é bem compridinho."*

- (4) *"comprei também esse **vestidinho** jeans que eu também já usei."*

No exemplo (3), BR emprega o termo "vestidinho" ao se referir a um vestido longo, adjetivando-o posteriormente como "compridinho". Nesse caso, a forma diminutiva não remete ao tamanho da vestimenta. Já no exemplo (4), extraído do mesmo vídeo e com o mesmo item lexical, a influenciadora menciona outro vestido, dessa vez curto, adquirido em uma loja de departamento. O uso de "vestidinho" nesse último contexto não parece estar diretamente relacionado ao tamanho da peça, uma vez que o termo já havia sido empregado anteriormente para descrever um vestido longo. Esse padrão sugere que a forma diminutiva pode estar associada a outros valores discursivos além da simples referência ao tamanho do objeto.

No caso do diminutivo, a escolha entre a forma base e a diminutiva nem sempre é opcional, pois pode envolver diferenças semânticas. Os significados do diminutivo não necessariamente têm o mesmo significado ou referência de sua forma não diminutiva. Isso pode ocorrer tanto no sentido conotativo, como o de afetividade – *p.ex.*, quando BR fala *"hoje é o último dia de 'Bia todo dia convida' e hoje no caso o convidado não vai ser um ser humaninho... vão ser a caixas"*, ela não se refere a um convidado mirim em *"humaninho"*, mas a uma pessoa adulta, de forma afetiva –, como em um contexto cujo

diminutivo é usado em sentido denotativo/literal, indicando um tamanho menor para um produto, mesmo ele não sendo pequeno – *p.ex.*, um *pincelzinho* que não tem sentido de *pincel pequeno*.

Buchstaller (2009) levantou o questionamento semântico: se não são necessariamente duas formas de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto de produção e com um mesmo valor de verdade, como enquadrar esse fenômeno dentro da variação sociolinguística já que a definição clássica da variação pressupõe formas alternantes com o mesmo significado?

Labov (1969, 1978) afirma que a definição da variável requer uma série de etapas preliminares destinadas a eliminar todos os contextos em que as duas formas alternantes estão presentes e não dizem a mesma coisa, a saber, isolar o contexto onde a variação relevante deve ser encontrada, isolando gradualmente os casos em que o mesmo item formal tem uma função linguística diferente e deixando de lado os ambientes em que a variação é neutralizada ou onde a regra é categórica. Ou seja, ele sugere que, se ao observar que determinadas formas contrastam apesar de parecerem equivalentes, o pesquisador as deve eliminar da pesquisa.

No entanto, Lavandera (1978) explica que essa abordagem tradicional da Sociolinguística Variacionista pode ser limitada e problematiza a exclusão dessas formas argumentando que a omissão de contextos em que as variantes não dizem exatamente a mesma coisa, isto é, não possuem o mesmo significado referencial, pode impedir explicações integrais da variação, uma vez que ignora a distribuição completa das formas espontâneas na língua. Lavandera (1978) exemplifica essa limitação com os itens lexicais “*wiped out*” (‘eliminado’) vs. “*exhausted*” (‘exausto’), em que ela argumenta que, se analisarmos apenas os casos dessas variantes como sinônimas, pode ser difícil compreender porque “*wiped out*” soa mais coloquial. Isso mostra que a escolha de palavras pode envolver relações semânticas mais complexas do que apenas variação entre sinônimos. Ou seja, para explicar completamente a variação linguística, é necessário olhar além da definição tradicional de variáveis linguísticas.

Lavandera (1978) afirma que o estudo da variação precisa considerar toda a distribuição das formas linguísticas, pois, apenas dessa forma podemos chegar a explicações mais profundas sobre por que certos termos são preferidos em determinados contextos de produção.

Lavandera (1978) propõe um critério mais flexível: em vez de exigir equivalência absoluta no significado, basta que as formas tenham uma função comparável na linguagem. Isso abre espaço para estudar variação em estruturas que podem ter diferenças sutis de significado, mas ainda são usadas de forma intercambiável em certos contextos. Dessa forma, a autora sugere duas condições para que uma alternância não fonológica seja considerada uma variável sociolinguística. A primeira condição é que a alternância precisa ter um significado social ou outro tipo de informação não referencial: ou seja, a escolha entre as variantes não pode ser apenas uma questão estrutural da língua, mas deve estar associada a fatores sociais, estilísticos ou pragmáticos. Por exemplo: ela cita a variação estudada por Sankoff & Thibault (1977) entre os auxiliares *être* e *avoir* no francês falado, que tem marcação social e estilística, mas a variação entre ativa e passiva sem agente de Labov e Weiner (1977) não apresenta esse tipo de estratificação, sendo puramente estrutural. A segunda condição é que a alternância deve funcionar como um dispositivo linguístico semelhante às variáveis fonológicas: isso significa que deve ser possível quantificar sua variação e correlacioná-la com fatores linguísticos ou extralinguísticos. Assim como ocorre na fonologia, onde diferentes pronúncias aparecem com frequência variável dependendo do contexto social, as variantes não fonológicas devem mostrar covariação quantificável com algum outro fator para serem tratadas como variáveis sociolinguísticas. A autora propõe que a análise da variação sintática não precisa mais exigir que as variantes tenham o mesmo significado referencial, mas sim que sejam funcionalmente comparáveis. No entanto, para que uma alternância sintática seja considerada uma variável sociolinguística, ela deve ter significado social ou estilístico e mostrar covariação quantificável, assim como ocorre com as variáveis fonológicas.

Labov (1978) concorda com Lavandera (1978) sobre a importância de estudar as formas que possuem diferenças de significado ao afirmar que a análise da variação linguística deve levar em conta tanto o significado representacional quanto os significados sociais das formas linguísticas. Por outro lado, ainda que a Sociolinguística tenha métodos bem estabelecidos para analisar variação entre formas que possuem o mesmo significado representacional, lidar com variação envolvendo diferenças semânticas é um desafio mais complexo. Ele afirma que, nesses casos, a interpretação do significado das formas linguísticas depende de inferências contextuais e

argumentação persuasiva, tornando difícil chegar a uma demonstração conclusiva de que uma forma tem um significado diferente da outra.

Labov (1978) sugere que, para investigar esse tipo de variação, a sociolinguística precisa recorrer a métodos experimentais, como testes de julgamento de verdade (perguntar a falantes se duas formas podem ser usadas para descrever o mesmo evento e observar suas respostas); experimentos de inferência semântica (criar contextos ambíguos e analisar como os falantes interpretam diferentes variantes); e testes de reação subjetiva (observar se os falantes percebem certas formas como mais apropriadas em diferentes contextos). Ele exemplifica essa abordagem com o ‘experimento do Jay-Walking’, que testou se *got arrested* e *was arrested* eram interpretados de maneiras diferentes pelos falantes. Esse experimento demonstrou que, em alguns contextos, os falantes não percebiam diferença entre as formas, enquanto em outros a distinção ficava mais evidente. Isso sugere que a variação pode, em alguns casos, carregar significado representacional, mas nem sempre esse significado é ativado na interpretação dos falantes.

Labov (1978) observa que, no caso de variação fonológica e sintática, é relativamente fácil encontrar contextos onde as formas são equivalentes em significado e só variam socialmente. Já na variação lexical, esse processo é mais complexo, pois a escolha das palavras muitas vezes envolve sutilezas semânticas e pragmáticas. Ele menciona que, embora seja possível provar que não existem sinônimos absolutos, isso não significa que todas as diferenças lexicais sejam significativas em cada contexto. Muitas vezes, palavras que poderiam ter significados distintos são usadas como variantes estilísticas sem mudança real de conteúdo. No entanto, quando duas palavras realmente expressam estados de coisas diferentes, a análise sociolinguística precisa ser mais cuidadosa para não tratar a variação como mera alternância social.

Labov (1978) não oferece uma solução definitiva para lidar com variação que envolve impacto no significado representacional, mas sugere que métodos experimentais podem ajudar a esclarecer quando um caso de variação é meramente estilístico e quando reflete uma distinção semântica real, mas destaca que esse tipo de análise é muito mais complexo do que o estudo de variação social entre formas equivalentes.

Lavandera (1978) afirma que o reconhecimento da análise da frequência relativa como portadora de significado foi um avanço importante na teoria sociolinguística, pois além de considerar a forma linguística em si, a análise sociolinguística passou a observar com que frequência certas variantes ocorrem em diferentes contextos. Ou seja, o que importa não é apenas se uma variante aparece ou não, mas quantas vezes ela aparece em comparação com outras variantes possíveis. A autora destaca que, na maioria dos casos, não há falantes que nunca usam uma variante, nem falantes que sempre a usam. Isso significa que a alternância entre variantes não é categórica, mas gradativa e probabilística. Dessa maneira, o que define o significado social de uma variante não é o fato de ela ser usada ou não, mas o quão frequentemente ela é usada em determinados contextos. Logo, não é a simples presença/ausência de uma variante que carrega significado, mas a frequência com que ocorre em diferentes contextos sociais.

A definição da variável sociolinguística é fundamental para adotar o método quantitativo de como a(s) regra(s) variável(is) será(ão) operacionalizada(s). A partir dessa discussão, tendo em vista que nosso fenômeno diminutivo *-(z)inho(a)(s)* apresenta contextos de diferenças na equivalência semântica como supracitamos, nossa regra variável corresponde à produtividade do sufixo diminutivo *-(z)inho(a)(s)*, analisando sua frequência de ocorrência a cada mil palavras na fala de BR. A variação observada no nosso estudo não se dá pela alternância entre formas diminutivas e não diminutivas, mas sim pelo comportamento do diminutivo em diferentes contextos. Na seção 3.5 descrevemos o tratamento quantitativo da nossa variável: *número de ocorrências da forma de diminutivo a cada mil palavras*. Dessa forma, a escolha metodológica adotada para a análise da produtividade do sufixo diminutivo se alinha aos princípios da Sociolinguística Quantitativa, que busca compreender a variação linguística em seus múltiplos contextos, a fim de verificar padrões na variação.

Compreendida a noção de variável linguística e sua aplicabilidade no nível morfossintático, é fundamental apresentar os pressupostos metodológicos que orientam a análise variacionista adotada nesta pesquisa. A Sociolinguística Variacionista, ao integrar dados empíricos à descrição linguística, demanda um conjunto de etapas que garantam o rigor na coleta, categorização e interpretação dos dados. Assim, antes de avançarmos para a descrição dos procedimentos específicos desta investigação, discutiremos os princípios metodológicos que sustentam esse campo teórico, destacando

as etapas de delimitação do *corpus*, definição de variáveis, codificação das ocorrências e análise estatística dos dados linguísticos.

Guy e Zilles (2007, p. 73) afirmam que a “realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador compreender sua sistematicidade, encaixamento social e sua eventual relação com a mudança linguística”. Isso significa que o uso de métodos estatísticos permite demonstrar a centralidade da variação para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, como se dá o agrupamento social (comunidade de fala, de práticas ou rede social), prestígio, estigma e outros (Guy, Zilles, 2007).

Em outras palavras, a análise da variação linguística requer métodos quantitativos e estatísticos. Labov (1969) utilizou gravações de fala espontânea, análise de dados e estatísticas para identificar padrões e tendências de variação. Para a realização efetiva de um estudo sociolinguístico, Guy e Zilles, (2007) enumeram alguns processos imprescindíveis para a execução de uma pesquisa quantitativa e da sistematização da regra variável, a saber,

(i) Definir a variável dependente (fenômeno a ser estudado) e as variáveis independentes (categorias linguísticas e extralinguísticas que hipoteticamente influenciam a variação);

Labov (2008) afirma que a variável deve ser bem delimitada e deve haver critérios objetivos para identificar suas variantes. Além disso, ressalta que o controle de variáveis linguísticos e sociais é essencial para considerar o que pode influenciar a variação, como contexto fonológico, classe social, idade, gênero, entre outros.

(ii) Delimitar a amostra (objetivos, escolher o agrupamento social da pesquisa, quantidade de falantes, embasamento teórico, processos metodológicos): “os critérios de constituição de amostras devem ser coerentes com os objetivos da pesquisa” (Guy, Zilles, 2007, p. 109);

(iii) Coletar os dados para a constituição do *corpus*: “na definição do *corpus*, bem como nas demais etapas do estudo, o pesquisador deve procurar atentar para duas exigências relacionadas com a cientificidade da análise quantitativa: a validade (o objeto estudado, a variável dependente, está ligado ao fenômeno que queremos investigar, algum aspecto da estrutura ou do uso da língua, pelo próprio exame daquele

objeto) e a confiabilidade (equivalente à possibilidade de reproduzir ou replicar o resultado)” (Guy, Zilles, 2007, p. 116);

Labov (2008) afirma que a amostragem dos dados deve ser representativa e coletada de maneira que evite viés do pesquisador.

(iv) Transcrever os dados: atentando detalhadamente para as escolhas linguísticas do(s) falante(s), uma vez que essas “contribuem para o estabelecimento e a manutenção da idade social” (Guy, Zilles, 2007, p. 75);

Labov (2008) argumenta que a variação deve ser estudada no contexto da fala espontânea para capturar fenômenos autênticos da linguagem.

(v) Codificar e quantificar os dados: “quando o pesquisador já está em posse dos dados, deve identificar o que é ou não ocorrência da variável dependente, conforme as metas da pesquisa e os critérios estabelecidos para definir o que será ou não incluído na análise” (Guy, Zilles, 2007, p. 118);

(vi) Descrever e interpretar os resultados obtidos: “os resultados quantitativos costumam ser apresentados em tabelas e/ou gráficos. Eles devem ser construídos de modo a resumir adequadamente as observações e cálculos realizados a fim de representar os seus resultados” (Guy, Zilles, 2007, p. 222).

Desse modo, a partir do caminho metodológico descrito por Guy e Zilles (2007) e Labov (2008), concebendo a Sociolinguística Quantitativa como uma área do conhecimento em que o fazer científico é possível por meio dessas etapas estabelecidas, o estudo da realidade da diversidade linguística é tratado na Sociolinguística sob a perspectiva de que ela é resultado da própria heterogeneidade social e é passível de estudo, pesquisa e análise.

2.2. Comunidade de Práticas

A noção de comunidade de práticas na Sociolinguística Variacionista foi introduzida por Eckert e McConnell-Ginet (1992). Essa abordagem foi inspirada em trabalhos da antropologia e da teoria do aprendizado social de Jean Lave e Étienne Wenger (1991), mas adaptada para a análise da variação linguística.

Jean Lave e Etienne Wenger (1991), criadores desse conceito, afirmam que a

Teoria social de prática enfatiza a interdependência relacional do agente e do mundo, da atividade, do significado, da cognição, do aprendizado e do conhecimento. A teoria enfatiza o caráter inerentemente social e negociado do significado e da atividade. Essa perspectiva também assegura que o aprendizado, o pensamento e o conhecimento constituam as relações entre as pessoas em atividades que surgem de um mundo socialmente e culturalmente estruturado. Esse mundo encontra-se socialmente constituído, por um lado de formas objetivas e sistemas de atividades e por outro lado, da compreensão subjetiva e intersubjetiva do agente sobre elas, porém, ambas constituem o mundo e suas formas de experiência (LAVE; WENGER, 1991, p. 50-51).

Quando Lave e Wenger (1991) afirmam que a teoria da comunidade de práticas “ênfatiza o caráter inerentemente social e negociado do significado e da atividade”, eles querem dizer que, nesse modelo de agrupamento, há uma participação colaborativa, situada e consciente entre os membros da comunidade de práticas que se relacionam simbolicamente, se engajam e cooperam regularmente em torno desta atividade, compartilhando tarefas desenvolvidas por meio de atividades comunicativas, construindo dois sentidos, o pessoal e o comum a todos os outros participantes para a realização de um determinado objetivo. Isto é, os membros da comunidade estão em concordância sobre as atividades realizadas em seu grupo. Há uma aceitação, uma identificação, uma participação e, conseqüentemente, um engajamento em torno do material simbólico negociado e agenciado na comunidade.

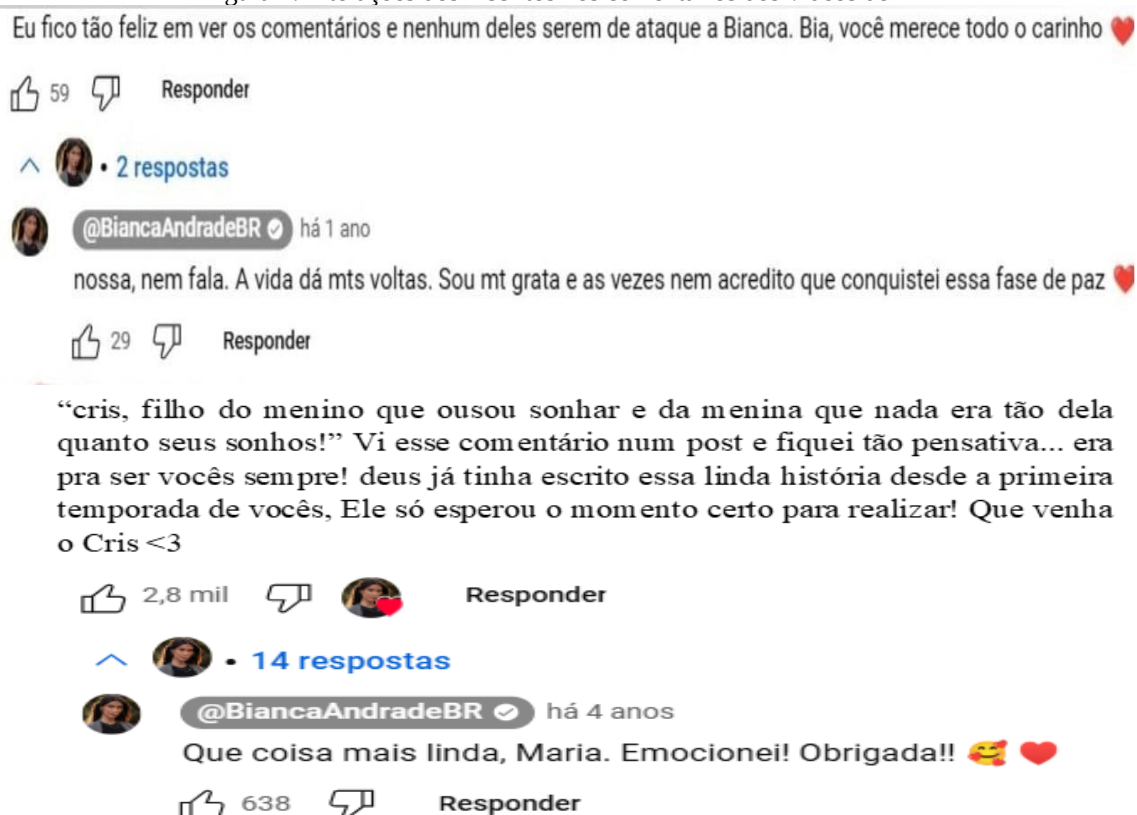
Na Sociolinguística, o termo *comunidade de práticas* foi inserido nos estudos de linguagem e gênero e atualmente se consolidou como uma organização social que compreende e explica as relações entre os membros de grupos integrados de forma consciente em práticas cotidianas, ajudando a moldar tanto a linguagem, quanto a sociedade, uma vez que essas práticas são mundanas, coletivamente compartilhadas, recorrentes, cobertas de significados para os participantes, os quais moldam nossos hábitos e texturizam nossas vidas (Mendoza, 1992), e os membros associados dela participam porque se identificam, sentem-se representados, desenvolvendo e compartilhando modos de falar, valores, crenças e relações de poder. As práticas surgem no curso desse esforço mútuo.

A escolha do canal de ‘Bianca Andrade’ como comunidade de práticas fundamenta-se na concepção de que práticas linguísticas emergem e se consolidam em contextos sociais de interação regular, conforme proposto por Eckert e McConnell-Ginet (1992). já que os membros participantes inscritos no canal, que visualizam os

vídeos, comentam, dão *like* nos vídeos, compartilham o *link* entre os amigos, estão inseridos nesse cenário de forma consciente. Ainda que esta Tese se debruce apenas sobre a fala de BR, sua produção linguística só pode ser interpretada em relação com os membros dessa comunidade, ou seja, compreende-se que sua linguagem é moldada por interações constantes com sua audiência — uma coletividade que compartilha valores, interesses e formas de comunicação.

No caso de BR, seja a motivação pela espontaneidade da *youtuber*, seja por uma necessidade de aprender a fazer maquiagem, por gostar de acompanhar seu *lifestyle*, admiração, inspiração ou qualquer outro motivo, todos estão ali, por um lado, por causa das “formas objetivas e sistemas de atividades” (Lave & Wenger, 1991), ou, por outro lado, por “compreensão subjetiva e intersubjetiva do agente sobre elas” (Lave & Wenger, 1991), e, independente da motivação, o pertencimento naquele grupo é socialmente constituído. Podemos ver na Figura 1 alguns comentários das inscritas do canal de BR reagindo aos seus conteúdos.

Figura 1: Interações dos inscritos nos comentários dos vídeos de BR



FONTE: Canal do *YouTube* de BR

A Figura 1 ilustra o canal de BR como uma comunidade de práticas, como um local de interação regular relacionado às atividades conjuntas desenvolvidas pelos membros, ou seja, um ambiente em que os significados sociais emergem por meio da linguagem, uma vez que as escolhas linguísticas estão relacionadas à(s) identidade(s) que o falante constrói nessas interações. BR posta um vídeo permeado de produções simbólicas, seus inscritos criam significados sobre o que assistem e reagem ao seu conteúdo em uma estrutura de interação, uma vez que toda comunidade de práticas se constitui como

[u]m agregado de pessoas que se reúnem em torno do engajamento mútuo em um empreendimento. Modos de fazer as coisas, modos de falar, valores, relações de poder – é diferente da comunidade tradicional, principalmente porque é definido simultaneamente por sua filiação e pela prática em que essa adesão se engaja (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 1992, p. 464).

A partir dessa definição de Eckert e McConnel-Ginet (1992), todos nós participamos de comunidades de práticas, constituída de uma copresença, engajamento conjunto mediado em atividades específicas que fornecem ação estruturada e por meio das quais criamos significado social (Mendoza, 2008). Essas comunidades são dinâmicas e fluidas, isto é, ao passar dos anos, vamos mudando de comunidades de práticas a depender dos nossos interesses e necessidades vigentes.

O que difere a comunidade de práticas da comunidade de redes sociais é (i) o fato de não haver necessariamente o convívio diário, recorrente entre os membros da comunidade de práticas apesar da estrutura de engajamento dos participantes e (ii) o fato de as práticas e suas ideologias veiculadas permitirem o surgimento de “falantes/participantes icônicos”, que desenvolvem *personas* que influenciam e padronizam o comportamento dos outros, além de que, ao criar *personas*, que são estilisticamente proeminentes em relação às de outras na comunidade de práticas, elas fabricam distinção (Mendoza, 2008, p. 211).

Os participantes icônicos são sujeitos em destaque dentro de uma comunidade de práticas, nos quais os demais se espelham e pelos quais norteiam seus comportamentos como decorrência dos amplos laços sociais centralizados. Neste estudo, a participante icônica é a própria BR, uma vez que ela é a porta-voz da comunidade, é ela quem fornece os materiais simbólicos que constituem a comunidade. Seus seguidores validam

sua performance e se inspiram no seu comportamento a partir da construção da sua identidade e das exibições simbólicas que permeiam a interação.

Segundo Wenger (1998, *apud* Meyerhoff & Strycharz 2013 [2002]), as comunidades de práticas são caracterizadas por engajamento mútuo (*mutual engagement*), (um empreendimento negociado em conjunto): o desenvolvimento de uma atividade conjunta (*joint enterprise*) e um repertório compartilhado (*shared repertoire of negotiable resources*):

(i) engajamento mútuo: interação no domínio de um interesse comum a todos, que os diferenciam e delimitam as fronteiras em relação a outros grupos, e esse engajamento se dá de modo harmônico ou não.

Pudemos ver na Figura 1 um exemplo de engajamento mútuo harmônico, em que BR publica um vídeo e os seus seguidores respondem ao conteúdo, visualizam, interagem positivamente por meio dos recursos da plataforma, dando *likes* e comentando nos vídeos postados.

Há uma intersecção de interesse comum a todos os envolvidos: BR compartilha aquilo que seus inscritos pedem nos comentários dos vídeos, faz conteúdo de maquiagem e dicas de moda porque seu público majoritário está no canal devido ao interesse por beleza feminina. BR também usa bordões em todos os seus vídeos, que repercute entre seu público, o introdutório “oi, goxxxxxtosas”, como chama suas inscritas (que se identificam e sempre usam o apelido nos comentários se referindo a ela), e o bordão final quando acaba todos os vídeos: “a Bia vai embora, mas a Bia volta”. Como podemos perceber na Figura 2, esse comportamento gera conexão entre ela e o seu público.

Figura 2: Bordões de BR

Adicione um comentário...

Que saudade desse “oi goxtosaaaaa” ☺ quem aqui tá desde a época da Bia ruiva?



Responder

Adicione um comentário...

“A Bia vai embora, mas a Bia volta”, eu sempre soube que voltaria! E esperei ansiosa por esse momento. Sou seguidora raiz desde o *blog* e estive juntinho sempre!



Responder

Adicione um comentário...

Tô tão feliz em ouvir esse “oi goxxxxxtosas” todo o dia



Responder

Adicione um comentário...

“A Bia vai, mas a Bia volta!” – E COMO VOLTA! Quem acompanha desde o quartinho roxo com beliche, depois “no apartamento que tem janela”, depois no “cantinho” sabe o que isso significa e inspira” Parabéns, mulher♡👉



Responder

FONTE: vídeos do *YouTube* no canal de BR

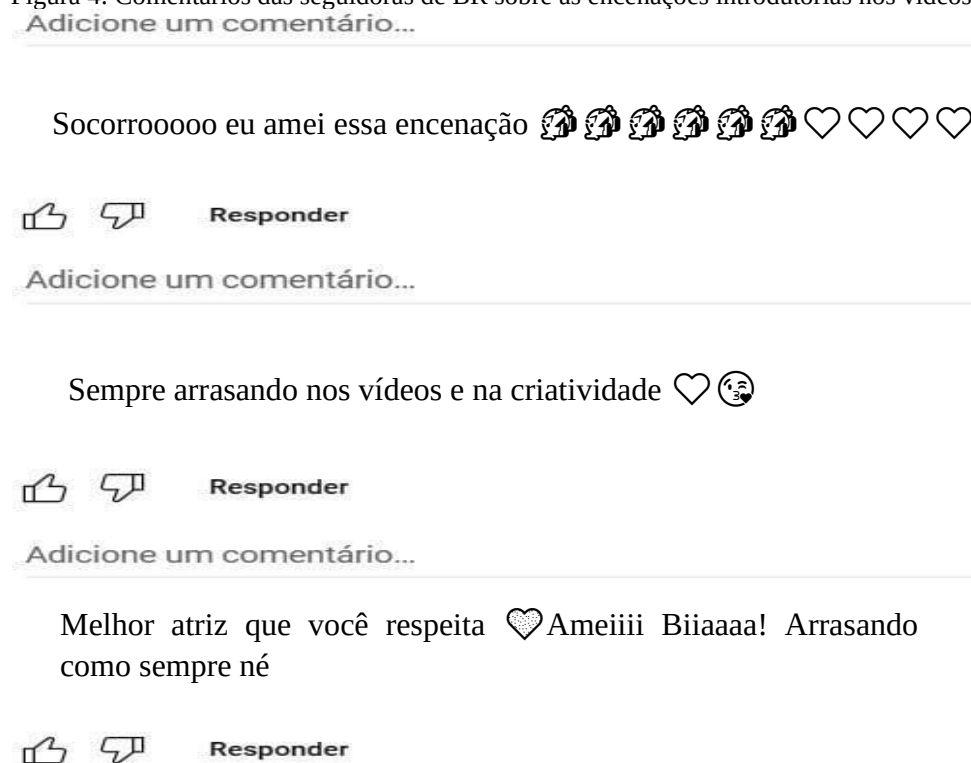
Nos vídeos mais antigos, BR criava um *storytelling* como recurso de engajamento, uma narrativa antes de começar os tutoriais de maquiagem a fim de gerar conexão com o seu público acerca do tipo de ocasião que pede um tipo específico de maquiagem. A *youtuber* criava uma encenação introdutória para entreter seu público e inseri-lo no contexto do vídeo e suas seguidoras reagiam ao seu conteúdo nos comentários.

Figura 3: Atuação de BR para contextualizar o tema do tutorial



FONTE: vídeos do *YouTube* no canal de BR

Figura 4: Comentários das seguidoras de BR sobre as encenações introdutórias nos vídeos antigos



FONTE: vídeos do *YouTube* no canal de BR

Destacamos também que, embora haja o engajamento mútuo nas comunidades de práticas, como vimos acima, nem sempre ele é harmônico. Pode ocorrer alguma insatisfação por parte dos participantes nas atividades do grupo. Isso acontece quando algo afeta negativamente os interesses dos membros, aquilo que os fazem estar na comunidade.

Um exemplo disso no nosso *corpus* são as repercussões de mudanças que ocorrem ao longo da evolução etária de BR, uma vez que ela começa a gravar na plataforma *YouTube* aos 16 anos de idade. BR sai do ensino médio para um curso técnico de pedagogia e os vídeos vão acompanhando toda a sua formação, amadurecimento social e emocional ao decorrer da sua ascensão como figura pública advinda da *Internet* e na mudança de papéis sociais, bem como sua saída da classe trabalhadora para a sua entrada na classe média alta e toda a amplitude de novas experiências que decorrem de uma mudança.

Esse movimento de transformações na vida de BR, refletidos nos vídeos, começou a ser mal visto pelos seus seguidores. Em um dos vídeos da nossa amostra, BR lembra

uma fase da sua vida em que, ao começar a perder os traços de adolescente, teve reações de seu público, que não entendia as mudanças pessoais que estavam ocorrendo com ela, naturais a todos que saem de uma fase da vida para outra, que vão desde as mudanças na voz, gostos pessoais, hábitos, às experiências sociais mais amplas, culminadas a partir de novas redes sociais a que BR começou a se veicular, como outros *youtubers*, por exemplo.

Eu comecei com dezesseis anos, aí eu tinha um jeitinho, dentro de mim, lembra, né? Comecei a ficar mais velha, comecei a gostar de outras coisas, comecei a falar diferente, né? Dezesseis, hoje eu tenho vinte e cinco, faz parte do processo. Certo, só que nem todo mundo consegue entender isso. [...] Em alguns vídeos eu aparecia um pouquinho mais séria e as pessoas falavam: “prefiro a Bia de antes”, às vezes dava uma animada, aí eu lia “forçada, forçada”. Gente, vocês lembram dessa época da minha vida que eu postava qualquer vídeo ou aparecia no vídeo de qualquer pessoa, as pessoas me chamavam de forçada? [...] Imagina isso dentro de um coração de menina, de adolescente para adulta, foi quando eu comecei a ter minhas dificuldades no *YouTube*. [...] Chegou em um ponto da minha vida que eu ligava a câmera e eu comecei a ficar ainda mais confusa. Aí eu ligava a câmera, menina, não sabia se eu falava “oi goxxxxxtosas” [com euforia] ou falava “oi gente” [mais séria] ou se eu falava “oi goxtosa” [com um tom mais brando, menos eufórico, mas não totalmente sério]. olha que loucura que eu fui meter dentro da minha própria cabeça. eu comecei a me perder, eu comecei a ficar nervosa, tensa. (TRANSCRIÇÃO EXTRAÍDA DOS NOSSOS DADOS).

Na transcrição acima, BR revela o conflito pessoal que viveu na transição da fase adolescente para adulta em que, ao mudar algumas práticas nos vídeos, houve resistência e crítica por parte do seu público. BR afirma que não se sentia bem iniciando os vídeos com a mesma apresentação introdutória de quando começou a gravar para a plataforma *YouTube*. Seu bordão inicial era “oi, goxxxxxxxxxtosas” super animada e sorridente. Esse código fazia parte do engajamento de BR com seu público, mas, com o passar dos anos, a *youtuber* passou a não se identificar mais com o bordão, de modo que até a forma de iniciar a gravação dos vídeos começou a ser um problema para BR.

Ao longo de um único ano, de forma abrupta para seus seguidores, diversas mudanças significativas ocorreram na vida pessoal de BR, impactando não apenas sua identidade, mas também sua relação com o público. A primeira alteração relevante foi a mudança na cor de seu cabelo, que passou do tom ruivo para o preto. Anteriormente, a influenciadora dedicava-se a produzir conteúdo voltado para o cuidado de cabelos

ruivos, abordando, entre outros temas, técnicas de tinturação, o que havia levado muitas de suas seguidoras a adotar esse tom. Em sequência, outro acontecimento de grande visibilidade foi o término de seu relacionamento de oito anos, o qual havia sido amplamente exposto em seu canal, por meio de vídeos que abordavam a vida a dois, planos de casamento e aspectos da convivência com seu parceiro. Além disso, destacou-se a mudança de BR para uma residência própria, após um período de insegurança e declarações nas quais mencionava não ter uma previsão de quando sairia da casa materna. Outro evento relevante foi a realização de 15 tatuagens em um único dia, além da subsequente realização de procedimentos cirúrgicos estéticos, que incluíram alterações em sua voz e em suas expressões verbais. Essas transformações pessoais, que ocorreram de maneira simultânea, geraram uma onda de críticas por parte de sua audiência.

Figura 5: Comentários criticando as mudanças de BR

Adicione um comentário...

Tinha tanto orgulho de você, olha como era feliz... Tantas coisas maravilhosas conquistou. Mas com tudo isso veio outra personalidade. Você mudou! Pode até dizer que não, mas é nítido 😏



Responder

Adicione um comentário...

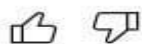
Gente o que tinha nessa tinta? porque depois dessa tinta a Bia mudou



Responder

Adicione um comentário...

Ainda me pergunto o que aconteceu com a Bia delicada, simpática e fofa, será que era só atuação? Ou a Bia de agora que é atriz? 😞💔💔



Responder

Adicione um comentário...

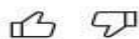
Última vez que vi a Bia que me conquistou, que me fez viciar no Boca Rosa, última vez que vi a Bia de verdade 😞



Responder

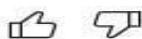
Adicione um comentário...

Esse vídeo foi uma despedida da Bia e depois desse dia nunca mais foi a mesma!



Responder

Aquele momento que eu preferia mil vezes o apartamento pequeno, com o Nando junto, do que uma cobertura sem ele!



Responder

Adicione um comentário...

A Bia mudou muito, gente. Ela mudou MUITO dps de ficar “famosinha”



Responder

FONTE: vídeos do *YouTube* no canal de BR

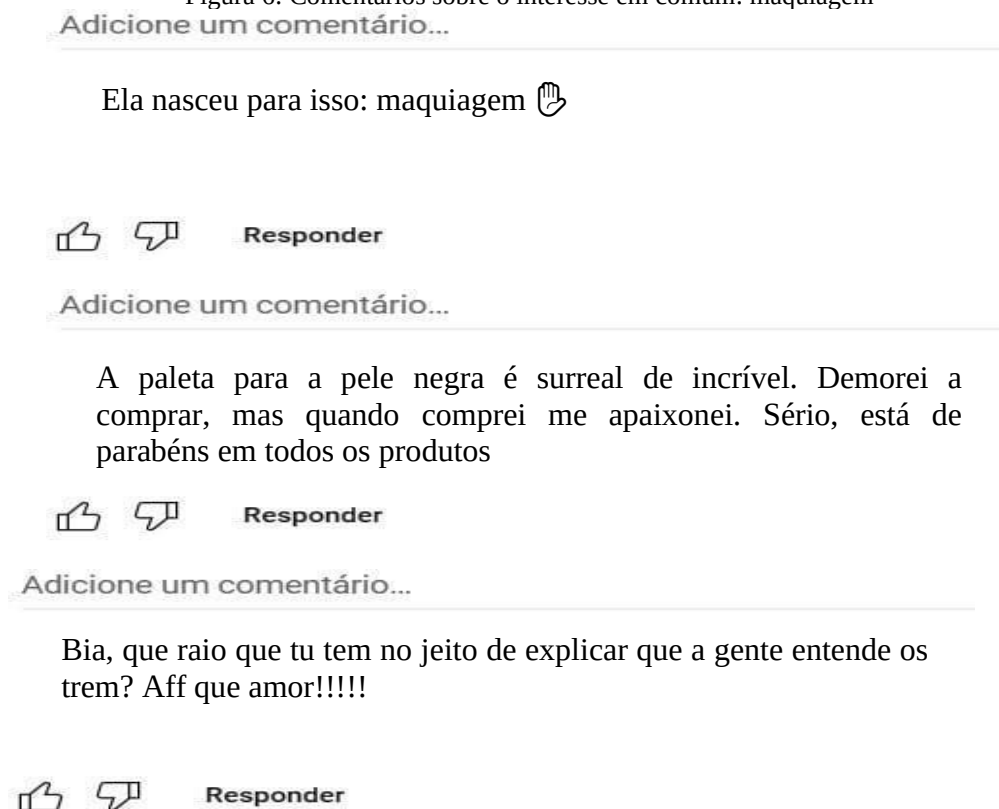
Todas essas mudanças marcaram um processo transitório de fases na vida de BR, que começa a voltar a ter uma aceitação estabilizada com seu público a partir do lançamento do “Boca Rosa *Beauty, by Payot*”, em 2018, devido ao sucesso dos produtos da sua linha de maquiagem.

A maior parte do público de BR na sua comunidade no *YouTube* se dava por causa de um interesse comum a todos: a maquiagem, tanto de BR como maquiadora, quanto do seu público interessado em seus tutoriais ensinando maquiagem para iniciantes. Nesse aspecto, entramos no que Wenger (1998), *apud* Meyerhoff & Strycharz (2013 [2002]), alistem como segundo principal papel desenvolvido em uma comunidade de práticas:

(ii) um empreendimento negociado em conjunto: o desenvolvimento de uma atividade conjunta (construção ativa) em que todos se ajudam e interagem mutuamente em torno dela dentro da comunidade de práticas.

Na Figura 5, percebemos comentários mais antigos e mais recentes dos inscritos de BR acerca dos seus tutoriais de maquiagem e dos seus produtos comerciais. Foi por meio dos conteúdos de maquiagem que BR cresceu na plataforma. Esse “empreendimento negociado em conjunto” é gerado a partir da vontade da *youtuber* em compartilhar seus conhecimentos sobre maquiagem e do seu público em querer aprender técnicas de automaquiagem.

Figura 6: Comentários sobre o interesse em comum: maquiagem



Adicione um comentário...

Já quero comprar esse batom. Amei o vídeo, prefiro vídeo assim “real” do que super produções. Amo essa Bia ♡



Responder

Adicione um comentário...

A maleta foi uma FEBREEEE só dava as lojinhas com a placa: Maleta boca rosa



Responder

Adicione um comentário...

É incrível o que essa mulher fez com o mercado nacional de maquiagem! O pó, pra mim, supera o da Laura Mercier (que é teoricamente o melhor do mundo” custando 4x menos! A base é PERFEITA, não tem 1 defeito pra melhorar, ainda mais com a nova embalagem!! O corretivo é divino e fica ótimo tanto só ele pro dia a dia como a base pra uma pele mais linda! O blush eu já usei vaaaaarios mas nenhum chega aos pés das cores, fixação, adaptação na pele e pigmentação, além do cheiro perfeito! A máscara então nem se fala, já usei umas 4 e continuo comprando mais! É tudo divino! Sinto um orgulho enorme em saber que essa mulher é brasileira ♡♡♡♡♡



Responder

FONTE: vídeos do YouTube no canal de BR

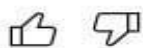
E, por último, a terceira característica destacada por Wenger (1998), *apud* Meyerhoff & Strycharz 2013 [2002] de comunidade de práticas é o:

(ii) um repertório compartilhado: promoção do compartilhamento de saberes e experiências subjetivas, através de recursos mobilizados pelos membros na interação para a construção do significado social. BR performa em uma comunidade estética dando dicas femininas: faz tutoriais de maquiagem, ensina penteados, indica marcas confiáveis para consumo, grava seu *lifestyle*, dicas em viagens, compartilha experiências sobre sua marca, sobre sua empresa, relata as estratégias utilizadas nas campanhas dos seus produtos, isto é, há uma produção ativa da identidade pessoal forjada por BR que fornece os materiais simbólicos necessários para uma troca de experiência e conhecimento. Seus inscritos querem ouvir o que BR tem para falar.

Figura 7: Comentários nos vídeos de BR sobre relatos de experiências, informações, conhecimentos

Adicione um comentário...

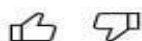
OBRIGADA POR USAR SUA VISIBILIDADE PARA FALAR SOBRE ASSUNTOS TÃO IMPORTANTES. Te amo e sinto muito orgulho de você.



Responder

Adicione um comentário...

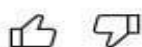
Eu sou completamente apaixonada por esse tipo de conteúdo, contando tudo detalhadamente. Sem contar a qualidade desse vídeo, surreal.



Responder

Adicione um comentário...

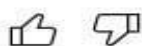
Bia, esse vídeo não foi somente um vídeo de apresentação dos seus produtos, mas foi uma aula de marketing e estratégia de vendas. Parabéns!!



Responder

Adicione um comentário...

Amoo esses vídeos bem boss! Ser empresária é passar por mil desafios diários e é muito inspirador ver mulheres poderosas e inovadoras como você! Inspiração real!! <3



Responder

FONTE: vídeos do *YouTube* no canal de BR

A partir dessas noções supracitadas, *língua* e *variação* são concebidas como práticas sociais (Labov, 2008), os membros como agentes ativos da variação e mudança linguística e o *locus* onde interagem e se encontram simbolicamente como comunidade de práticas. Logo, a escolha por esse método inclui a etnografia da comunidade, que é diferentemente do modelo tradicional de comunidade de fala, cujos participantes são estratificados a partir de variáveis macrosociais como sexo/gênero, faixa etária e *status*

econômico. Na comunidade de práticas o intuito é detectar camadas pertinentes, expressivas dos participantes, evidenciando a(s) função(ões) desses sujeitos na formação da sua identidade, tanto pessoal, quanto social.

Mendoza (2008, p. 226) afirma que os estudos de comunidade de práticas assumiram o desafio de mapear os grupos sociais básicos dos falantes e de atender aos padrões detalhados de variação sociolinguística que refletem e promulgam a ordem social.

Um exemplo de estudo que se baseia no construto de comunidade de práticas enquanto agrupamento social foi o de Santana, Andrade e Freitag (2015), sobre relações de gênero e formas de tratamento em uma comunidade religiosa chamada “Mãe da Divina Graça” no povoado Açuzinho, localizado em Lagarto/SE.

A comunidade é formada por 13 membros, dos quais 12 são do sexo feminino e um do sexo masculino. Santana, Andrade e Freitag (2015, p. 256-257) apresentam uma tabela que exhibe informações sobre os integrantes da comunidade de práticas “Mãe da Divina Graça”, listando idade, escolaridade, sexo e cargo de cada membro e seus perfis sociais. A faixa etária varia entre 22 a 83 anos, a escolaridade dos membros alterna entre ensino superior e ausência de escolarização, há membros com ensino fundamental (2ª, 4ª e 8ª séries) e ensino médio; quanto ao sexo, a maioria do corpo dos integrantes é constituído da presença feminina, com apenas um homem identificado (Edv, 71 anos). Já em relação aos cargos exercidos na comunidade, há membros ocupando funções de presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro, além dos demais apenas como “membros”. A liderança da comunidade parece majoritariamente feminina, e a distribuição etária sugere uma predominância de participantes mais velhas, muitas sem escolarização formal.

Segundo Santana, Andrade e Freitag (2015, p. 260), mesmo os membros apresentando faixas etárias diferentes, não parece existir gradação de tratamento em função deste fator. Mas há uma diferença na forma de tratamento em relação ao membro do sexo masculino. Em relação à forma “você”, observou-se o uso em situações específicas menos formais da reunião. Há também uma recorrência às formas “comadre” e “compadre” estabelecidas por meio do parentesco via batismo. Quanto às formas “irmã” / “irmão”, estabelecidas por meio da ligação religiosa, notou-se pouca

recorrência em relação ao que se esperava, atribuídas apenas em situações mais formais da leitura da ata e da chamada.

Diante da heterogeneidade de formas de tratamentos encontradas na comunidade de práticas em estudo, as autoras refletiram sobre como o modo de tratar o outro sinaliza relações de poder firmadas, em relações tanto assimétricas, quanto simétricas, sempre em função de quem é o outro do discurso (Brown e Gilman (2003 [1960])).

Pecuch e Pereira (2023) investigaram as práticas linguístico-discursivas de *rappers* brasileiros para compreender como a linguagem constroi suas práticas sociais e identitárias, baseando-se na concepção de comunidade de práticas de Eckert (2005). O *corpus* incluiu quatro entrevistas do programa *Manos e Minas* (2018-2019) disponíveis no *YouTube*. Os quatro *rappers* selecionados para o estudo foram: Djonga (Gustavo Pereira Marques), rapper mineiro, começou sua carreira em saraus e é influenciado por ritmos da cultura negra como o samba e o *funk*; Coruja BC1 (Gustavo Vinícius), natural de Osasco-SP, teve influência musical desde a infância e já trabalhou com artistas renomados; Nill (Davi Rezaque de Andrade), de Jundiaí-SP, teve seu primeiro contato com a arte na escola e se envolveu com *skate* e música; e, Arnaldo Tifu (Arnaldo Mendes da Silva), *rapper* de Santo André-SP, começou sua carreira em batalhas de *freestyle* e tem forte atuação no *hip hop*. A transcrição seguiu o modelo do Projeto NURC (PRETI, 2001), preservando traços da oralidade. A análise focou em marcadores discursivos, como *sacô*, *tá ligado?* e *né?* e em itens lexicais característicos do *rap*, como *bagulho*, *corre*, *mano* e empréstimos do inglês, destacando o papel da linguagem na interação e identidade do grupo.

Os autores relacionaram os achados linguísticos ao conceito de comunidade de práticas (ECKERT, 2005). O estudo demonstrou que a escolha de certos marcadores e palavras não é aleatória, mas reflete: (i) pertencimento à cultura *hip hop* – o uso de determinadas formas linguísticas marca a identidade dos *rappers*, reforçando a comunidade de práticas do *hip hop*, diferenciando-a de outros grupos sociais; (ii) construção discursiva da resistência – o *rap* é visto como instrumento de empoderamento e transformação social, funcionando como uma forma de letramento e inclusão social; e, (iii) reforço das redes sociais do *hip hop* – os marcadores discursivos, como o repertório compartilhado de gírias fortalecem os laços dentro da comunidade. Assim, o uso de certas formas linguísticas não é apenas um reflexo da identidade dos *rappers*, mas um meio ativo de construção social.

Pecuch e Pereira (2023) demonstraram que as práticas linguístico-sociais dos *rappers* não apenas refletem sua identidade, mas também moldam e reforçam sua participação na comunidade de práticas do *hip hop*. A análise demonstrou que a linguagem desempenha um papel central na construção de discursos de resistência, pertencimento e identidade periférica, consolidando o *rap* como um espaço de expressão e transformação social.

Tavares (2019) analisou como a representação do Nordeste é construída através da variação regional e de aspectos culturais nas publicações da *fanpage* ‘Nordestinos’ na rede social *Facebook*, criada em 2014 e que conta com milhões de seguidores que se identificam com as práticas linguísticas e culturais agenciadas na página. A autora observou as publicações mais populares entre os usuários da *fanpage*, incluindo a interação dos usuários com as publicações, por meio das curtidas, compartilhamentos e comentários; identificou a ocorrência de generalizações sobre o Nordeste nas publicações selecionadas e analisou os comentários que expressam identificação e pertencimento dos nordestinos com as postagens. O estudo, de caráter qualitativo e cunho bibliográfico, se fundamenta na Sociolinguística Variacionista, com enfoque na variação linguística e na identidade cultural. As temáticas analisadas das publicações abordam: *linguagem, cultura, turismo, culinária, música e entretenimento*.

Quanto aos achados da análise interpretativa, Tavares (2019) constatou uma identificação no uso de expressões linguísticas que marcam a identidade nordestina, mas a autora também apontou que a *fanpage* tende a generalizar o modo de falar da região, como se todos os nordestinos usassem as mesmas expressões e nos comentários os usuários apontam que determinadas gírias são faladas em estados específicos. A pesquisa mostrou que algumas postagens reforçam a ideia de um “nordestino típico”, criando estereótipos sobre a língua falada na região, por meio de um processo de simplificação e generalização das formas linguísticas nordestinas e que o preconceito linguístico pode ser perpetuado por essas representações nas mídias digitais. A autora demonstrou que língua e cultura estão interligadas: elementos como culinária, turismo e música aparecem frequentemente na *fanpage* como formas de reforço da identidade da comunidade. O estudo permitiu analisar como a linguagem utilizada na *fanpage* constroi uma imagem cultural do Nordeste.

A partir da discussão teórica sobre comunidade de práticas e apresentação de estudos em comunidades de práticas virtuais, exceto o estudo de Santana, Andrade e

Freitag (2015) - que se configura como uma comunidade de práticas tradicional, ressaltamos que entendemos comunidades virtuais como grupos no Facebook, páginas no *Instagram* e canais do *YouTube* como comunidades de práticas não prototípicas, uma vez que não seguem integralmente o modelo tradicional proposto por Lave e Wenger. Por um lado, algumas dessas comunidades virtuais podem ter limites mais difusos ou menos interações diretas, mas, por outro, exibem práticas compartilhadas que sustentam sua identidade como um agrupamento social que se junta em torno de engajamento mútuo e repertório compartilhado.

Lave e Wenger (1991), que introduziram o conceito de comunidades de práticas, também discutem como a flexibilidade e a diversidade desses grupos podem levar a formas não prototípicas. No trabalho inicial de Lave e Wenger (1991), é discutida a ideia de *participação periférica legítima* em comunidades de práticas, uma forma de aprender e participar de um grupo sem ser um membro ativo no centro da comunidade. Esse conceito pode ser aplicado a comunidades não prototípicas, onde os membros podem não estar completamente integrados, mas ainda fazem parte de práticas compartilhadas e, por isso, são considerados "legítimos". A noção de que a participação pode ser gradual e de diferentes intensidades abre espaço para entender a diversidade nas comunidades de práticas.

A dinâmica de interação menos constante em algumas atividades, próprias do espaço virtual ou mesmo a transitoriedade de membros que entram e saem ou passam um período de tempo sem constância nas interações afeta a inserção dessas comunidades de práticas em uma filiação mais tradicional do conceito, como é o caso da comunidade de práticas virtual no canal 'Bianca Andrade' no *YouTube*, a comunidade de práticas virtual *fanpage* 'Nordestinos' no *Facebook* (Tavares, 2009) e a comunidade de práticas dos *rappers* brasileiros (Pecuch & Pereira, 2023), que se enquadram como comunidades de práticas não prototípicas, pois não possuem uma estrutura fixa e regular de interação, mas mantêm um repertório comum e práticas discursivas que reforçam o pertencimento ao grupo.

Dessa forma, entendemos, neste estudo, a comunidade de práticas não prototípica como aquelas que não se caracterizam integralmente da mesma forma que as comunidades de práticas tradicionais, cujos fatores principais se dão pelos motivos: (i) *flexibilidade da comunidade de práticas online*: os membros interagem, principalmente por meio de plataformas digitais, em que os limites e características da comunidade

podem ser mais flexíveis, com práticas que podem ser menos organizadas. Comunidades de práticas compartilhadas em plataformas como *YouTube*, *Twitter* ou grupos de *WhatsApp*, por exemplo, formam comunidades com identidade menos rígida, mas ainda assim funcionais em termos de práticas comuns; (ii) *mobilidade das comunidades de práticas temporárias*: às vezes, um grupo pode se formar por um curto período com o objetivo de resolver uma questão específica e depois se dissolver, o que pode ser visto como uma comunidade de práticas não prototípica. Ou um grupo pode ter determinados interesses em atividades específicas e essas dinâmicas podem começar a ser direcionadas a outras práticas, isto é, o foco da comunidade pode mudar e alguns membros comecem a se dissociar por não concordar ou por fugir dos seus interesses iniciais; (iii) *hibridez de práticas nas comunidades*: estas podem combinar características tanto de comunidades de práticas tradicionais quanto de outros tipos de interação, como grupos informais ou coletivos com objetivos e práticas mais fluidos.

O conceito de comunidade de práticas, introduzido por Lave e Wenger (1991) e adaptado para a Sociolinguística por Eckert e McConnell-Ginet (1992), enfatiza o caráter social e negociado da atividade e do significado, bem como a participação colaborativa e consciente dos membros. No entanto, algumas comunidades de práticas, especialmente as que emergem em ambientes digitais, apresentam características que as tornam não prototípicas em relação ao modelo tradicional. O canal ‘Bianca Andrade’ exemplifica esse tipo de comunidade. Como supracitados, o canal possui características que o encaixa na definição tradicional de comunidade de práticas, como o *engajamento mútuo*, *empreendimento negociado em conjunto* e o *repertório compartilhado*. No entanto, há também aspectos que diferenciam o canal de uma comunidade de práticas prototípica, a saber,

(i) Ausência de convívio diário e recorrente: diferentemente de comunidades de práticas tradicionais, em que os membros interagem fisicamente e regularmente, a participação no canal ocorre de maneira assíncrona e variável. A interação entre os membros se dá majoritariamente por meio de respostas a conteúdos previamente publicados, sem a necessidade de presença constante (comentários, curtidas, compartilhamentos). Os membros do canal (seguidores e espectadores) não interagem diretamente entre si da mesma maneira que em um grupo presencial ou em comunidades fechadas.

(ii) Participação periférica e flutuante: no modelo tradicional, os membros se tornam parte da comunidade por meio de um processo contínuo de socialização. No caso do canal, a adesão dos inscritos é fluida, e há variações na participação ao longo do tempo. Muitos espectadores podem consumir o conteúdo sem interagir ativamente, mantendo uma relação de engajamento passivo, sem compromissos fixos.

(iii) Transformação da comunidade ao longo do tempo: a evolução pessoal e profissional da carreira de BR que impactam diretamente a comunidade. Algumas transições – como a mudança na forma de se expressar e a diversificação do conteúdo – geraram resistência por parte dos seguidores, que demonstraram insatisfação com a nova fase da influenciadora. Essa dinâmica mostra que a comunidade não mantém uma estabilidade tradicional, mas passa por reorganizações conforme os interesses de seus membros.

(iv) Centralização da figura da influenciadora: enquanto comunidades de práticas tradicionais tendem a distribuir a autoridade entre os membros, no canal de BR há uma dependência da figura central da influenciadora, que determina a direção das interações e das práticas compartilhadas. A *youtuber* é a principal produtora dos materiais simbólicos consumidos pela comunidade, e sua performance tem impacto direto na coesão do grupo. Em comunidades tradicionais, os membros co-constroem práticas de maneira interativa e cotidiana. No canal de BR, essa construção acontece de forma centralizada em torno do conteúdo criado por ela, influenciando e sendo influenciada pela audiência.

Diante desses fatores, classificamos o canal de BR como uma comunidade de práticas não prototípica, pois apresenta elementos estruturais que a aproximam do conceito tradicional, mas também características que a distanciam do modelo clássico. A flexibilidade da participação, a variação na interação e a centralização na figura da influenciadora fazem com que essa comunidade funcione de maneira distinta de comunidades de práticas convencionais. Essa abordagem permite compreender como práticas linguísticas e sociais emergem e se transformam em ambientes digitais, desafiando concepções fixas sobre agrupamentos sociais e suas dinâmicas.

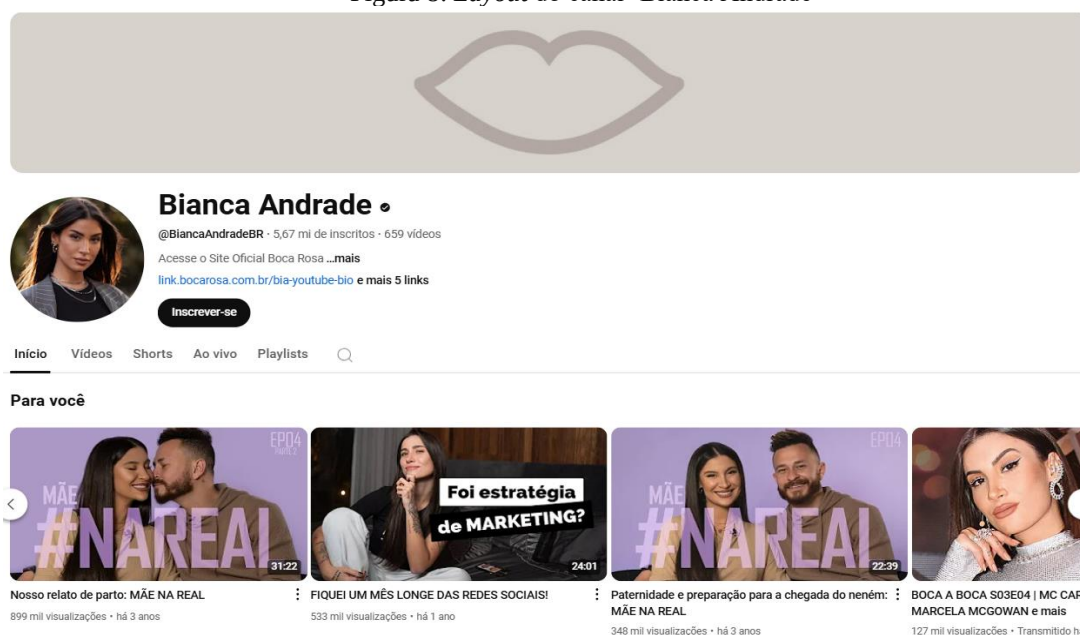
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção, apresenta-se a metodologia que norteou esta pesquisa. Explica-se o passo a passo de cada etapa, desde a seleção dos vídeos e constituição do *corpus* à análise do fenômeno diminutivo.

3.1. Comunidade de práticas pesquisada e constituição do *corpus*

O canal do *YouTube* ‘Bianca Andrade’ foi criado no dia 8 de março de 2011; é constituído por 5,6 milhões de inscritos, possui 659 vídeos, conta com 418.984.082 visualizações, segundo dados de fevereiro de 2025, e dispõe de 20 *playlists* de conteúdos por categorias.

Figura 8: Layout do canal ‘Bianca Andrade’



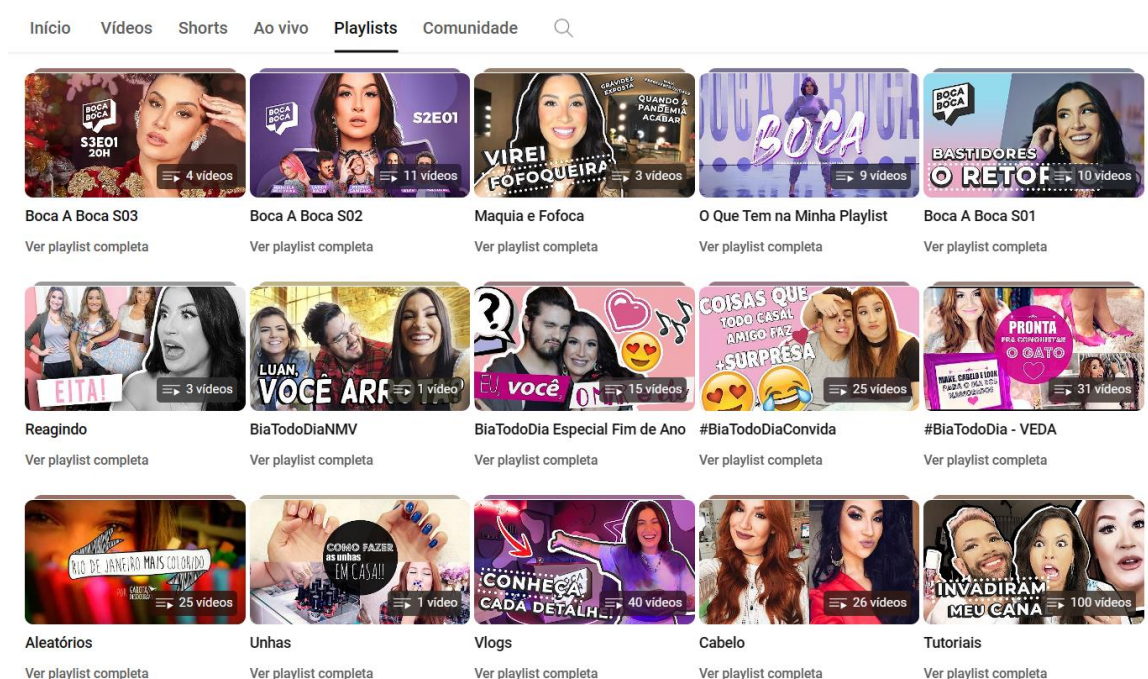
FONTE: *YouTube*, 2025

A Figura 8 mostra o título do canal de BR com o seu nome próprio e sobrenome; no entanto, em anos anteriores o canal se chamava BR, relacionando-o com o nome do *blog* ‘Boca Rosa’, onde iniciou na *Internet*, assim como todas as suas outras redes sociais. A transição do nome ocorreu após Bianca Andrade lançar a sua linha de produtos de beleza, cuja marca se intitula “Boca Rosa *Beauty*” e “Boca Rosa *Hair*”,

fazendo, dessa forma, a separação entre a pessoa física Bianca Andrade e a marca ‘Boca Rosa’.

O *YouTube* possui o recurso para criação de *playlists*, em que o criador de conteúdos da plataforma pode usar para organizar seus vídeos e facilitar a busca pelos usuários. BR utiliza esse recurso para categorizar seus vídeos em temáticas, como podemos observar na Figura 9.

Figura 9: Algumas *playlists* dos vídeos postados por BR



FONTE: *YouTube*, 2024

A seleção do *corpus* considerou *playlists* dispostas no canal de BR, organizadas por categorias temáticas, com o objetivo de garantir uma amostra representativa da fala de BR em diferentes fases e contextos. Para isso, foram escolhidos vídeos de diversas fases do canal, representando os momentos iniciais, intermediários e mais recentes, bem como as categorias temáticas mais recorrentes, como “tutoriais”, “cabelo”, “recebidos”, “comprinhas” e “vlogs”, priorizando aquelas com maior número de vídeos, o que indica uma recorrência temática. Além disso, foram incluídos vídeos que registram sua fase mais recente, como o documentário “#MãeNaReal” e outros conteúdos avulsos, como sua estreia no canal, primeira aparição em capa de revista, participação no programa

"Mais Você" e a história da marca BR *Beauty*.

Dessa forma, o *corpus* reflete a evolução do conteúdo do canal ao longo do tempo, mantendo um balanceamento também temporal.

A seleção dos 50 vídeos foi realizada com base em critérios que garantem uma amostra representativa e equilibrada para análise. Primeiramente, foram incluídos vídeos de diferentes anos de publicação, com, pelo menos, dois vídeos por ano para cada categoria, abrangendo o período de 2011 a 2023, para acompanhar possíveis mudanças no uso dos diminutivos ao longo do tempo, exceto em 2019, ano em que BR se ausentou da plataforma. Além disso, buscou-se diversidade nos tipos de vídeos analisados, incluindo *tutoriais*, *vlogs* e *conteúdos de recebidos/compras*, dado que a diversidade temática pode impactar a frequência do fenômeno. Para garantir um volume suficiente de dados, foram priorizados vídeos cujas categorias somassem uma duração superior a 60 minutos, assegurando uma amostra linguística robusta para análise quantitativa.

Como pode ser observado no Quadro 2, há uma disparidade na quantidade de vídeos em cada categoria. O fato ocorre devido à escolha de utilizarmos vídeos desde a criação do canal até os mais recentes dentro das *playlists* do próprio canal de BR, cujo intuito foi de utilizarmos dois vídeos de cada ano, no entanto, como percebido, há anos em que BR não faz conteúdo de determinada categoria. Em relação à diferença de duração dos vídeos, ela se deu uma vez que não há uma duração de tempo fixa nos vídeos de BR. Dessa forma, alguns vídeos, independente da categoria, tendem a ser mais longos do que outros. Assim, a seleção dos vídeos foi estabelecida a partir do critério de uma duração total razoável (mais de 60 minutos por categoria), em vez de número de vídeos. Dessa forma, a média geral de duração dos vídeos é de 113min20s por categoria.

Quadro 2: Descrição dos vídeos selecionados

CATEGORIA	TEMPO DE VÍDEOS SOMADOS	QUANTIDADE DE VÍDEOS
Tutoriais	144min76s	9 vídeos
Comprinhas	93min62s	5 vídeos

Recebidos	99min99s	6 vídeos
Cuidados com o cabelo	68min67s	6 vídeos
Outros	132min40s	11 vídeos
Vlogs	136min65s	9 vídeos
Doc #MãeNaReal	114min29s	4 vídeos
TOTAL: 7 categorias	TOTAL: 790min38s	TOTAL: 50 vídeos

FONTE: a autora

O Comitê de Ética em Pesquisa, conforme os termos da Lei de Acesso à Informação, nº 12.527¹, de 18 de novembro de 2011, estabeleceu o direito de acesso a informações de interesse público e regulamentou o uso de dados disponíveis publicamente, como aqueles oriundos de plataformas digitais abertas. Pesquisas que utilizam informações de acesso público, como o nosso estudo sobre a variação na frequência da forma de diminutivos na fala de BR, não são registradas e nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP. Como a nossa pesquisa se baseia exclusivamente em materiais já divulgados ao público, na plataforma aberta *YouTube*, sem envolver interação direta com participantes, coleta de dados privados ou identificação de informações sensíveis, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética. De acordo com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde², pesquisas que utilizam dados de domínio público, sem intervenção sobre indivíduos, estão dispensadas da apreciação ética. Dessa forma, o nosso estudo respeita as normativas vigentes, garantindo sua conformidade ética e legal.

3.2. Transcrição e codificação dos dados

¹ [L12527](#)

² [resolucao-no-510.pdf](#)

Após o *download* dos vídeos selecionados, criamos uma planilha no *Excel* para registrar todos os vídeos baixados, especificando-os com as seguintes informações: categoria do vídeo, título do vídeo no canal, data de publicação, duração e *link* do vídeo no canal de BR.

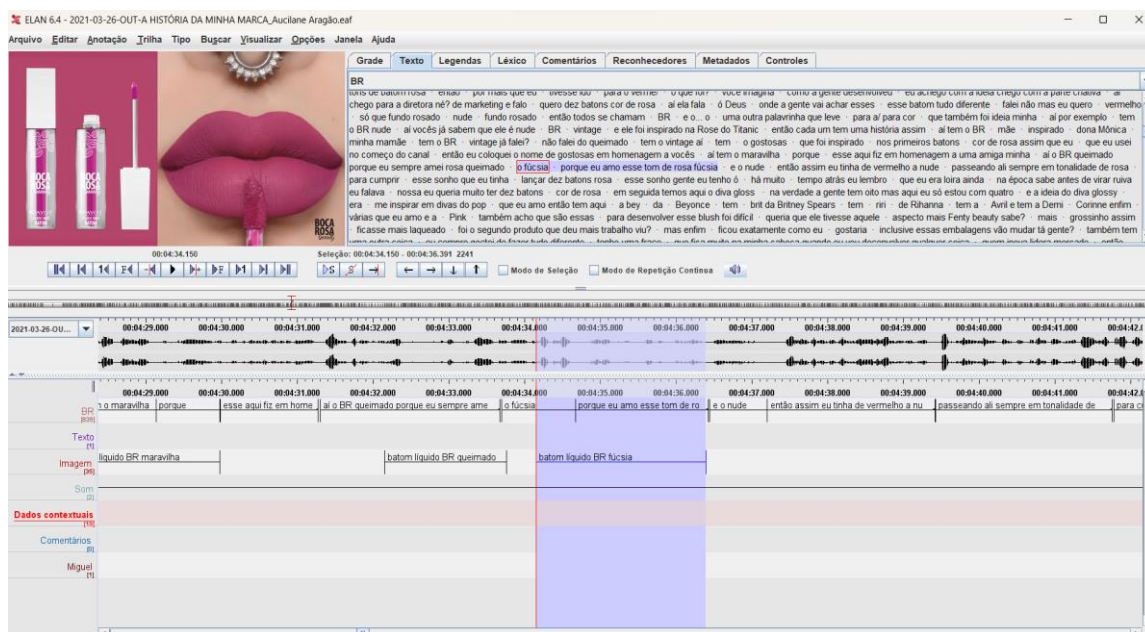
A transcrição de dados é uma das etapas metodológicas indispensáveis no tratamento de análises sociolinguísticas, pois significa “transpor o discurso falado, da forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes” (Paiva, 2003, p. 135), de forma padronizada, com o intuito de automatizar os dados (Oushiro, 2014). A automatização dos dados significa preparar a transcrição de modo que ela possa ser processada por *softwares* de análise quantitativa, isso envolve padronizar a transcrição para que os dados possam ser organizados, categorizados e quantificados de maneira sistemática, isso inclui, por exemplo, o uso de convenções padronizadas para garantir que as informações sejam interpretadas corretamente pelos pesquisadores.

Dessa forma, nossos dados foram transcritos no programa computacional ELAN, versão 6.4. O *software*, de origem holandesa, foi desenvolvido no Instituto de Psicolinguística Max Planck e é uma ferramenta para anotações de dados linguísticos. A escolha pelo programa se deu pela funcionalidade, praticidade e recursos dispostos na plataforma, tendo como principais vantagens:

a sincronização entre o arquivo de mídia e a transcrição/anotação, o que facilita enormemente a análise linguística dos dados (por exemplo, para codificação de variantes de variáveis fonéticas); a possibilidade de criação de múltiplas trilhas, que propicia não só a separação da fala de diferentes participantes, mas também a anotação detalhada de outros aspectos linguísticos e contextuais, bem como a representação de ações simultâneas (por exemplo, sobreposição de vozes, ações gestuais concomitantes às verbais); ferramentas mais sofisticadas de buscas dentro de um corpus (por exemplo, para encontrar todas as ocorrências de variantes de uma variável); a ampla flexibilidade de formatos de exportação da transcrição (.txt, .textgrid etc.) e, conseqüentemente, a compatibilidade com outros programas como Word, Excel, R, Rbrul, Praat, etc. (OUSHIRO, 2014, p. 117).

Na Figura 10, podemos observar uma das funcionalidades de disposição de informações dentro do programa, que é a possibilidade de criar trilhas diferentes.

Figura 10: Transcrição de vídeo de BR no ELAN



FONTE: a autora

Criamos seis trilhas fixas em todos os arquivos de transcrição (um por arquivo de mídia): “BR”, para a transcrição da fala de BR; “texto”, para a reprodução escrita de tudo que aparece na tela durante o vídeo; “imagem”, para a descrição de todas as fotos, figuras e imagens que aparecem na tela durante o vídeo; “som”, para anotar ocorrências de toques instrumentais e músicas; “dados contextuais”, para a descrição de ocorrências de tosses, espirros, barulhos externos etc.; e, “comentários”, para anotações de ocorrências que chamaram a atenção.

A convenção de anotar *dados contextuais* e *comentários* vem do Projeto SP2010 (Mendes & Oushiro 2012). As demais trilhas já são específicas do material multimodal do *corpus* analisado, que contém imagem, além de áudio.

A transcrição dos 50 vídeos realizada no *software* ELAN permitiu capturar detalhes contextuais e linguísticos na análise da fala de BR.

Após as transcrições, as ocorrências de diminutivos foram extraídas do *corpus* e codificadas no *software* Microsoft Excel, a fim de sistematizá-las. Para esse procedimento, seguimos o formato “caso por variável” (Gries, 2019, p. 29-30), com as variáveis distribuídas em colunas e cada ocorrência em uma linha. Ao total, foram extraídas e codificadas 2.822 ocorrências do fenômeno.

3.3. Variável dependente, variáveis independentes e hipóteses

A variável dependente em questão é o *número de ocorrências da forma de diminutivo a cada mil palavras*. Isto é, analisamos a frequência relativa do sufixo diminutivo *-(z)inho(a)(s)* no *corpus*, pois medimos quantas vezes os diminutivos aparecem proporcionalmente ao total de palavras, e comparamos tal frequência em diferentes contextos (ver variáveis independentes).

A questão semântica levantada por Lavandera (1978) e Buchstaller (2009), discutida na seção 2.1, torna-se particularmente relevante para a análise do diminutivo em contextos em que um mesmo item lexical pode não significar a mesma coisa em outro contexto, posto que as autoras discutem que variantes linguísticas morfossintáticas, tradicionalmente tratadas como formas alternantes, podem não possuir significados estritamente equivalentes. Isso desafia a definição clássica da variação sociolinguística, que pressupõe a existência de variantes com o mesmo valor semântico. Assim, considerando a perspectiva de Buchstaller (2009), o uso do diminutivo levanta a questão de como enquadrá-lo dentro dos modelos tradicionais de variação, uma vez que sua função vai além da mera substituição lexical, podendo incorporar novos significados no discurso.

Nesta pesquisa, a produtividade de ocorrências da forma de diminutivos a cada mil palavras é tratada como uma regra variável. No entanto, a operacionalização dessa regra não segue a forma tradicional binária (diminutivo *versus* não diminutivo), pois o foco está na frequência relativa do fenômeno dentro do *corpus* analisado, permitindo a comparabilidade na frequência do diminutivo entre diferentes situações comunicativas (Classe Gramatical, Semântica do Diminutivo, Categoria do Vídeo, Ano de Publicação).

Assim como em variáveis binárias tradicionais, como a concordância nominal definida como forma padrão vs. forma não padrão, a variação no uso do diminutivo envolve diferenças na produtividade do sufixo. Ou seja, a alternância ocorre não apenas na escolha entre a forma simples e a diminutiva, mas também na frequência e nas situações comunicativas em que o sufixo é empregado. Nesse sentido, a variação não se dá apenas entre duas formas equivalentes, mas entre uma forma base e outra que pode adicionar nuances de significado.

Para realizar uma análise nos moldes clássicos, teríamos que encontrar todas as ocorrências não só em que o diminutivo ocorreu, mas também os casos em que não ocorreu, mas poderia ter ocorrido (Guy, 1993, p. 223). A questão é que, em português, *potencialmente*, todo substantivo, adjetivo, pronome, numeral e até verbos também ocorrem na forma diminutiva, mas isso não significa que todas as ocorrências dessas palavras apresentam opcionalidade, porque, a depender do contexto interacional, a forma alternativa pode não querer dizer “a mesma coisa”. Em determinados contextos, as expressões “você passa o pincel” e “você passa o pincelzinho” podem transmitir o mesmo significado; em outros, contudo, podem apresentar distinções semânticas. Em uma situação em que há dois pincéis de maquiagem, um grande de pó e um pequeno para côncavo, por exemplo, é possível que não haja opcionalidade de dizer “pincel” ou “pincelzinho” com o mesmo valor referencial, porque “pincelzinho” é o pincel pequeno para o olho, enquanto o “pincel” se refere ao maior para outra área de aplicação do produto.

Além da questão da equivalência semântica entre formas alternantes, a definição da variável passa pela análise dos contextos em que de fato há opcionalidade. Quando Labov (1969) realizou o estudo de sentenças copulativas do inglês não padrão na fala dos Afro-Americanos, ele constatou que a cópula pode ser omitida, entretanto só pode ser eliminada em contextos onde ela poderia ser contraída. Isso significa que se uma frase permite contração (*hi is nice* → *he's nice* “ele é legal”), então essa mesma frase também pode permitir a eliminação da cópula (*he nice*). Entretanto, se um contexto não permite contração, também não permite a eliminação da cópula, por exemplo, em um contexto de resposta: *yes, he is* → *yes, he's* (agramatical → *yes, he* (agramatical). Ou seja, a regra variável de eliminação da cópula não pode ser aplicada indiscriminadamente, mas depende da existência de um estágio intermediário de contração. Esse critério metodológico é essencial para a delimitação dos dados incluídos na análise, assegurando que a variação observada não seja comprometida por contextos em que a omissão da cópula não é gramaticalmente viável.

Essa relação entre contração e eliminação estabelece um critério metodológico rigoroso para delimitar a variável: se o verbo *to be* não pode ser contraído, ele também não pode ser apagado, pois para analisar uma regra variável, é necessário encontrar contextos em que existe uma alternância possível entre formas, ou seja, casos em que a forma pode ou não ocorrer. Se não houver opcionalidade de uso, ou seja, se a presença

ou ausência da forma *for* obrigatória, então esse contexto não pode ser incluído na análise, pois não representa variação. Isso permitiu que Labov excluísse certos contextos sintáticos da análise, como respostas curtas (*‘short answers’*), final de frase (*‘tag position / clause-final position’*), antes de verbos no gerúndio (*‘before verb+ing constructions’*) e antes de *gonna* (*‘future periphrastic “gonna”*), focando apenas naqueles onde a alternância realmente acontece. Esse critério evita que os dados sejam distorcidos por casos onde a omissão da cópula não é uma opção gramatical viável.

Essa discussão fundamenta o motivo pelo qual eliminamos alguns itens lexicais que não apresentam variação entre a forma diminutiva e não diminutiva em nossos dados: a palavra “gatinho” quando se refere ao produto de maquiagem delineador (socialmente chamado de delineador de gatinho); e “cantinho”, quando BR se refere ao espaço que ela alugou para gravar vídeos, ao que ela intitulou como “cantinho do BR”, posto que nesses casos, o uso de diminutivo é categórico e, portanto, não há variação.

Toda essa abordagem e delimitação embasa a metodologia adotada para a quantificação dos dados (detalhada na seção 3.5 sobre o tratamento quantitativo dos dados), permitindo a análise da variação do fenômeno. Ao garantir a padronização das análises, a metodologia possibilita a identificação de padrões de uso do diminutivo nas diferentes condições examinadas.

Quanto às variáveis independentes, elas se constituem como a operacionalização de hipóteses sobre o que pode se correlacionar com o fenômeno sob análise. A Sociolinguística parte do pressuposto de que esses usos não são aleatórios, mas se correlacionam com fatores linguísticos e extralinguísticos. As variáveis linguísticas, também chamadas de *internas*, dizem respeito a propriedades estruturais da língua. Os motivadores linguísticos podem apresentar-se nos diversos níveis da língua (fono-morfo-sintáticos, lexicais). Já as variáveis extralinguísticas, também chamadas de externas ou sociais, referem-se ao contexto social. Os motivadores extralinguísticos podem ter foco no indivíduo ou em características sociais (etnia, gênero, nível de escolarização, poder aquisitivo, profissão, classe social, faixa etária).

Partindo do pressuposto que a variável em estudo se correlaciona com fatores linguísticos e extralinguísticos, controlamos quatro variáveis independentes, duas linguísticas e duas sociais. Essas variáveis foram selecionadas com base em informações provenientes de estudos anteriores sobre a variação *-(z)inho(a)(s)* (Villalva,

2010; Mendes, 2012; Lee, 2013; Rodrigues, 2015; Santana, 2017), além de observações sistemáticas dos dados.

As variáveis linguísticas selecionadas e suas respectivas hipóteses foram:

A. Classe gramatical:

i. Substantivo

“Eu vou usar essa **paletinha** aqui da Toque Natureza que eu amo, gente”

ii. Adjetivo

“Anitta é muito fofa, cara, ela já falou mil vezes que esse *liptint* é o que ela mais usa quando ela está toda **vermelhinha** lá em Aspen”

iii. Advérbio

“Esse pincel faz o contorno **rapidinho** né!?”

iv. Pronome

“Olha quem voltou com tutorial no *YouTube*, **euzinha**, menina!”

v. Verbo

“Eu só aplico e vou **espalhandinho** assim”

vi. Interjeição

“E daí eu vou terminar de esfumar até quase lá em cima tá? **Prontinho!**”

vii. Numeral

“Viu, amiga? **Umazinha** caiu... apenas **umazinha!**”

Hipótese: Os diminutivos são mais produtivos em algumas classes gramaticais do que em outras. No PB, os substantivos tendem a ser a classe com maior incidência de diminutivos, seguidos pelos adjetivos e, em menor grau, advérbios, verbos, interjeições, numerais e pronomes. Isso se deve ao fato de que o diminutivo muitas vezes agrega valor afetivo e/ou avaliativo, funções mais comuns em nomes e adjetivos. Por exemplo, substantivos no diminutivo tendem a atenuar ou afetivizar a referência, criando um tom

mais íntimo e próximo (ex.: *dinheirinho*, *coisinha*), o que pode reforçar a imagem de acessibilidade de BR, enquanto adjetivos no diminutivo podem suavizar julgamentos e evitar confrontos diretos, favorecendo um discurso diplomático (ex.: *carinho*, *salgadinho* para suavizar o preço elevado de algum produto). Além disso, substantivos e adjetivos possuem uma abertura morfológica maior para receber afixos do que outras classes gramaticais.

Estudos sobre o uso de diminutivos indicam que substantivos e adjetivos são as classes mais frequentemente afetadas pelo sufixo diminutivo (Castilho, 2014; Basílio, 1987; Oliveira; Gomes 2016), pois carregam maior carga semântica e avaliativa. Estudos morfológicos também demonstram que substantivos e adjetivos são classes mais abertas e sujeitas a processos de derivação, incluindo sufixação diminutiva (Basílio, 1987; Pimenta, 2012; Cunha & Cintra, 2018). Por outro lado, verbos, pronomes, interjeições e numerais devem apresentar ocorrências mínimas ou inexistentes, pois a marcação diminutiva nessas categorias é pouco comum ou restrita devido a natureza fechada dessas classes em receber derivações.

Portanto, o PB, de modo geral, tem uma alta frequência de diminutivos em substantivos e adjetivos e esse fato deve refletir no nosso *corpus*.

B. Semântica do diminutivo (sentido denotativo ou conotativo-afetivo)

i) Denotativo (referência a tamanho reduzido, pequena quantidade):

“Ó de **pouquinho** em **pouquinho** passa aqui e depois arrasta para dentro” [referindo-se à quantidade de sombra a ser adicionada no côncavo]

ii) Conotativo (referência a usos afetivos):

“Está vendo? um **vestidinho** polo... ele é bem **compridinho**... eu que sou baixinha ele bateu na minha canela quase no pé”

Hipótese: O uso do diminutivo será predominantemente conotativo, com forte presença de sentidos afetivos, expressivos ou atenuadores, em comparação com o uso puramente denotativo, tendo em vista que se imagina que BR se utiliza de uma linguagem que aproxima mais os seus seguidores, passando uma imagem de alguém próxima, acessível, embora exista a distância física entre ela como pessoa pública e seus

mais de cinco milhões de inscritos no canal, os diminutivos conotativos-afetivos podem estabelecer uma relação de proximidade.

De acordo com Ilari e Basso (2006), os diminutivos no PB são amplamente utilizados com função conotativa, especialmente para indicar afeto, ironia ou atenuação. Scherre (1998) também observa que a oralidade brasileira favorece estratégias de aproximação interpessoal, nas quais o diminutivo assume um papel fundamental. Além disso, Domingues (2017) destaca que, na interação digital e em discursos espontâneos, a conotação afetiva dos diminutivos se torna ainda mais evidente. O uso denotativo, que indica apenas tamanho pequeno, deve ser menos frequente.

Quanto às variáveis extralinguísticas para este estudo, foram selecionadas: *Categoria do Vídeo* e *Ano de Publicação*. A primeira permite investigar se o uso do diminutivo varia conforme o contexto temático e o tipo de interação proposta nos vídeos, refletindo diferentes graus de informalidade, envolvimento com o público e estratégias discursivas. A segunda variável busca captar possíveis mudanças ao longo do tempo, permitindo identificar tendências diacrônicas no uso do diminutivo, seja em decorrência de transformações na fala da *youtuber* em situações comunicativas distintas, seja em função de dinâmicas mais amplas da plataforma e/ou da variação linguística do português brasileiro.

- A) Categoria do vídeo: (*tutorial, recebidos, comprinhas, cuidados com o cabelo, vlog, DOC #MãeNaReal e outros*)

Hipótese: Vídeos das categorias "Comprinhas", "Recebidos", "Cuidados com o Cabelo" e "Tutorial" apresentarão maior frequência de diminutivos em comparação com outras categorias, como "Vlog" e "Doc #MãeNaReal", pois envolvem uma dinâmica de relato de experiências de aquisições, consumo e avaliações com compras e produtos recebidos por marcas, além da descrição dos objetos.

Segundo Preti (2000), o uso do diminutivo está fortemente ligado ao contexto discursivo e à intenção comunicativa. Em interações que envolvem consumo e recomendações de produtos, o diminutivo pode ser um recurso para reforçar proximidade e afetividade, o que se encaixa nas categorias que envolvem descrições de produtos e relatos de experiências pessoais onde o diminutivo é frequentemente usado

para indicar carinho, suavização e entusiasmo (ex.: *batonzinho*, *produtinho*, *cremezinho*). Rodrigues (2020), ao estudar a linguagem publicitária digital, também destaca o papel do diminutivo na criação de uma relação mais íntima entre influenciadores e seu público. Em vídeos mais informativos, como tutoriais e o documentário, o uso de diminutivos pode ser menor, pois o foco está na instrução técnica.

B) Ano de publicação: 2011 – 2023 (exceto 2019 porque não houve vídeos no canal nesse período).

Hipótese: O uso de diminutivos se estabilizará ao longo dos anos, acompanhando o crescimento pessoal de BR, uma vez que ela iniciou no *YouTube* na adolescência, mas pode apresentar uma leve queda nos anos mais recentes devido à profissionalização do canal.

Estudos como o de Rezende e Menon (2019) mostram que, no início da carreira de influenciadores, há uma predominância de um tom mais espontâneo e coloquial, o que favorece o uso de recursos expressivos como os diminutivos. No entanto, conforme o canal se profissionaliza, há uma tendência a uma fala mais controlada, reduzindo marcas excessivas de oralidade. Maia (2016), ao analisar o discurso de *youtubers*, observa que a linguagem passa por um processo de adaptação conforme o influenciador ganha notoriedade e busca uma identidade mais alinhada com sua marca.

Quadro 3: Variáveis Independentes Extralinguísticas: Categoria do Vídeo e Ano de Publicação

Categorias	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2020	2021	2022	2023
Tutoriais	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒
Vlogs	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	-	☒	-	☒	-
Recebidos	-	-	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	-
Comprinhas	-	-	-	☒	☒	☒	☒	☒	-	☒	-	-

Cuidados com o cabelo	-	☑	☑	☑	☑	☑	☑	-	-	-	-	-
Doc #MãeNaReal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	☑	-	-
Outros	☑	☑	☑	☑	☑	☑	☑	-	☑	☑	-	☑

FONTE: a autora

O quadro 3 apresenta a distribuição das categorias de vídeos em relação ao ano de publicação no canal de BR. Esse quadro sugere uma variação na abordagem do conteúdo do canal, com alguns formatos sendo mais constantes e outros surgindo apenas em determinados períodos. Por exemplo, *tutorial* e *vlog* são as categorias mais recorrentes, aparecendo na maioria dos anos analisados, uma vez que eram os conteúdos mais populares entre os seguidores de BR e consequentemente, aqueles para os quais ela mais produzia conteúdo; *recebidos* e *comprinhas* são menos frequentes e ocorrem apenas em anos específicos, pois à medida que BR se popularizava nas redes sociais ela reduziu os vídeos mostrando os produtos que recebia das marcas para fazer propagandas apenas de contratantes; *cuidados com o cabelo* tem uma presença intermitente, sugerindo que esse tema foi explorado apenas em alguns períodos, pois BR ficava um determinado período com uma cor específica de cabelo ou tendo os mesmos cuidados já apresentado ao seu público, gravando apenas quando alguma mudança corria; o *documentário* aparece apenas em 2021 porque foi um projeto pontual da influenciadora; e a categoria *outros* aparece em vários anos, pois representa vídeos diversificados que não se encaixam nas demais categorias.

3.4. Tratamento quantitativo

Os dados transcritos e codificados foram quantificados, a fim de partir da natureza numérica dos nossos dados, para que pudéssemos analisá-los. Esse processo é indispensável, uma vez que ele permite transformar informações qualitativas em dados quantitativos, propiciando a interpretação precisa e confiável, baseada em evidências

concretas. Através da quantificação, é possível identificar tendências e padrões, e realizar previsões e projeções.

Buchstaller (2009) argumenta que, ao estudar fenômenos acima do nível fonológico (como variação morfossintática e discursiva), nem sempre é possível definir um conjunto fechado de variantes concorrentes. Assim, é necessário empregar métodos alternativos de quantificação, como frequência por mil palavras, uso de amostragem e projeção:

(i) Frequência por mil palavras (normalizar os dados para permitir comparações entre diferentes conjuntos amostrais): calculamos a frequência dos diminutivos por mil palavras em cada categoria de cada variável com base no total de palavras do *corpus*, o que permitiu comparar a produtividade do diminutivo em diferentes categorias e contextos, sem que o tamanho da amostra de cada categoria afetasse a análise.

(ii) Amostragem e projeção: para quantificar a variável linguística ‘classe gramatical’, categorizamos o total de palavras em uma subamostra e projetamos os resultados para o *corpus* completo. Buchstaller (2009) argumenta que, em alguns casos, é necessário recorrer a projeções para obter distribuições mais confiáveis.

A partir desse contexto, detalharemos o processo de quantificação dos nossos dados. O procedimento de cômputo para as variáveis extralinguísticas e linguística ‘Semântica do Diminutivo’ se deu de forma diferente da variável linguísticas ‘Classe Gramatical’, tendo em vista a dificuldade de categorizar todas as palavras do *corpus* em cada classe gramatical.

(i) Primeiro passo: cômputo das ocorrências de diminutivos

Após a transcrição dos 50 vídeos selecionados do canal de BR, foi realizada a extração de todas as ocorrências de diminutivo *-(z)inho* no *corpus* no Excel. Esse procedimento foi feito para cada uma das variáveis analisadas e, posteriormente, para o conjunto total dos dados.

(ii) Segundo passo: cômputo do total de palavras no *corpus*

Para obter a frequência de diminutivos em relação ao total de palavras faladas por BR, utilizei o *software* ELAN, que permitiu contabilizar automaticamente o número de palavras em cada variável extralinguística e no conjunto completo do *corpus*.

- (iii) Terceiro passo: quantificação das ocorrências de diminutivos por mil palavras das variáveis extralinguísticas – (DMP)

Com os números absolutos de ocorrências de diminutivos e de palavras totais disponíveis no *corpus* e em cada categoria, foi aplicado um cálculo de regra de 3 para quantificar os dados. A fórmula utilizada foi a seguinte:

DMP = Diminutivos por mil palavras

$$\frac{\text{Número de diminutivos}}{\text{Número total de palavras (do } \textit{corpus} \text{ geral e de cada categoria)}} \times 1000$$

Essa quantificação permitiu comparar a frequência de diminutivos em diferentes contextos, independentemente do tamanho da amostra em cada uma das variáveis extralinguísticas e linguística ‘semântica do diminutivo’.

- (iv) Quarto passo: projeção para a variável linguística ‘Classe Gramatical’

O procedimento para a análise da variável linguística ‘Classe Gramatical’ seguiu uma estratégia diferente, baseada em amostragem e projeção, pela dificuldade de classificar todas as palavras do *corpus* em cada classe gramatical. Para a categorização desta variável linguística, selecionamos dois vídeos do *corpus*: O primeiro vídeo do canal de BR, que representa o início da amostragem, e o último vídeo, que representa o final da amostragem.

a. Classificação das palavras:

Foi feita a classificação morfológica de todas as palavras desses dois vídeos. Isto é, cada palavra dos dois vídeos foi manualmente categorizada em uma das seguintes

classes gramaticais: substantivos; adjetivos; advérbios; verbos; pronomes; preposições; conjunções; interjeições.

b. Projeção:

A partir da contagem das palavras em cada classificação dentro desses dois vídeos, foi feito o cálculo por regra de três para estimar a quantidade de palavras por categoria gramatical no *corpus* completo, de acordo com a fórmula abaixo (exemplo para a estimativa de número de substantivos).

Estimativa do N de substantivos no *corpus* =

$$\frac{\text{N total palavras no } corpus \times \text{N substantivos na subamostra}}{\text{N total de palavras na subamostra}}$$

Esse mesmo procedimento foi repetido para cada variante linguística, permitindo estimar o número de ocorrências de cada categoria gramatical no *corpus* total.

(v) Quinto passo: com o cômputo do número de ocorrências de diminutivo a cada mil palavras, foi possível comparar a frequência dos diminutivos entre fatores das variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Desse modo, o tratamento quantitativo adotado nesta pesquisa, baseado na frequência relativa do uso do sufixo diminutivo *-(z)inho(a)(s)* por mil palavras, possibilita uma análise mais precisa do fenômeno em estudo, para além de uma simples dicotomia de ocorrência ou não ocorrência da variável. Ao operacionalizar os dados por meio da codificação sistemática e da categorização das variáveis controladas, assegura-se a replicabilidade e a confiabilidade dos resultados, atendendo aos critérios metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Esse delineamento quantitativo oferece, portanto, uma base empírica sólida para as análises subsequentes, nas quais serão examinadas as influências das variáveis propostas sobre a produtividade do diminutivo no *corpus* analisado.

4. ANÁLISE DOS DADOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nossa amostra, constituída de 50 vídeos selecionados no canal “Bianca Andrade”, no *YouTube*, totalizou 2.822 ocorrências do sufixo *-(z)inho(a)(s)*, cuja produtividade foi analisada quantitativamente a fim de verificarmos as frequências desses usos em correlação com variáveis linguísticas e extralinguísticas em estudo.

4.1. Análise: variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas

A Tabela 1 apresenta a frequência de diminutivos por mil palavras de acordo com a Classe Gramatical do item lexical.

Tabela 1: Frequência de diminutivos (por mil palavras) da variável linguística “Classe Gramatical”

Classe Gramatical	Totais	-(z)inho	freq.	Média
Adjetivo	5.648	631	111,72	20,68
Substantivo	27.298	1.817	66,56	
Advérbio	15.958	307	19,24	
Verbo	28.462	31	1,09	
Interjeição	2.062	23	11,15	
Numeral	941	10	3,18	
Pronome	21.291	3	0,47	
	136.443			

Fonte: a autora

A Tabela 1 mostra uma predominância do uso de diminutivos em adjetivos, seguidos por substantivos (ex. “*aí comprei também essa **blusinha** aqui na Zara... ó que*”).

bonitinha que ela tem o *ombrozinho* de fora e tem *golinha*”), com 111,72 e 66,56 ocorrências por mil palavras, respectivamente; e, advérbios (ex. “*nunquinha* que eu iria deixar vocês sem tutorial de maquiagem para o carnaval”), com 19,24. Enquanto outras classes gramaticais apresentam frequências bem menores (por exemplo, verbos – 1,09; pronomes – 0,47).

A alta frequência de diminutivos em adjetivos pode ser explicada pelo uso recorrente da valorização de produtos ou atenuação de características e avaliações (*apaixonadinha*, *transluscidozinho*, *achatadinho*, *lacradinho*, *felpudinho*, *quietinha* etc.). Isso faz sentido considerando que BR atua em um espaço digital onde a comunicação é fortemente pautada pela diplomacia e pelo engajamento. Um exemplo disso no nosso *corpus* é quando a *youtuber* mostra aos seus seguidores um portafold que comprou em uma loja de utensílios e atenua que o preço pago foi *carinho*, e comenta que tudo nessa loja é *salgadinho*. Ou seja, o diminutivo aplicado aos adjetivos estaria reduzindo a força de avaliações, posto que frequentemente os adjetivos expressam a opinião do falante sobre o referente ao qual se associam, o que pode ser uma estratégia discursiva para evitar parecer muito categórica ou negativa. Kerbrat-Orecchioni (1980) afirma que alguns adjetivos já contêm em seu significado uma carga valorativa, indicando julgamento positivo - *maravilhoso*, *excelente*, *lindo*, *inteligente* - ou negativo – *horrível*, *medíocre*, *péssimo*, *incompetente*.

A recorrência em substantivos pode ser explicada pela maior abertura do léxico dessa classe gramatical para receber afixos, algo bem documentado em estudos morfológicos (Basílio, 1987; Pimenta, 2012; Cunha & Lindley, 2018). Em geral, substantivos e adjetivos são categorias mais abertas a processos derivacionais do que pronomes, verbos e interjeições, isso ocorre porque substantivos e adjetivos frequentemente representam entidades e qualidades, categorias conceituais que são mais facilmente modificadas ou especializadas via afixação (*arrobinha*, *catalogozinho*, *cotonetinho*, *orçamentinho*, *pneuzinho*, *gelzinho*, *Bruninha* etc.), confirmando a hipótese de que o sufixo diminutivo *-(z)inho(a)(s)* opera principalmente nas categorias com maior carga semântica valorativa e avaliativa, como substantivos e adjetivos, e muito menos em classes como pronomes.

O estudo de Cruz e Azevedo (2018) demonstra que os diminutivos foram empregados majoritariamente em substantivos e adjetivos, apesar de as autoras não apresentarem dados quantitativos da porcentagem ou frequência desses usos, apenas

apresentam indicações qualitativas dessa predominância: o diminutivo foi amplamente encontrado em substantivos nos municípios analisados (Piranhas, Aragarças e Aruanã), cujos exemplos incluem nomes de entidades humanas ("véinha", "caçulinha"), objetos ("balinha", "fazendinha") e conceitos abstratos ("tardizinha"). Apesar da presença dos adjetivos, o estudo enfatiza que a classe mais produtiva foi a dos substantivos. Isso sugere que, enquanto nas comunidades analisadas por Cruz e Azevedo (2018) o diminutivo se concentra mais em substantivos, na fala de BR há uma inversão: o uso é ainda maior nos adjetivos, provavelmente devido ao contexto de influência digital, onde a avaliação e a valoração de produtos são essenciais. Portanto, embora o estudo de Cruz e Azevedo não forneça uma frequência exata para cada classe gramatical, fica claro que o padrão geral encontrado no PB – maior incidência de diminutivos em substantivos – também se reflete em parte na fala de BR, mas com uma produtividade maior em adjetivos devido ao seu contexto discursivo.

Já a presença de diminutivos em advérbios no nosso *corpus* aparece com uma frequência intermediária (19,24) e, ainda que menos expressiva que adjetivos e substantivos, merece destaque, pois sugere um fenômeno de intensificação semântica que transcende o adjetivo. Expressões como *cedinho* modificam a ação descrita ao carregar nuances pragmáticas. Na sentença “todo dia agora vou acordar *cedinho*... Ter o meu horário... vir para o meu trabalho”, destaca o comprometimento de estabelecer uma rotina para a gravar os conteúdos no novo espaço de gravação, além, apenas, de acordar cedo.

A relação entre a morfologia da palavra base e a produtividade do sufixo diminutivo é evidenciada pela baixa ocorrência de diminutivos em verbos (1,09), – *espalhandinho*; interjeições (11,15) – *prontinho*; numerais (3,18) – *unzinho*; e pronomes (0,47) – *euzinha*. A natureza fechada dessas classes, no sentido de arregarem mais informação gramatical do que semântica, apresenta restrições morfofonêmicas e estruturas mais rígidas, que dificultam a incorporação de novos morfemas. Nos pronomes, por exemplo, o fenômeno é ainda mais restrito. Casos como *euzinha* são exceções convencionadas na língua, justamente porque os pronomes formam um conjunto relativamente fixo e limitado dentro da gramática da língua, o que impede ampliações ou modificações morfológicas com a mesma facilidade que substantivos e adjetivos (Castilho, 2010). Esse padrão estrutural restringe a inserção de sufixos derivacionais, que reflete na baixa frequência de formas pronominais diminutivas. Por

exemplo, a forma diminutiva *euzinha* é uma exceção pronominal e foi encontrada na nossa análise, já formas como ‘elezinho(a)’, ‘nósinho’ ou ‘tuzinho(a)/vocêzinho(a)’ não são comuns.

O fato de algumas classes fechadas aceitarem o sufixo diminutivo, ainda que com baixa frequência, sugere que a restrição não é categórica, mas probabilística e sensível a fatores morfofonológicos e discursivos. Pronomes pessoais já são altamente gramaticalizados e expressam referência de maneira fixa, o que reduz a necessidade de modificações morfológicas, pois, possuem menos espaço para variação morfológica. Isso dificulta a proliferação de formas como *nósinho* ou *tuzinho*. Mesmo que certas formações sejam possíveis, a língua depende de uso contínuo para que elas se tornem produtivas. *Vocêzinho* pode até ser usado ocasionalmente, mas nunca se tornou uma forma cristalizada e convencional como *euzinha*. Algumas formações parecem mais naturais por se encaixarem melhor no sistema fonológico do português, já *tuzinho* ou *nósinho* soam mais estranhos porque os pronomes de segunda pessoa do singular e primeira pessoa do plural não têm um histórico de flexibilidade morfológica. Então, apesar de a possibilidade de formação morfológica existir, a frequência de uso também depende de fatores pragmáticos, fonológicos e estruturais da língua. *Euzinha*, por exemplo, pode enfatizar a identidade da primeira pessoa de forma afetiva ou contrastiva (*eu mesma, e não outra pessoa!*).

Os achados da análise de frequência dos diminutivos na Classe Gramatical demonstram que a morfologia da palavra base desempenha um papel fundamental na produtividade do sufixo diminutivo. Pinheiro (2021) identificou padrões regulares nos ambientes fonológicos e morfológicos dos diminutivos em sua análise, demonstrando que variáveis estruturais, como base morfológica, sufixo e tonicidade, interagem de maneira sistemática para determinar o tipo de diminutivo empregado. Esse padrão pode ser observado na alta frequência de diminutivos em adjetivos e substantivos e a baixa incidência nas demais classes analisadas na fala de BR, uma vez que adjetivos e substantivos oferecem bases morfofonêmicas que favorecem a formação diminutiva pois, em geral, possuem maior abertura morfológica para receber afixos e apresentam características fonológicas que facilitam a derivação diminutiva, como tonicidade regular e estruturas silábicas que acomodam a inserção do sufixo *-(z)inho(a)(s)* na palavra base. Dessa forma, os resultados da pesquisa reforçam empiricamente a relação

entre fatores estruturais e a produtividade do sufixo diminutivo, evidenciando padrões regulares na distribuição do fenômeno.

Essa convergência entre os resultados dos estudos demonstra que a produtividade do sufixo diminutivo não ocorre de maneira aleatória, mas sim condicionada por fatores linguísticos estruturais que favorecem sua inserção em determinadas classes gramaticais, especialmente aquelas que permitem maior flexibilidade morfológica e possuem potencial avaliativo. Esses dados corroboram com a hipótese de que o diminutivo não é igualmente produtivo em todas as classes, e que a classe gramatical tem correlação com a frequência de diminutivos, sendo menos frequente naquelas que possuem menor flexibilidade morfológica.

A Tabela 2, abaixo, apresenta a frequência de diminutivos por mil palavras de acordo com a Semântica do Diminutivo no contexto da ocorrência do fenômeno.

Tabela 2: Frequência de diminutivos (por mil palavras) da variável linguística: “Semântica do Diminutivo”

Semântica do Diminutivo	Totais	-(z)inho	freq.	Média
Conotativo: afetivo		2.509	18,44	
Denotativo		313	2,23	20,68
	136.443			

Fonte: a autora

O uso de diminutivos com sentido conotativo-afetivo (18,44) é muito mais frequente que o uso denotativo (2,23), sugerindo que BR tende a empregar o diminutivo para expressar emoções e proximidade em vez de um sentido estritamente descritivo. A predominância de conotação no uso de diminutivos na fala de BR indica que a influenciadora pode utilizar uma linguagem que visa a criar proximidade com seus seguidores, mostrando que o diminutivo é empregado principalmente para expressar afeto, suavização e envolvimento interpessoal. Os diminutivos conotativo-afetivos são concebidos nesta análise com significados em situações comunicativas de

atenuações/suavização, afetividade/carinho/intensificadores emocionais e valorativos/elogiosos.

- (1) Atenuação (suaviza avaliações e julgamentos): *essa aqui custou cinquenta e nove reais... foi bem **carinha** mas eu acho que nem olhei o preço.*
- (2) Afetividade (força um tom próximo e envolvente): *eu vou deixar aqui as minhas redes sociais para vocês me acompanharem em tempo real... o que eu estou fazendo... eu estou sempre **grudadinha** em vocês!*
- (3) Intensificador emocional (aproximação com o público): *e para você receber o vídeo em primeira mão tem que acionar esse **sininho** aqui do **ladinho**... está vendo?*

Isso pode estar alinhado com a forma de se expressar de um influenciador digital, cujo sucesso depende da construção de proximidade com seus seguidores. O uso do diminutivo conotativo na fala de BR pode ser interpretado como uma estratégia de engajamento, criando uma sensação de intimidade mesmo dentro da comunicação digital, enquanto o uso denotativo do diminutivo, que indica tamanho ou quantidade reduzida, aparece com menos frequência porque ele não tem a mesma função interacional e discursiva que o uso conotativo, uma vez que esse uso tende a ser mais objetivo e descritivo, o que pode explicar sua baixa ocorrência, já que BR não se baseia predominantemente em descrições objetivas, mas sim em uma linguagem que visa a uma aproximação com o público.

A alta incidência de diminutivos em adjetivos e substantivos, aliada à predominância da função conotativa-afetiva, indica que o diminutivo pode operar como um recurso estratégico na construção de um discurso emocionalmente engajado. Esses achados reforçam a relevância do diminutivo não apenas como um fenômeno morfológico, mas também como um mecanismo pragmático essencial para a comunicação digital e para a formação de comunidades discursivas baseadas em vínculos afetivos.

Os itens lexicais foram codificados como “denotativo”, quando comportavam sentido de tamanho reduzido, pequena quantidade ou baixa intensidade, por exemplo, quando a *youtuber* falava de um pincel pequeno ou da quantidade de produto para aplicação na maquiagem, e “sentido conotativo” quando o pincel era maior, mas BR o chamava de “pincelzinho”, comportando um tom afetivo. Com o expressivo uso de

diminutivos na fala de BR (média relativa de 20,68), entendemos que, mesmo que para se referir a algo pequeno, o sentido denotativo também comporta valor afetivo.

Cruz e Azevedo (2018) examinaram que há uma cordialidade no contexto sociolinguístico de Goiás e que o uso de diminutivos é utilizado como um marcador de acolhimento, reciprocidade e gentileza, isto é, como um recurso linguístico multifuncional que reflete significados culturais e sociais. Esse achado converge no resultado da nossa análise na fala de BR, uma vez que o diminutivo é empregado por BR com uma frequência de 18,44 em relação ao sentido literal com apenas 2,23 de ocorrências a cada mil palavras, evidenciando como traços culturais podem ser similares em diferentes plataformas e espaços interacionais, como o âmbito digital. Assim, mesmo analisando uma única falante, este estudo permite captar padrões que refletem processos sociais e linguísticos mais amplos, mostrando como o comportamento individual se insere em dinâmicas coletivas de variação e mudança na língua.

Nos dados da nossa amostra não encontramos apreciações negativas ou qualquer sentido pejorativo no uso de diminutivos na fala de BR, como vimos na seção 1.2, Santana (2017) afirma que a situação comunicativa é que vai direcionar para o significado social do diminutivo quando ele não estiver relacionado apenas com o tamanho reduzido de algo ou alguém. O fato de BR não usar o diminutivo com sentido de desdém, ironia, sarcasmo ou desprezo sugere que, na situação comunicativa em que ela se insere, o diminutivo não carrega conotações depreciativas, apenas conotações positivas de atenuação, suavidade, afetividade, confirmando a nossa hipótese de que o uso de diminutivos conotativos seria mais recorrente em comparação ao uso denotativo devido BR se utilizar de uma linguagem que aproxima mais os seus seguidores.

Pinheiro (2021) demonstrou que os falantes realizam expressões faciais ao produzir diminutivos, o que reforça a ideia de que essas formas linguísticas carregam um componente emocional e expressivo. Esse achado indica que os diminutivos não são neutros, mas desempenham um papel ativo na comunicação afetiva e na construção de significados sociais. No caso da fala de BR, essa característica pode ser particularmente relevante, uma vez que a frequência de uso de diminutivos conotativos sugere uma intensificação da carga emocional e avaliativa da mensagem. O estudo de Pinheiro (2021) evidencia que o diminutivo não se limita a uma função morfológica, mas está diretamente ligado a processos de interações que envolve as emoções. Dessa forma, a alta produtividade do diminutivo na fala de BR pode estar diretamente associada a

estratégias discursivas que reforçam laços de proximidade e envolvimento com seu público.

A Tabela 3 apresenta a frequência de diminutivos por mil palavras de acordo com a Categoria do Vídeo na nossa amostra.

Tabela 3: Frequência de diminutivos (por mil palavras) da variável extralinguística “Categoria do Vídeo”

Categoria do Vídeo	totais	-(z)inho	freq.	Média
Comprinhas	20.658	624	30,21	20,68
Recebidos	17.857	485	27,16	
Cuidados com o cabelo	12.962	322	24,84	
Tutorial	27.148	663	24,42	
Vlog	17.881	282	15,77	
Outros	25.776	352	13,23	
DOC #MãeNaReal	14.161	95	6,64	
	136.443			

Fonte: a autora

Na Tabela 3, percebe-se uma alta incidência de diminutivos em vídeos relacionados a compras (30,21), recebidos (27,16), cuidados com o cabelo (24,84) e tutoriais (24,46). A utilização de diminutivos nessas categorias pode estar relacionada a estratégias persuasivas, como a atenuação de preços ou a criação de uma atmosfera mais intimista e envolvente, características fundamentais para a comunicação digital voltada ao consumo e à influência. As categorias *vlog* e *DOC #MãeNaReal* tiveram uma baixa incidência de diminutivos, (15,77) e (6,64) respectivamente. Isso sugere que a função semântica do diminutivo é diretamente condicionada pelo propósito comunicativo e pelo tipo de interação promovida pelo vídeo. Nos *vlogs*, apesar de serem menos monitorados, os diminutivos são usados de forma mais espontânea e menos frequente, refletindo um tom casual e cotidiano, mantendo um vínculo com o público por meio de

uma linguagem descontraída, mas sem o mesmo exagero emocional de categorias promocionais. E os vídeos do *DOC MãeNaReal*, apesar de seguirem um roteiro, são cautelosos, mais sérios e informativos, lidam com temas mais pessoais e menos comerciais, motivos pelos quais BR monitora mais a sua fala; como a intenção não é vender ou apresentar produtos, o uso de diminutivos afetivos pode ser menos relevante. Ou seja, o diminutivo pode estar mais ligado ao universo de recomendações e análises de produtos, o que explicaria sua menor frequência em vídeos sem esse foco. E essa postura monitorada pode refletir a intenção de BR de compartilhar experiências maternas com maior maturidade e reflexão, além do fato de os vídeos do documentário serem mais recentes do que as demais categorias, o que reflete uma postura visual, linguística e comportamental diferente da BR dos vídeos iniciantes. Portanto, a menor presença do diminutivo nessas categorias sugere que ele se apresenta como um recurso adaptável conforme o contexto comunicativo, posto a sua variação de frequência conforme o conteúdo.

A categoria ‘*comprinhas*’ reúne vídeos de compras nacionais e internacionais feitas por BR. A blogueira mostra todas as compras de algum dia específico, loja ou com algum tema definido e apresenta aos seus inscritos cada item comprado, descrevendo a peça, a funcionalidade e o valor pago. As compras variam de peças de roupa, produtos de maquiagem, acessórios a objetos de decoração. O próprio nome da categoria já emprega o diminutivo “*comprinhas*”, encapsulando esse tom carinhoso e detalhista, antecipando a experiência discursiva que será encontrada nos vídeos. Os diminutivos nessa categoria parecem funcionar para criar uma relação valorativa com os objetos comprados e com o público, reforçando o tom apreciativo e qualitativo, construindo a ideia de uma BR detalhista, cuidadosa e empolgada pelos itens que apresenta ao adjetivar excessivamente suas compras (“*perfeitinho*”, “*espaçosinha*”, “*lindinho*”, “*clarinho*”, “*lisinho*”, “*baratinho*” etc.), além de falar afetuosamente o nome de cada item (“*paletinha*”, “*vestidinho*”, “*brilhinho*”, “*perfuminho*”, “*torradeirinha*”, “*sombrazinha*”, “*hidratantezinho*” etc.).

A categoria ‘*recebidos*’ reúne vídeos de BR mostrando pilhas de caixas enviadas por empresas, marcas e influenciadores para apresentar aos seus seguidores lançamentos de produtos. Nos vídeos desta categoria, BR adjetiva demasiadamente cada item dos pacotes que as marcas a enviam para divulgação sugerindo endosso positivo aos produtos (“*caprichozinhos*”, “*gracinha*”, “*listradinho*”, “*produtinhos*”, “*coralzinho*”,

“docinho”, “cheirosinho”, “avermelhadinho” etc.) e fala afetuosamente o nome dos recebidos (“caixinha”, “biquinizinho”, “pipoquinhas”, “ampolinhas”, “sacolinha”, “cartãozinho”, “açucareirinho”, “chocolatezinhos”, “almofadinha”, “sandalinha”, “canequinha”, “protetorzinho”, “catalogozinho” etc.). Os diminutivos aqui são usados para personalizar os produtos enviados por marcas, gerando uma narrativa emocional sobre itens que poderiam ser apresentados de forma objetiva, e ajuda a projetar BR como uma figura grata pelas oportunidades e receptiva aos presentes, criando engajamento para as marcas, uma vez que ela recebe os produtos comerciais, os apresenta a seu público de forma positiva e gera neles o desejo de consumo. Além disso, o diminutivo nessa categoria também pode suavizar avaliações e criar um discurso mais amigável, minimizando críticas diretas a preços ou características dos produtos, por exemplo: *esse perfume tem um cheirinho **docinho**, mas nada enjoativo*.

A categoria ‘*cuidados com o cabelo*’ reúne vídeos de BR ensinando a fazer penteados, a tratar o cabelo com máscaras capilares, processo de tinturação, cortes, acessórios para cabelo e finalizações. BR adjetiva no diminutivo o tamanho do seu cabelo, os procedimentos realizados nele e o estado do seu cabelo (“cachinho”, “onduladinho”, “platinadinho”, “minguadinho”, “franjinha”, “ralinho”, “curtinho”, “mechinha”, “sequinho”, “ruivinho”, “pontinha”, “molhadinho”, “bagunçadinho” etc.) e fala o nome dos produtos utilizados afetuosamente (“creminho”, “escovinha”, “canudinho”, “grampinho”, “sachezinho”, “bisnaguinha”, “luvinha” etc.). A frequência de uso de diminutivos nessa categoria pode justificar o fato de que BR em vez de apenas explicar um procedimento capilar, ela traz uma sensação de conversa entre amigas. Certos procedimentos capilares podem ser agressivos (ex: descoloração, corte, química). O uso de diminutivos como *platinadinho* ou *mechinha* pode amenizar a ideia de mudança radical ou dano ao cabelo, tornando o processo mais palatável. Além disso, o diminutivo nessa categoria pode reforçar um olhar zeloso sobre a beleza e o autocuidado. *Cachinho* e *franjinha*, por exemplo, destacam traços específicos do cabelo com um tom de apreço.

A categoria ‘*tutorial*’ é constituída por vídeos de BR ensinando o passo a passo de maquiagens. BR ensina técnicas de maquiagem, como aumentar o tamanho da boca com o uso de batom; faz vídeo ensinando maquiagem para ocasiões específicas, como maquiagem para o carnaval, para o natal, formatura, casamento; além de instruir e direcionar aprendizes iniciantes que queiram fazer automaquiagem. BR faz uso de

diminutivos para adjetivar os itens de maquiagens e descrever a quantidade de produto ou o lugar de aplicação (“pouquinho”, “camadinhas”, “olhinho”, “boquinha”, “rostinho”, “transluscidozinho”, “grudentinha”, “begezinho”, “tracinho”, “fininho”, “esfumadinho”, “cantinho”, “narizinho”, “cilinhos”, “escurinho” etc.) e até mesmo para falar afetuosamente o nome do produto (“batonzinho”, “pincelzinho”, “sombrazinha”, “gelzinho”, “delineadorzinho”, “lapisinho”, “paletinha”, “basesinha”, “pastinha”, “pozinho”, “esponjinha” etc.). Os usos de diminutivos nessa categoria parecem suavizar instruções técnicas para criar um tom didático e acolhedor para o seu público, consolidando BR como uma mentora acessível que guia suas seguidoras no aprendizado de automaquiagem.

Na categoria ‘vlog’, BR grava vídeos de rotina, dia inteiro ou cobertura de algum evento. Os *vlogs* são os vídeos mais naturais, sem roteiros do canal de BR. Apesar de serem vídeos mais espontâneos, os *vlogs* apresentaram baixa frequência de diminutivos na fala de BR. Esse dado sugere que a naturalidade da fala nos *vlogs* não está diretamente associada a um maior uso desse recurso linguístico. Isso pode ter acontecido em decorrência dos seguintes fatores: (i) diferente de categorias como *comprinhas* ou *tutoriais*, em que há uma ênfase descritiva sobre objetos e detalhes (o que favorece o uso de diminutivos, como “*batonzinho*”, “*pincelzinho*”, “*tonzinho mais quente*”), os *vlogs* são mais voltados para a rotina e experiências, o que pode reduzir a necessidade de empregar diminutivos para qualificação ou suavização de termos; (ii) nos *vlogs*, BR assume um tom mais narrativo, relatando atividades do dia a dia, deslocamentos e eventos. A fala mais espontânea pode exigir menos o uso de diminutivos, pois a construção do envolvimento com o público se dá mais pelo conteúdo visual e pela dinâmica do vídeo do que pelo uso de recursos linguísticos; (iii) o uso de diminutivos pode estar mais relacionado a determinadas categorias temáticas do que apenas ao grau de espontaneidade do discurso, como categorias comerciais. A menor incidência de diminutivos na categoria *vlog* pode indicar que o uso desse recurso não depende do grau de informalidade do vídeo, mas do conteúdo abordado e da intenção discursiva. Enquanto em vídeos voltados para beleza e consumo o diminutivo pode funcionar como uma estratégia de suavização e envolvimento emocional, nos *vlogs* a construção da proximidade com o público parece ocorrer por outros meios, como a narrativa do seu *lifestyle*.

A categoria ‘*outros*’ foi criada por nós para organizar vídeos avulsos de etapas importantes da vida e do canal de BR que não estão especificamente em uma categoria feita por ela em seu canal, como: vídeo da estreia do canal, lançamento da linha de acessórios de uma marca, vídeo sobre a nova rotina de alimentação, história da marca BR *beauty*, campanha para revista etc. Assim, a categoria “outros”, apesar de ser a categoria com mais vídeos do *corpus* (11), soma apenas 68min67seg, e teve frequência de diminutivos abaixo da média, com apenas 13,23 realizações a cada mil palavras. A baixa incidência de diminutivos nessa categoria, apesar de apresentar o maior número de vídeos entre as demais categorias, pode estar relacionada aos conteúdos incluídos nela, que não seguem um padrão de tom discursivo uniforme, uma vez que são vídeos com várias temáticas, muitas delas sobre o olhar dela a assuntos profissionais, como os vídeos sobre estratégias de *marketing* nas campanhas da marca BR *Beauty*, vídeos sobre a participação da *youtuber* em programa de TV e revistas, vídeos comentando o lançamento de produtos, ou seja, é uma categoria com conteúdos mais informativos, que relatam como BR enxerga a importância de alguns feitos para o sucesso da sua marca.

E, por último, a categoria ‘*DOC#MãeNaReal*’ apresenta uma série de vídeos com a temática da maternidade, falando sobre o processo da gestação, hormônios, sentimentos, preparativos para o nascimento do bebê e o relato de parto. A baixa ocorrência de diminutivos nessa categoria pode ser interpretada a partir de diferentes perspectivas discursivas e contextuais. O documentário tem um caráter mais sério e reflexivo. Esse contexto pode levar a uma comunicação mais objetiva e menos permeada por traços linguísticos associados a um tom lúdico, pois talvez BR associe o uso de diminutivos a temáticas mais de influência de consumo. Como o documentário foi produzido para relatar experiências da maternidade com informações e comentários dos profissionais que auxiliaram BR na gestação, pode ter existido uma adaptação consciente da linguagem para corresponder à seriedade dos temas, como saúde mental na gestação. O uso reduzido de diminutivos pode indicar um esforço para construir uma imagem mais madura e emocionalmente envolvente, adequada ao tema da maternidade. Além disso, embora o diminutivo seja frequentemente usado para expressar afeto e proximidade, o relato da maternidade pode ter sido conduzido de uma forma mais introspectiva, sem a necessidade de suavização ou intensificação emocional que os diminutivos geralmente carregam. A experiência da gestação e do parto pode ter exigido um tom mais direto e emocionalmente profundo, sem recorrer a diminutivos para criar

um efeito de carinho ou intimidade. Se comparado a vídeos sobre beleza e moda, onde o diminutivo pode ser usado para tornar a fala mais cativante e amigável ("*batonzinho*", "*lookinho*", "*cantinho*", "*pincelzinho*"), o documentário sobre maternidade pode ter demandado um vocabulário mais técnico e descritivo, menos marcado por expressões diminutivas. Isso reforça a flexibilidade da linguagem da influenciadora, que adapta sua fala de acordo com a temática e o público-alvo de cada tipo de conteúdo.

A análise demonstra que o uso do diminutivo varia conforme o contexto discursivo, reforçando a hipótese de que seu uso não é aleatório e a frequência de ocorrências do fenômeno entre as categorias não é equivalente, uma vez que vídeos com função comercial e avaliativa (ex.: *comprinhas* e *recebidos*) apresentaram uma maior frequência de diminutivos, enquanto vídeos com um tom mais neutro ou reflexivo (ex.: *vlog* e *DOC MãeNaReal*) apresentaram menor frequência de diminutivos. Essa variação sugere que BR ajusta seu uso do diminutivo intencionalmente, de acordo com os objetivos de cada vídeo.

A pesquisa de Mendes (2012) contribuiu para compreendermos como os diminutivos podem ser empregados na fala de BR como um recurso linguístico socialmente estratégico. O autor mostrou que o uso de diminutivos é fluido e depende de fatores contextuais, como o tópico da conversa e o público-alvo. Homens e mulheres ajustam sua linguagem para alinhar-se às expectativas sociais ou distanciar-se de determinados estereótipos. Esse achado convergiu com o resultado da nossa análise na fala de BR, uma vez que a *youtuber* também varia a frequência de usos de diminutivos dependendo da Categoria do Vídeo/assunto abordado. Ou seja, evidencia como a variação no uso dos diminutivos em seu canal do *YouTube* não ocorre aleatoriamente, mas está relacionada ao tipo de conteúdo que ela apresenta. Assim como os falantes estudados por Mendes (2012), a *youtuber* ajusta sua linguagem de acordo com o público-alvo e o efeito comunicativo desejado, tendo em vista a variação nas frequências por categorias, em que em vídeos comerciais, publicitários, a presença de diminutivos tende a ser mais frequente, enquanto, em vídeos mais pessoais, que enfatizam sua personalidade e rotina, o uso de diminutivos se apresentou menos recorrente.

A Tabela 4, abaixo, apresenta a frequência de diminutivos por mil palavras de acordo com o Ano de Publicação do vídeo no canal 'Bianca Andrade'.

Tabela 4: Frequência de diminutivos (por mil palavras) da variável extralinguística “Ano de Publicação”

Ano de Publicação	Totais	-(z)inho	freq.	Média
2011	2.911	69	23,46	20,68
2012	8.341	199	23,86	
2013	11.524	256	22,21	
2014	14.968	456	30,46	
2015	18.940	406	21,44	
2016	19.874	466	23,45	
2017	12.585	329	26,14	
2018	7.045	131	18,59	
2020	9.032	78	8,64	
2021	22.376	173	11,98	
2022	6.325	126	19,92	
2023	460	9	19,57	

Fonte: a autora

A Tabela 4 apresenta um pico no uso de diminutivos em 2014 (30,46), seguido de 2017 (26,14) e 2012 (23,86). Em 2023 (8,64) e 2021 (11,98), observa-se uma queda considerável, indicando uma possível mudança discursiva na fala de BR ao longo dos anos. O decréscimo no uso de diminutivos ao longo dos anos pode estar relacionado a uma redução na carga afetiva da linguagem de BR, acompanhando mudanças na sua carreira de influenciadora digital e empresária de cosméticos feminino, com diminuição nos anos mais recentes devido à profissionalização da influenciadora digital. Essa redução nos anos mais recentes sugere um ajuste na linguagem de BR, possivelmente refletindo um tom mais profissional. A análise quantitativa revela que a frequência de ocorrências de diminutivos não é estável ao longo do tempo.

Os maiores índices de uso do diminutivo nos anos de 2012, 2014 e 2017 pode estar associado a alguns fatores: (i) postura para gerar proximidade e engajamento, pois, nos anos iniciais do canal, BR ainda estava se consolidando como influenciadora. O tom mais afetivo pode ter incentivado um uso maior de diminutivos, já que esse recurso pode criar proximidade com o público; (ii) conteúdo mais voltado a testes e resenhas, uma vez que, essa fase coincide com períodos em que BR produzia muitos vídeos de compras, recebidos, resenhas de produtos, cuidados com a beleza, categorias que,

conforme observado na variável "Categoria do Vídeo", apresentam maior frequência de diminutivos; e (iii) intensidade na forma de interação com o público, uma vez que nos primeiros anos do canal, 2011 e 2012, BR já interagiu com a audiência fazendo uso do diminutivo acima da média relativa com 23,46 e 23,86, respectivamente, o aumento desse uso a partir de 2014 quando BR começou a se popularizar e consequentemente houve um crescimento do canal e a consolidação de uma comunidade engajada, o uso do diminutivo pode ter sido fortalecido como parte de uma marca discursiva já reconhecida e apreciada pelo público para reforçar essa identificação.

A partir de 2018 (18,59), e especialmente em 2021 (11,98), 2022 (19,92) e 2023 (19,57), a frequência de diminutivos caiu consideravelmente. Isso pode ter se dado pela profissionalização do canal e mudança no discurso da influenciadora. Com o crescimento da carreira de BR, sua comunicação se tornou mais polida, possivelmente reduzindo o uso de marcas de oralidade excessivas, como os diminutivos. A mudança na temática dos vídeos pode ter sido um fato pelo qual nos anos mais recentes a frequência de uso começa a diminuir em relação aos anos anteriores, pois BR começa a produzir mais conteúdos diversificados, incluindo temas mais informativos, como vídeos sobre as estratégias de *marketing* da sua linha de maquiagem.

De 2011 a 2017, a frequência de diminutivos acima da média geral pode refletir a trajetória de BR como uma blogueira jovem, afetiva e acessível, uma vez que essa linguagem talvez ajudasse a *youtuber* a projetar uma imagem de "menina do bairro" que conversa de forma próxima com seu público feminino. A partir de 2018, a diminuição na frequência de diminutivos coincide com a transição de BR para uma postura mais profissional e madura. Essa mudança pode apresentar a necessidade de BR se reposicionar como empresária, *big boss* e dona de uma marca de cosméticos, o que exige maior credibilidade e uma imagem mais sofisticada, tendo em vista que foi em 2018 que BR lançou sua marca de maquiagem 'Boca Rosa Beauty'.

A diminuição no uso do diminutivo mostra que este não é um traço fixo da fala de BR, mas um recurso discursivo que se adapta ao momento da sua trajetória como influenciadora e empresária do nicho de beleza.

É interessante apontar também que, no estudo de Mendes (2012), as mulheres *cis*³, que mais fazem uso de diminutivos (média de 2,97 a cada mil palavras), tem uma média muito abaixo ao uso de diminutivos na fala de BR (com média de 20,68 a cada mil palavras). A comparação entre os dois estudos revela diferenças marcantes na frequência geral do uso de diminutivos, o que sugere importantes contrastes no papel sociolinguístico dessa forma em diferentes contextos. Por exemplo, Mendes (2012) observa o uso espontâneo do diminutivo na fala cotidiana, o que explica a baixa frequência, que coincide com a baixa frequência de diminutivos de BR em vídeos como *vlogs* onde ela se apresenta espontaneamente, informalmente. Isso sugere que, no dia a dia, o diminutivo tem uma função moderada, usada estrategicamente por determinados grupos, mas sem predominância absoluta. BR, por outro lado, usa diminutivos de forma muito mais intensa, o que pode estar relacionado ao contexto virtual que ela está inserida, utilizando o fenômeno para uma aproximação com o seu público, atenuar avaliações de marcas patrocinadoras e valorização dos produtos mostrados para seu público afetivando os itens lexicais e/ou os adjetivando de forma aprazível.

Esses resultados destacam a importância de considerar não apenas fatores linguísticos internos, mas também variáveis externas que moldam o discurso em contextos digitais. O estudo do uso dos diminutivos em diferentes recortes temporais e temáticos pode contribuir significativamente para a compreensão da construção identitária e da performance discursiva de influenciadores digitais no Brasil. A inter-relação entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas na fala de BR evidencia que o uso dos diminutivos, e mais que isso, a frequência nesses usos não é apenas um fenômeno gramatical, mas um recurso discursivo adaptável às necessidades comunicativas de cada gênero textual e contexto de produção, variando conforme aquilo que a *youtuber* quer comunicar. A predominância dos diminutivos em substantivos e adjetivos está diretamente vinculada a categorias discursivas voltadas para o consumo e a estética, enquanto a função afetiva do diminutivo se manifesta mais fortemente nos primeiros anos de produção de conteúdo.

O estudo demonstrou que a variação na frequência de uso de diminutivos na fala de BR é condicionada por variáveis linguísticas e extralinguísticas que fazem parte da interação da influenciadora com seu público. Dessa forma, a comunidade de práticas na

³ termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu gênero de nascença.

qual BR está inserida influencia diretamente o uso dos diminutivos, tornando o uso do fenômeno uma ferramenta discursiva ajustável conforme o propósito comunicativo desejado. A produtividade de diminutivos em vídeos promocionais e a redução em situações comunicativas informativas refletem a intencionalidade por trás desses usos linguísticos, demonstrando que o fenômeno não é apenas uma característica pessoal da influenciadora, mas também um reflexo de normas e expectativas da comunidade digital que ela está inserida, uma vez que a fala de um indivíduo é moldada pelas tendências da comunidade linguística à qual pertence.

Portanto, a análise quantitativa revelou a frequência e os contextos em que BR usa diminutivos, enquanto a análise qualitativa contribuiu para o entendimento de como essas escolhas se conectam com a imagem pública e as interações sociais de BR, como figura pública feminina que busca manter uma imagem acessível e engajadora para seu público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender, por meio de uma abordagem sociolinguística variacionista, como a frequência do uso de diminutivo na fala de BR varia conforme a Classe Gramatical, Semântica do Diminutivo no contexto da ocorrência, a Categoria dos Vídeos e Anos de Publicação (2011-2023). A investigação destacou que a influência das variáveis linguísticas e extralinguísticas no uso do sufixo *-(z)inho(a)(s)* na fala da *youtuber* está diretamente relacionada com a variação na frequência de ocorrência do fenômeno.

O conceito de comunidade de práticas, desenvolvido por Wenger (1998), sustentou a análise contextual, permitindo observar a influência do ambiente digital e da interação simbólica no uso de diminutivos, o que foi essencial para interpretar os resultados da análise qualitativa e quantitativa. A combinação desses fundamentos teóricos com a análise resultou em uma compreensão mais profunda do uso de diminutivos na fala de BR ao longo do tempo, marcada por variação na frequência de uso, em função de diferentes situações comunicativas, uma vez que a linguagem é moldada pelo engajamento contínuo dos indivíduos em interações sociais dentro de um grupo.

A abordagem quantitativa e a noção de heterogeneidade ordenada da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) foram fundamentais para identificar as regularidades e os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que influenciam o uso dos diminutivos na fala da *youtuber*, pois nos permitiu enxergar a variação na frequência de ocorrências do fenômeno como um sistema estruturado, sujeito a regularidades, cuja distribuição não é aleatória, mas sim condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos específicos.

A metodologia da pesquisa permitiu conectar os objetivos propostos às análises realizadas. A definição das etapas de coleta, transcrição, codificação e quantificação permitiu a realização da análise. Os resultados apontaram uma média de 20,68 diminutivos por mil palavras, com variações na frequência tanto nas variáveis linguísticas, quanto nas variáveis extralinguísticas, o que nos possibilita compreender que o uso dos diminutivos na fala de BR transcende a mera função denotativa de tamanho reduzido, revelando significados sociais.

Os resultados da análise evidenciam que a frequência de diminutivos varia significativamente conforme a Classe Gramatical. Os diminutivos ocorrem com maior frequência em adjetivos (111,72 por mil palavras) e substantivos (66,56 por mil palavras), o que indica uma forte relação com a função avaliativa e valorativa de adjetivos e substantivos, reforçando a tendência de qualificação de atributos e objetos com um tom mais suavizador nas avaliações e apreciação na nomeação e descrição de produtos. Em advérbios, a frequência intermediária (19,24 por mil palavras) indica um fenômeno de intensificação semântica, enquanto a baixa ocorrência em verbos (1,09), interjeições (11,15), numerais (3,18) e pronomes (0,47) demonstra que o sufixo diminutivo é menos produtivo em categorias com menor carga avaliativa. Esses dados reforçam a hipótese de que o diminutivo é um recurso preferencialmente empregado em categorias abertas gramatical e semanticamente para transmitir valoração, atenuação ou intensificação, sendo menos recorrente em palavras com função gramatical mais fixa e objetiva.

A análise da Semântica do Diminutivo revelou que a função conotativa-afetiva (18,44 por mil palavras) é amplamente predominante em relação à denotativa (2,23 por mil palavras), confirmando o papel do diminutivo nesta categoria como um recurso linguístico voltado para a construção de proximidade, envolvimento emocional e suavização de julgamentos. A ausência de usos depreciativos, irônicos ou pejorativos indica que o diminutivo, na fala de BR, está mais associado a estratégias discursivas de aproximação e valorização do discurso, especialmente em situações comunicativas voltadas para o consumo e a interação com seguidores. Essa predominância do uso conotativo reforça a ideia de que o diminutivo transcende sua função morfológica original e passa a operar como um marcador discursivo de afetividade na fala de BR.

Os resultados também indicaram que a frequência de diminutivos varia de acordo com a Categoria dos Vídeos analisados. As maiores incidências foram encontradas nas categorias *comprinhas* (30,21 por mil palavras), *recebidos* (27,16), *cuidados com o cabelo* (24,84) e *tutoriais* (24,42), evidenciando que o uso do diminutivo está fortemente relacionado a contextos em que a descrição e a avaliação de produtos são centrais. Essas categorias, por sua natureza comercial e promocional, favorecem o emprego do diminutivo para atenuar preços, criar uma relação afetiva com os objetos e gerar maior engajamento com o público. Por outro lado, categorias como *vlog* (15,77) e *DOC #MãeNaReal* (6,64) apresentaram uma frequência menor, sugerindo que vídeos de

tom mais pessoal, narrativo ou reflexivo demandam um uso mais controlado do diminutivo. Essa variação confirma que o diminutivo é um recurso adaptável, utilizado estrategicamente para diferentes propósitos comunicativos no canal de BR.

A análise da variável temporal Ano de Publicação mostrou que a frequência do diminutivo não se mantém estável ao longo dos anos, sugerindo uma mudança no discurso da influenciadora. O pico de uso ocorreu em 2014 (30,46 por mil palavras) e 2017 (26,14), anos em que BR consolidava sua popularidade no espaço digital e fortalecia a interação com seus seguidores. A partir de 2018, observa-se uma redução progressiva, culminando em 8,64 ocorrências por mil palavras em 2023. Esse declínio pode estar relacionado à profissionalização de sua imagem, alinhada à sua transição de influenciadora digital para empresária do setor de cosméticos, uma vez que em 2018 é lançada a marca ‘Boca Rosa *Beauty*’. A análise diacrônica, portanto, reforça que o uso do diminutivo na fala de BR não é um traço fixo, mas sim um fenômeno variável, sensível às mudanças em sua trajetória profissional e no posicionamento de sua marca pessoal.

A variação nas frequências de uso do diminutivo em cada variável analisada demonstra que esse fenômeno não ocorre de maneira aleatória, mas segue padrões estruturados e condicionados por fatores linguísticos e extralinguísticos. A predominância do diminutivo em substantivos e adjetivos, sua forte associação com a função conotativa-afetiva, sua maior incidência em vídeos de categorias comerciais e a redução de seu uso ao longo dos anos evidenciam que ele desempenha um papel discursivo estratégico na fala de BR. Esses achados reforçam a importância do estudo da frequência do diminutivo dentro da Sociolinguística Variacionista, pois permitem identificar como essa forma linguística é sensível a contextos sociais e comunicativos específicos. A abordagem quantitativa utilizada nesta pesquisa foi essencial para captar os condicionamentos que regulam o fenômeno e demonstrar que seu uso não se dá de maneira homogênea, mas varia conforme a intencionalidade discursiva da influenciadora. Assim, a investigação da frequência do diminutivo no *corpus* analisado pode contribuir para um entendimento mais amplo de como influenciadores digitais modulam sua linguagem para construir proximidade com o público, suavizar avaliações e reforçar vínculos interpessoais, aspectos fundamentais para a dinâmica comunicativa em ambientes digitais.

Futuras investigações poderiam explorar como essas práticas linguísticas se transformam ao longo do tempo na trajetória dos criadores de conteúdo e na dinâmica

de suas comunidades virtuais. Além disso, seria valioso investigar a aplicação de outros recursos linguísticos e multimodais na construção de significados em plataformas como o *YouTube*, ampliando o entendimento sobre as interações entre língua, mídia e sociedade. Uma análise também poderia ser feita comparando a fala de BR com a de outros influenciadores digitais, levando em consideração diferentes faixas etárias e gêneros. Isso ajudaria a identificar padrões de variação e a compreender como fatores como gênero e idade influenciam o uso do diminutivo, além de possibilitar uma comparação entre BR e outros influenciadores com públicos semelhantes.

Esses estudos futuros poderiam expandir o entendimento do uso do diminutivo, não apenas como uma característica individual da fala de BR, mas também como um fenômeno social e cultural, influenciado por múltiplos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Nosso trabalho contribui para os estudos de linguagem em ambientes virtuais, destacando como a Sociolinguística Variacionista pode ser aplicada ao entendimento de fenômenos nesse âmbito. Além disso, os resultados obtidos reiteram a relevância de considerar a língua em sua dimensão social, reafirmando-a como uma ferramenta dinâmica e, portanto, variável, pois embora não tenhamos estudado um conjunto de pessoas dentro de uma comunidade, ao compararmos os resultados da nossa análise com os resultados de pesquisas anteriores sobre o fenômeno, podemos ver que BR segue tendências linguísticas coletivas e que a análise da sua fala individual só é possível reconhecendo que a variação não é isolada, mas condicionada linguisticamente e extralinguisticamente no seio de interações coletivas. Além disso, as correlações estabelecidas com estudos anteriores sobre o fenômeno revelam não apenas traços individuais de BR, mas também confirmam padrões que refletem inclinações mais amplas de variação.

Por fim, esta pesquisa reafirma a importância de considerar a língua como um fenômeno vivo, dinâmico e social, cuja análise enriquece a compreensão das múltiplas formas de interação e expressão que emergem no mundo contemporâneo. Ao explorar os usos de diminutivos na fala de BR, este trabalho demonstra como fenômenos aparentemente simples podem revelar profundos significados sobre as práticas sociais e as identidades em formação.

REFERÊNCIAS

BASILIO, M. Formação e classes de palavras no português do Brasil. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2022 [1987].

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENEDETTI, Ione da Silva. *Morfologia do português: formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2004.

BIZZOCCHI, A. Tamanho é documento. In: Revista Língua Portuguesa, n.66, abril 2011.

BOOIJ, Geert. *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2011. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm>. Acesso em: 29/02/2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 29/02/2025.

BUCHSTALLER, Isabelle; D'ARCY, Alexandra. Localized globalization: A multi-local, multivariate investigation of quotative be like. *Journal of Sociolinguistics*, v. 13, n. 3, p. 291-331, 2009.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUKER, G. Richard (eds.). *Sociolinguistics: The essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003 [1960].

BRUGMANN, Karl. Grundriß der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen. 2. ed. Straßburg: Trübner, 1904.

CASTILHO, A. T. (2010). Abertura do léxico no português: um estudo sobre a formação de palavras e os empréstimos linguísticos. *Revista Brasileira de Linguística*, 10(1), 45-67.

CASTILHO, A. T. Gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. 40. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1994.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo [recurso eletrônico] / - 7. ed., reimpressão. — Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

CRUZ, Aline Da; AZEVEDO, Rita de Cássia de Oliveira. Um poquinho de Goiás: usos do diminutivo no noroeste goiano. *Goiás: Revista Porto das Letras*, Vol. 04, Nº 01, 2018.

DIEGO, Cecilia Criado de; HERRERO, María Antonieta Andión. "Variación y variedad de diminutivos y pronombres. Aspectos de interés para la enseñanza de español a lusohablantes." *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada*, vol. 10, nº 19, 2016, p. 1-20.

DOMINGUES, A. I. de A. (2017). *A interação digital e os discursos espontâneos: um estudo sobre letramento digital e argumentação*. Universidade do Minho.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

_____. Variation, Convention, and social meaning. Paper presented At The Annual Meeting off The Linguistic Society of America. California, 2005.

ECKERT, P. & MCCONNELL-GINET, S. "Think practically and look locally." *Annual Review of Anthropology*, vol. 21(21), 461–90, 1992.

ERNOUT, A., & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1959.

GUY, Gregory. A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo Inter dialetal nos padrões de variação linguística. *Organon*, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29. p. 17-32, 2007.

GUY, G; ZILLES, A. Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GRANDGENT, Charles H. A history of the Italian language. Boston: Ginn & Company, 1907.

GRIES, Stefan Th. Estatística com R para a linguística. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2019. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/elivros/Estat%C3%ADstica_com_R_Gries_%20Mello_et%20al.pdf>.

HOFFMANN, Carl. Die indogermanische Sprachwissenschaft. 2. ed. Heidelberg: Winter, 1958 [1926].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1995). *Raízes do Brasil*. 26ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

ILARI, R., & BASSO, R. M. (2006). *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Editora Contexto.

JURAFSKY, Daniel. *A Probabilistic Model of Lexical and Syntactic Access and Disambiguation*. Proceedings of the 34th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics (ACL), 1996.

KOCH, I. V., & ELIAS, V. M. (2006). *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.

LABOV, W. (1969). *Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula*. *Language*, 45(4), 715-762.

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W., & WEINER, J. (1977). *Existential sentences and syntactic change*. In Charles N. Li (Ed.), *Mechanisms of Syntactic Change* (pp. 291-314). Austin: University of Texas Press.

LABOV, W. *Where Does the Linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera*. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LAVANDERA, Beatriz R. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, v. 7, n. 2, p. 171-182, 1978.

LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1991.

LEE, S. H. Interface fonologia-morfologia: diminutivos no PB. *Revista Diadorim, Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Número especial 2013.

MAIA, J. P. (2016). *Youtubers: potencial de contribuição na educação sexual*. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico*, 4(2), 45-58. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13692?utm_source=chatgpt.com>

MARTOS, C.R.; MESQUITA, R.M. *Gramática Pedagógica*. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

MATTOSO CÂMARA JR., J. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1970.

MAIDEN, M. (2013). *The Romance Verb: Morphomic Structure and Diachrony*. Oxford: Oxford University Press.

MEILLET, A. *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. Paris: Hachette, 1937.

MEILLET, Antoine. *Le génie de la langue*. Paris: Champion, 1937.

MENDES, R. B. Diminutivos como Marcadores de Sexo/Gênero. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, p. 113-124, 2012.

MENDES, R. B. What is, gay speech' in São Paulo, Brazil. In: José Santaemilia; Patricia Bou; Sergio Maruenda; Gora Zaragoza. (Orgs.). *International Perspectives on Gender and Language*. Valência: Universitat de València, 2007.

MENDES, R. B., & OUSHIRO, L. (2012). *O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro*. Alfa, 56(2), 973-1001.

MENDOZA-DENTON, Norma. *Homegirls: Language and cultural practice among Latina youth gangs*. 1. ed. Malden: Blackwell Publishing, 2008.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Grammaire des langues romanes*. Vol. 1, Paris: Hachette, 1890.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Historische Grammatik der französischen Sprache*. Heidelberg: Carl Winter, 1908.

OLIVEIRA, M. A., & GOMES, S. C. Diminutivos e expressividade: um estudo sobre o português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, 57, 45-68, 2016.

OUSHIRO, Livia. "TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS COM O ELAN", p.117-132. In Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-010>>.

PAIVA, M. C. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 135-146.

PECUCH, Gabriele; PEREIRA, Hércius Batista. Práticas linguístico-sociais de rappers brasileiros. *Revista USP*, n. 138, p. 39-56, set. 2023.

PESTANA, Fernando. *A gramática para concursos públicos* / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PIMENTA, R. S. (2012). *Abertura do léxico e a formação de palavras no português contemporâneo*. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 12(2), 345-367. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982012000200007>

PINHEIRO, B. F. M. Pistas linguísticas e paralinguísticas para os sentidos dos diminutivos. Dissertação de mestrado. UFS: Sergipe, 2021.

PRETI, Dino. (2001). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: o Projeto NURC/SP*. São Paulo: Humanitas.

Preti, D. (2000). *O diminutivo no português brasileiro: aspectos morfológicos e sintáticos*. *Revista de Estudos da Linguagem*, 8(2), 105-127.

REZENDE, L. M., & MENON, M. A. (2019). *A carreira de influenciadores digitais no Brasil: Uma análise da relação entre a construção da identidade e as estratégias de marketing*. *Revista Brasileira de Comunicação Midiática*, 22(2), 143-163. <https://doi.org/10.1590/1678-119X/2020220202>

RODRIGUES, C. F. (2020). O diminutivo na linguagem publicitária: estratégias de persuasão e afetividade. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 18(3), 56-75.

RODRIGUES, E. F. S. de. Realizações dos sufixos -(z)inho/-(z)im no português brasileiro dialetal: análise variacionista. Tese de doutorado. UFMG: Belo Horizonte, 2015.

POSNER, Rebecca. *The Romance languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SALA, M. et al., *Vocabularul reprezentativ al limbilor romanice*. Bucu- rești: Științifică și enciclopedică, 1988.

SANTANA, Cristiane Conceição de; ANDRADE, Thaís Regina Conceição de; FREITAG, Raquel Meister Ko.; "Relações de gênero e formas de tratamento em uma comunidade religiosa", p. 254-266. In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.

SANKOFF, D., & THIBAUT, P. (1977). *Constant change and variable rules*. *Language*, 53(3), 595-614.

SANTANA, M. dos S. *O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação – do século XIII ao XX*. Tese

(Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

SCHERRE, M. M. P. Morfossintaxe e discurso oral. In: PEREIRA, A. (org.) Gramática do Português Falado. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

SERIANI, Luca. *Grammatica italiana: italiano comune e lingua letteraria, suoni, forme, costrutti*. Torino: UTET, 1989. ISBN: 978-8877500335.

SILVA, G. C. (1989). *Os sufixos avaliativos no português do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Tese de Doutorado, UNICAMP.

TAGLIAMONTE, S. A. (2006). *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge University Press.

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Editora Ática, 2003 [1985].

TAVARES, V. B. O Nordeste através da mídia digital: uma análise sociolinguística e cultural das publicações da fanpage nordestinos. 2019. 64f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos Linguísticos e Literários) - Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2019.

VILLALVA, Alina. Estruturas Morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português. Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VILLALVA, Alina. Sobre a formação dos chamados diminutivos No Português Europeu. XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, 2010, p. 787-793.

WENGER, E. Comunidades de prática: Aprendizagem, significado e identidade. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1998.